MINISTÉRIO DA SAÚDE

De sonhação a vida é feita, com crença e luta o ser se faz

Roteiros para refletir brincando: outras razões possíveis na produção de conhecimento e saúde sob a ótica da educação popular

Brasília – DF
2013

MINISTÉRIO DA SAÚDE
Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa
Departamento de Apoio à Gestão Participativa

De sonhação a vida é feita, com crença e luta o ser se faz

Roteiros para refletir brincando: outras razões possíveis na produção de conhecimento e saúde sob a ótica da educação popular

Brasília – DF
2013

© 2013 Ministério da Saúde.
Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial. A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens desta obra é da área técnica. A coleção institucional do Ministério da Saúde pode ser acessada, na íntegra, na Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde: <http://www.saude.gov.br/bvs>.

Tiragem: 1ª edição – 2013 – 3.000 exemplares

Elaboração, distribuição e informações:
MINISTÉRIO DA SAÚDE
Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa
Departamento de Apoio à Gestão Participativa
Coordenação-Geral de Apoio à Educação Popular e Mobilização Social
SAF Sul, Quadra 2, lotes 5/6, Edifício Premium, Torre I, 3º andar, sala 303
CEP: 70070-600 – Brasília/DF
Tel.: (61) 3315-8893
Fax: (61) 3315-8840
Site: www.saude.gov.br/sgep
E-mail: sgep.dagep@saude.gov.br

Coordenação e elaboração de texto:
Ray Lima

Colaboração:
Alivre Lima
Elias José
Jadiel Felix de Lima
Neusa Goya
Pedro José Santos Carneiro Cruz
Theresa Cristina de A. Siqueira
Vanderléa Pulga Daron
Vera Lúcia A. Dantas

Ilustrações e fotografias:
Alivre Lima
Josenildo Nascimento
Mayana Azevedo

Capa:
Alivre Lima

Projeto gráfico:
Josenildo Nascimento
Mayana Azevedo
Ray Lima

Editora responsável
MINISTÉRIO DA SAÚDE
Secretaria-Executiva
Subsecretaria de Assuntos Administrativos
Coordenação-Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Gestão Editorial
SIA, Trecho 4, Lotes 540/610
CEP: 71200-040 – Brasília/DF
Tels.: (61) 3315-7790/3315-7794
Fax: (61) 3233-9558
Site: www.saude.gov.br/editora
E-mail: editora.ms@saude.gov.br

Normalização: Daniela Ferreira Barros da Silva
Revisão: Paulo Henrique de Castro e Faria e Silene Lopes Gil
Supervisão Editorial: Débora Flaeschen

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Ficha catalográfica

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa.

De sonhação a vida é feita, com crença e luta o ser se faz: roteiros para refletir brincando : outras razões possíveis na produção de conhecimento e saúde sob a ótica da educação popular / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. – Brasília : Ministério da Saúde, 2013.

252 p. : il.

ISBN 978-85-334-1993-3

1. Articulação nacional de movimentos e práticas de educação popular em saúde. 2. Educação em saúde. 3. Cenopoesia. I. Título.

CDU 614.3

Catalogação na fonte – Coordenação-Geral de Documentação e Informação – Editora MS – OS 2013/0047

Títulos para indexação:
Em inglês: Life is made of dreams, with belief and struggle the wight makes itself: scripts to reflect playing: another possible reasons on the producing of knowledge and health beneath the optic of popular education
Em espanhol: De soñación se hace la vida, con creencia y lucha se le hace el ser: guiones para reflexionar jugando: otras razones posibles en la producción de saber y de salud bajo la óptica de la educación popular

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO **5**
Cenopoesia... Diálogos que se Abrem em Cenários Múltiplos.
Cores, Caras, Gestos, Palavras e Atos em Poesia... **5**
Cirandas da Vida no Roteiro da Cenopoesia de Ray Lima **9**

PREFÁCIO **13**
Cenopoesia e Extensão Popular: Um (Re)encontro Amoroso e Crítico para a Mudança da Formação Universitária e de seu Compromisso Social **13**

INTRODUÇÃO **21**
Das Cirandas da Vida aos Processos de Educação Popular e Saúde no Ceará e no Brasil **21**

BREVES PALAVRAS: Cenopoesia, Intervenções, Vivências e Leituras Cenopoéticas **29**

DOS ROTEIROS SELECIONADOS **41**
Encontro Regional do Centro-Oeste de Educação Popular e Saúde – Chapada dos Guimarães/MT – de 21 a 24 de maio de 2010 **42**
Encontro Regional de Educação Popular e Saúde do Nordeste I – Fortaleza/CE – em 2, 3 e 4 de junho de 2010 **43**
Encontro Regional de Educação Popular e Saúde do Sudeste – Rio de Janeiro/RJ – de 28 a 30 de junho de 2010 **44**
IV Conferência Nacional de Saúde Mental – Brasília/DF – de 26 a 30 de junho de 2010 **45**
I Fenagep – Brasília/DF – de 30 de junho a 4 de julho de 2010 **47**
III Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde e I Encontro de Práticas Integrativas e Populares de Cuidado – Goiânia/GO **48**
10° Congresso da Rede Unida – Rio de Janeiro – de 6 a 9 de maio de 2012 **50**

ROTEIROS CENOPOÉTICOS **53**
Nós, Profissionais dos Vínculos, Trabalhadores da Vida **55**
De Sonhação o SUS é Feito, com Crença e Luta o SUS se Faz **67**

Educação Popular, Escola Permanente da Vida **83**
A Cidade Viva Alimenta a Participação **93**

ROTEIRO CENOPOÉTICO (para o Caps AD do Pirambu) **107**
Nada Continua Como Está **115**

ROTEIRO CENOPÉTICO PARA OUVIDORES **129**
Encontro Estadual de Ouvidoria do Ceará – Nov. 2010 – Adaptado do Roteiro de 2008 **129**
Um Papo Comigo Mesmo: um Mergulho Possível e Necessário **147**
Doença Falciforme **157**
Canto de Homenagem a Paulo Freire **167**
Cirandas Ampliadas de Aprendizagem e Pesquisa **181**
Lâminas: Roteiro Cenopoético Baseado no Livro Homônimo **217**

POSFÁCIO **243**

REFERÊNCIAS **247**

APRESENTAÇÃO

Cenopoesia... Diálogos que se Abrem em Cenários Múltiplos. Cores, Caras, Gestos, Palavras e Atos em Poesia...

Neusa Goya [1]

Aqui a cena faz tchan!!!
e começa por mim o espetáculo

o homem-não-arte não sente não vê
não dá importância ao homem-arte
mas o homem-arte olha
observa estuda absorve transforma absolve
transumaniza o homem-não-arte...
(LIMA, 1994, p. 13).

As palavras saem cruas, misturadas, desenhando o inédito em sentidos não vistos, não percebidos, não vivenciados. Em cena, a diversidade de expressão sentindo, pensando, fazendo e refazendo o dia a dia do Sistema Único de Saúde. Sujeitos em movimento. Aqui, lá e acolá.

Segundo o educador em construção, meu amigo querido Ray Lima (1994), as expressões diversas da cenopoesia formam o "exercício da comunicabilidade aberta, libertária e espontânea através das interfaces solidárias e amorosas das linguagens artísticas".

[1] É graduada em Serviço Social pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Curitiba, com especialização em Gestão de Sistema Local de Saúde pela Escola de Saúde Pública do Ceará. Mestre em Saúde Pública pela Universidade Federal do Ceará, coordenou e acompanhou processos de análise de indicadores, situações de saúde e tendências para a formulação de políticas e planejamento em saúde; atua em processos de organização da atenção especializada; na edição e revisão de publicações variadas no campo da saúde coletiva. Integrou a equipe técnica da Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza, coordenando a área de Inteligência de Gestão e Inteligência Epidemiológica e a Contratualização de Serviços de Saúde da rede complementar. Coordenou, em Fortaleza, as pesquisas "Redes sociais e saúde" e "As redes e a análise dos determinantes sociais como dispositivos de gestão e controle social para o PSF e os Caps", realizada pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia/Nucem da Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente, é consultora nacional da Organização Pan-Americana da Saúde para prestar assessoria técnica e acompanhamento das atividades, do planejamento e da programação da Rede Interagencial de Informações para Saúde (Ripsa).

É o caminhar instituinte porque revestido do novo. O novo que quebra regras, que revoluciona a linguagem, a expressão, a forma, o conteúdo, o jeito de fazer.

Quantas vezes não tive eu a sorte e o prazer imenso, em meio a um debate, uma palestra, uma fala sobre saúde, de ser, de repente, surpreendida por uma voz a cantar, declamar e um homem-arte a intervir poeticamente, declaradamente inusitado!

Escuta, escuta!
O outro, a outra já vem.

Escuta e acolhe.
Cuidar do outro faz bem (LIMA, 2008).

Ele rouba a cena, mas como um gesto de paz, de solidariedade, de acréscimo! Sua intervenção acolhe, movimenta e problematiza. Aproxima o outro que sentado está a ouvir, convida-o a participar, a dialogar, a trocar, a contribuir, a se inquietar, a fazer saúde como um ato de vida!

É a cenopoesia com seus homens, mulheres e crianças-arte.

É o caminho que vem sendo trilhado – aprendido e construído – pela voz e pelos atos dos que fazem a educação popular em saúde, especialmente os cirandeiros das Cirandas da Vida[2]. É o exercício da alteridade, de olhar e sentir o outro. De ser pelo outro, com o outro.

[2] "As Cirandas da Vida configuram-se como ação estratégica de Educação Popular do Sistema Municipal de Saúde Escola – surgem por iniciativa dos movimentos populares articulados pela Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde (Aneps), vinculada à Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza (CE) no contexto da educação permanente e centrada nos princípios e nas práticas da educação popular na luta pelo direito à saúde de qualidade para todos". Disponível em: <http://www.cirandasdavida.blogspot.com.br/p/quem-somos.html>.

A cenopoesia faz bem à Saúde! Remexe com o que já está devidamente assentado, subvertendo a lógica da mesmice cultural dominante, nos proporcionando intervenções e práticas impregnadas de movimento e sentidos. Novos sentidos.

Aquela discussão em saúde, aquele grupo, aquele atendimento, aquela visita... revestem-se de significados, porque a intervenção da cenopoesia dá centralidade ao humano!

De sonhação a vida é feita, com crença e luta o ser se faz, organizado pelo meu amigo querido, companheiro de caminhada, devaneios e desejos, Ray Lima, que oferece a nós todos, sanitaristas, fazedores e pensadores do SUS, vivências múltiplas de coautores, que falam sobre seu encontro com a cenopoesia, relatando sobre sua aplicabilidade.

Os roteiros apresentados foram construídos em meio às trilhas e andanças das Cirandas da Vida... São roteiros em forma de poesias, músicas, diálogos, problematizando o SUS e convidando o outro a refletir, a se implicar, a "cirandar". São roteiros que fazem emergir o humano no sentido freireano e desenham a cara e o jeito de ser e fazer a educação popular em saúde. São construções vivas!

Afirmo, então, sem medo de ser feliz, que a cenopoesia tem raiz ideológica na libertação dos povos, na inclusão social, na produção do conhecimento vivo, porque nascida da prática, das lutas populares, do cotidiano.

Há, assim, a valorização explícita de conhecimentos diversos e a inclusão de práticas ditas "não científicas", por compreender que a Saúde refere-se a um objeto complexo. E, assim sendo, requer intervenções não reducionistas ou simplicadoras, mas atos em comunhão que integrem sujeitos, vivências, saberes. Atos complexos em meio à complexidade da vida.

A cenopoesia não nega a produção acadêmica. É preciso assinalar isso. Mas avança ao reconhecer e, mais do que isso, ao incorporar, no sentido da sua existência, o saber e as práticas populares como produções também científicas. Os horizontes do conhecimento, com técnicas e métodos, se ampliam. Ganham luz, cor e matizes variadas. A cenopoesia se ilumina e ilumina a teia da complexidade em que se insere a Saúde.

Por isso, repito: a cenopoesia faz bem à Saúde e ao SUS!

A todos, uma boa leitura! E, mais do que isso, uma boa vivência!

Cirandas da Vida no Roteiro da Cenopoesia de Ray Lima

Por Elias J. Silva[3]

A cenopoesia é uma maravilhosa invenção do poeta e escritor Ray Lima. Trata-se de uma "misturança" das diversas linguagens artísticas que se interfaceiam para materializar o que o autor concebe como cenopoesia. Ray Lima aportou nas Cirandas da Vida em 2008. Procurava-se um assessor artístico pedagógico. Sua inserção no processo das Cirandas veio a garantir, sob a perspectiva da arte, a ascensão deste 'inédito viável' em forma de linguagem e expressão: cenopoesia! Para o coletivo das Cirandas da Vida, bem como para o desenvolvimento das nossas ações, a perspectiva cenopoética se apresentou como caminho que comunica diversidade: diversidade que conduz ao universo do ser, dos sonhos, das lutas, das crenças e dos valores que fundamentam o ato-limite da "sonhação". A sonhação de que fala Ray Lima é, ao mesmo tempo, um ato amoroso e determinante de pensar e agir. Os roteiros cenopoéticos produzem pensamento e provocam para o sentido da ação consequente, geram inquietudes e problematizações que comportam afeto e tomada de atitudes frente à realidade concreta. Daí que, sob um olhar também poético, assim me reporto:

> *A cenopoesia engraçou / Inquietou ou provocou a roda de Ciência e Arte? / Que conversa entre ciência e arte conforta e desconforta? / Que roda fecha ou abre portas? / Quantas janelas podem ser abertas numa roda de Ciência e Arte? / Que apelos derivam da Arte para a Ciência? / E que Ciência tem aderência com o coração da Arte? (SILVA, 2011).*

[3] Elias José da Silva, educador popular e poeta, é coordenador da Estratégia Cirandas da Vida de Educação Popular, vinculada ao Sistema Municipal de Saúde Escola da Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza (CE).

As intervenções e os atos cenopoéticos vêm construindo respostas para muitas perguntas que não podem calar. No contexto da saúde coletiva, a educação popular abraçou a cenopoesia e ganhou mais encanto, para além do lúdico que é inerente a todo ato de ser com arte. Existe uma tecnologia de gerar conexões neste ideário cenopoético que encaminha para o ser amoroso e concreto em suas situações e em seus atos-limite com o diferencial da razão de ser de afeto, sem deixar de ser problematizador e ao mesmo tempo provocante.

Ciência e arte se cruzam na linguagem cenopoética de Ray Lima, *"posto que o coração da Arte é movimento / E o movimento provoca e mobiliza a Ciência / Para o SER MAIS dos nossos / Fazeres / Quereres / Cantares / Viveres / E lutares" (SILVA, 2011).*

Para concluir este meu olhar inconcluso sobre uma linguagem que não comporta finitude, apenas reforço este "roteiro": em todos os momentos das Cirandas da Vida, em sua articulação no território vivo da saúde feita em ato, a cenopoesia vem aprofundando e sedimentando o caminho da educação popular e das práticas integrativas e populares de cuidado, razão por que deixo a arte como 'conclusão infinda'.

> *O produto amoroso da arte cenopoética de Ray Lima / como tecnologia leve de ser cuidado e ser cuidador / Seduz e se deixa seduzir pelo coletivo dos olhares... / Os olhares da Arte instigam e chamam a Ciência para "fazer amor". Quando a Ciência abraça a Arte e a Arte aperta a Ciência / Dá-se a troca fecunda de olhares e de novos saberes e experiências / A Ciência tira a Beca e nua diz para a Arte / Eu vou! / O verbo é "Ir"! O mesmo que fazer amor! A Arte sempre nua espera por este momento! Acasalamento marcante que encaminha ao verbo "evoluir" / Evoluir como Ciência viva / Na Arte viva de SER! (SILVA, 2011).*

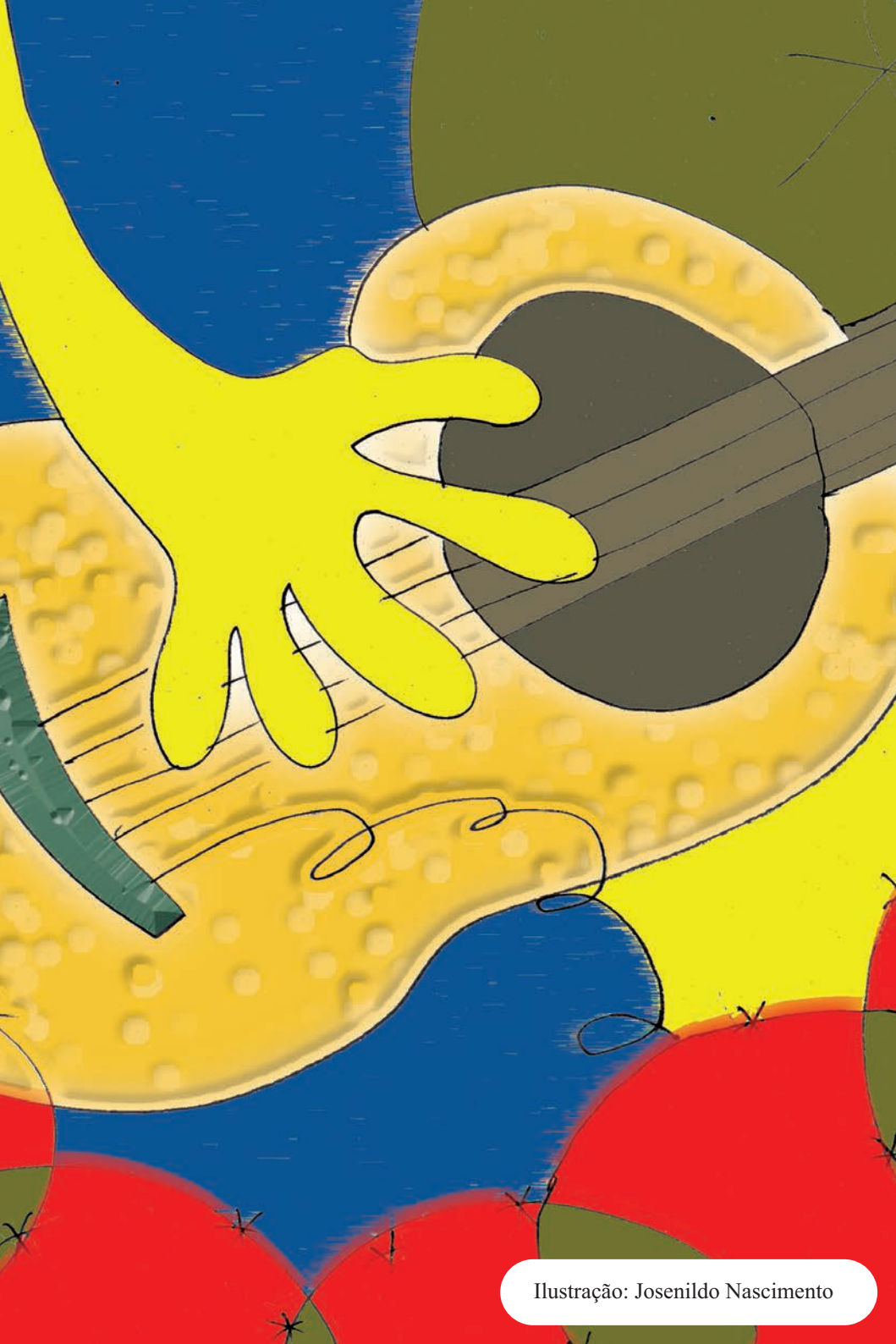

Ilustração: Josenildo Nascimento

PREFÁCIO

Cenopoesia e Extensão Popular: Um (Re)encontro Amoroso e Crítico para a Mudança da Formação Universitária e de seu Compromisso Social

Pedro José Santos Carneiro Cruz [4]

Após nove anos de experiências com atividades de extensão universitária orientadas pela educação popular, estou convencido de que a educação popular é algo para ser sentido, vivenciado e saboreado, em que pese ser ela uma teoria do conhecimento e uma metodologia organizadora de ações. Para compreendê-la, precisamos senti-la incorporada na prática com interações, posturas, dinâmicas e atividades nas quais se desvela um sentir, pensar e agir comprometidos com a humanização permanente das mulheres e dos homens, com a participação ativa destas pessoas na condução de suas vidas, com o questionamento constante às condições materiais e subjetivas injustas que oprimem e incomodam, assim como o respeito sem precedentes ao que é da natureza e do meio ambiente.

Sendo assim, antes mesmo de "me encontrar" com Paulo Freire e outros teóricos, descobri a educação popular no modo como interagia com famílias de uma comunidade de periferia urbana de João Pessoa, a Maria de Nazaré. Os procedimentos de saber escutar as pessoas, ter paciência histórica, compreender as contradições e complexidades da vida, questionar os poderes opressores que estão postos constituíram elementos que aprendi na prática, enquanto tentava, junto com os colegas extensionistas e professores, desvendar com a comunidade caminhos possíveis para a

[4] Nutricionista e educador popular, ele é membro da Articulação Nacional de Extensão Popular (Anepop) e militante dos coletivos nacionais de educação popular em saúde. Atualmente, participa da coordenação dos projetos de extensão popular: "Práticas Integrais da Nutrição na Atenção Básica em Saúde" e "Vidas Paralelas Paraíba: saúde, cultura e educação popular na saúde do trabalhador", na Universidade Federal da Paraíba, à qual está vinculado como professor substituto do Departamento de Promoção da Saúde.

promoção da saúde com dignidade e a efetivação de seus direitos de cidadania. Tudo isto num processo carregado pela amorosidade e emoção, na medida em que não fazíamos todas aquelas ações somente por uma opção racional de, enquanto acadêmicos, aprender como atuar logicamente por esta metodologia. Fazíamos tudo aquilo porque nos importávamos com aquela realidade, sentíamo-nos inseridos de modo ativo nelas e julgávamo-nos também membros da comunidade, porque acolhidos por aquele povo com a consciência dos limites de nossa atuação. Mas sobretudo ansiosos por construir um saber-agir pautado pela confiança, pelo vínculo e pelo respeito amoroso às pessoas da comunidade, o que passou a ser elemento-chave para atuarmos de modo mais compromissado com aquele povo.

Aos poucos, fui também descobrindo que, mesmo carregada de emoção e amorosidade, a educação popular possuía elementos teóricos e metodológicos objetivos, e nossa atuação carecia de estudos, aprofundamentos e questionamentos sistemáticos para ser desenvolvida de forma melhor. No entanto, algo ainda faltava em toda esta caminhada que fui desvelando na educação popular, por meio da extensão popular. Descobrindo a educação popular a partir da ação mesma na extensão. Depois, nos livros, intensificando e aprofundando o tema. Mas algo faltava. Mesmo que por muitas ocasiões estivesse imersa em emoções e afetos, a extensão popular ainda parecia algo dissociado de outras dimensões de nossas vidas. Os meios para despertar a criatividade em suas ações ainda eram muito racionalmente ou discursivamente construídos, nas rodas de conversas e diálogos. Falta senti-la transbordar em outros referenciais menos racionalmente tradicionais e discursivos, para referenciais do brincar, do tocar o(a) outro(a), da fantasia, dos gostos humanos, dos imaginários, da música, da poesia, da dança, do teatro, do cinema, do ser humano por inteiro, enfim.

Foi então que me encontrei com a cenopoesia pelos braços, pelos corações, pelas canções e pelos abraços de Ray Lima, além de Júnio Santos e Vera Dantas.

Meu encontro com a cenopoesia somente pode ser explicado com uma sensação: aquela que temos quando escutamos de novo uma cantiga antiga, daquelas cheias de carinho, cuidado e emoção que escutávamos e cantávamos durante a infância, mas a objetividade racional fria da vida adulta nos fez esquecer delas à medida que crescemos. Pois foi com este encontro com a cenopoesia que comecei a perceber de modo profundo e intenso como a educação popular tinha braços, abraços, pernas, mãos, aconchegos, vozes, cantos, gritos, olhares, sorrisos, lágrimas, beijos, angústias, raivas, alegrias, encontros, desencontros. Foi com a cenopoesia que aprendi que para falar e fazer educação popular não precisaríamos somente mergulhar em livros e assistir a palestras ou mergulhar somente em ações. Por mais que a vivência com a comunidade na extensão popular tivesse me ensinado a potência pedagógica da amorosidade expressa em gestos, palavras, abraços e vínculos sinceros de confiança, foi por meio da cenopoesia que passei a entender de modo mais aprimorado como as palavras, os cantos, os encontros, os abraços e os atos simples poderiam expressar um milhão de coisas do que é a educação popular de modo vivo, vibrante, tocante e expressivo.

Ademais, fui percebendo, especialmente a partir de encontros com a cenopoesia em grandes congressos da educação popular, o quanto esta vivência oportunizava uma mobilização significativa de pessoas em torno dos debates da educação popular, sem precisarmos mesmo, por exemplo, citar as palavras de ordem de nosso movimento. Gestos e reflexões como "cuidar do outro é cuidar de mim", "os espaços têm cheios, vãos e fuis, pontas e meios, veias e veios, vazios não, vazios não, vazios..." (LIMA, 2005, p. 66),

> [...] bocados de molambos molhados manchando o chão... bocados de molambos molhados manchando o chão [...] mas o que tinha dentro era gente ainda, era gente ainda [...] mas o que tinha dentro era gente ainda, era gente ainda [...] (LIMA, 2009, p. 65-67)

entre outras, permitiam a identificação imediata das pessoas com as grandes questões, os problemas e os caminhos do movimento de educação popular, o que nos permitia agregar novos atores e

convidá-los, ou acolhê-los, no movimento de modo criativo, processual e amoroso.

A partir deste encontro, meu e de muitos outros membros do movimento de extensão popular, muitos outros encontros com a cenopoesia passaram a ser encampados. Acredito que, para a Articulação Nacional de Extensão Popular (Anepop) encontrar-se com a cenopoesia, isso representa uma oportunidade de contemplar a arte e a subjetividade, entrando num diálogo no qual não se fala apenas com a boca e não se pensa apenas com a cabeça, mas se interage de corpo, alma e ser inteiro, num exercício coletivo de admirar o belo, de questionar a si mesmo, aos outros e ao mundo.

Nessa perspectiva, a cenopoesia nos trouxe uma reflexão não apenas acerca da extensão popular, muito menos apenas da universidade, menos ainda da ciência tão somente. Esta é uma reflexão provocante sobre um pouco de tudo isso e mais: amorosa e cheia de diálogo, incentiva um olhar criativo de nós sobre nós mesmos – nossa existência no mundo e o que seguimos produzindo, construindo, articulando, conservando, transformando e testemunhando. Extensão popular é mais do que pensar um problema específico, uma comunidade localizada ou um conjunto extenso de metas. É ser, estar, compreender e mudar o mundo.

A cenopoesia ensinou a mim e a muitas pessoas da extensão popular que cultura pode significar a expressão diversa e multifacetada de sentimentos, costumes, ideias, interesses, desejos, concepções e sabedorias direcionados à humanização permanente dos homens e das mulheres. Cultura como expressão mais cristalina da vocação dos seres humanos em saber e poder ser mais, encharcando as relações sociais de práticas e ideais de solidariedade, colaboração, participação, igualdade de direitos e justiça. Cultura não como instrumento ou dispositivo de dominação, mas como elemento ético inspirador da vocação humana de melhorar constantemente o mundo e as condições de viver para todas e todos. Cultura como caminho para expressão de produtos (artes, criatividades, subjetividades) estritamente direcionados à emancipação social, humana e material.

Num encontro transformador, cultura e extensão popular podem então ser capazes de articular a ênfase na cultura popular a um processo de estímulo à capacidade crítica e criativa da população em reforçar sua emancipação social, humana e material, além de gerar subsídios pedagógicos e políticos suficientes para o entendimento acerca de seus direitos humanos e sociais e a mobilização dos recursos necessários para a conquista da vida com dignidade, realização e felicidade coletiva.

No seio destes empreendimentos, será cotidianamente alimentado um acervo cultural vivo, vibrante e ativo, expressado por conhecimentos, tecnologias, práticas e saberes úteis à construção de possibilidades de ação social participativa no âmbito acadêmico. Assim, na base das experiências de extensão popular, será possível compreender cultura não apenas como uma área de atuação, mas – preponderantemente – como um princípio ético e um elemento social impulsionador dos processos de mudança estrutural na vida em sociedade. No campo acadêmico, especialmente por novas balizas na formação acadêmica e por novos horizontes a serem vislumbrados para o comprometimento social da universidade.

Diante destas considerações, cumpre destacar que, ainda, é tímido o debate em torno da extensão popular e de seu diálogo com a cultura, mesmo que boa parte dos empreendimentos culturais em extensão se oriente pela perspectiva da educação popular. Ademais, no movimento nacional de extensão popular, pouco ainda se discute sobre a relevância singular e a contribuição significativa que as experiências extensionistas na área de cultura e a cultura – enquanto campo do saber – vêm gerando neste desafiador processo de repensar a universidade.

Por isso, acredito que esta nova obra do amigo querido e companheiro Ray Lima enseja uma oportunidade singular para as pessoas que cultivam cotidianamente a extensão popular: (re)encontrar-se consigo mesmo(a), com os(as) outros(as), com o mundo e com as dimensões mais criativas, imaginárias e emocionadas de nossas vidas. As

palavras, os gestos e as reflexões trazidos por Ray Lima neste livro poderão nos trazer novas e desafiadoras perspectivas de pensarmos a extensão popular, pois nos permitirão extrapolar os limites de uma educação popular feita preponderantemente por discursos falados, lógicas tradicionalmente racionais e alguns desvios academicistas. Poderemos, assim, pensar numa extensão popular, em que a construção coletiva e partilhada deixa a seara restrita das reivindicações para se transformar em gestos, atitudes, vivências e encontros encharcados de humanidade, criticidade, poesia, arte e amor. Um encontro humano para a humanização de mulheres e homens compromissados(as) com a humanização do mundo, a superação das condições materiais injustas que o cercam e o estabelecimento de uma ordem nova, pautada também por um respeito reverencial à natureza.

A cenopoesia certamente não será a única e decisiva resposta para todos os problemas, tampouco o único caminho para os horizontes aqui almejados. Contudo, posso dizer, de modo sincero, grato e emocionado, que é um caminho muito relevante, necessário de ser conhecido, e cujos caminhos devemos nós, extensionistas populares, nos atrever a percorrer.

Ilustração: Mayana Dantas

INTRODUÇÃO

Das Cirandas da Vida aos Processos de Educação Popular e Saúde no Ceará e no Brasil

Vera Dantas [5]

O dialogismo entre a cenopoesia e a educação popular em saúde se constitui em um percurso que se delineia com o movimento de criação da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde (Aneps), cuja atuação no Ceará e em outros estados do Brasil possibilitou a interação com diversos atores do campo da educação popular e saúde.

A Aneps nasceu da interação de pessoas advindas dos movimentos populares, das universidades e dos serviços de saúde, com o objetivo de articular e apoiar movimentos e práticas de educação popular em saúde. No Ceará, esse movimento se fortaleceu especialmente a partir de encontros de compartilhamento de saberes e fazeres desses atores em seus movimentos, aos quais chamamos de *Farinhadas*, que alimentaram o desejo de preparar essa formulação coletiva de conhecimento e ação transformadora.

As Farinhadas no Ceará propiciaram encontros entre o Movimento de Reabilitação das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (Morhan), às voltas com as lutas contra o estigma da hanseníase, e os índios Tapeba, na luta pela retomada das terras que lhes foram roubadas.

Também na Aneps vivia-se a escuta atenta à arte e aos dizeres populares, e esses momentos de aprendizagem e partilha fertilizaram reflexões com os grupos de coco do Cariri, em sua feição de extenso sertão ao mesmo tempo desigual socioeconomicamente e rico culturalmente, e com

[5] Vera Lúcia de Azevedo Dantas é médica, atriz, reikiana e educadora popular. Mestre em saúde coletiva pela Universidade do Estado do Ceará (Uece) e doutora em educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Ela é também articuladora da Aneps e militante dos coletivos locais, regionais e nacionais de saúde.

o movimento Escambo Popular Livre de Rua, que traz os grupos à margem do teatro que se faz no eixo das grandes capitais e das casas de espetáculos. Diálogos entre os Círculos de Cultura Brincantes, os jovens do Pici e com os fóruns de teatro do Semearte, vinculado ao Movimento de Saúde Mental Comunitária no Bom Jardim. Daí foi possível também a estruturação de atos-limite envolvendo mulheres do Conjunto Palmeiras, em sua luta contra a violência de gênero, e o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, em sua intervenção que envolve, em ações cidadãs, jovens em situação de conflito com a lei e/ou de exploração sexual.

A Aneps, assim, teceu uma caminhada que tem as cores e os desenhos dos movimentos que constituem a sua articulação no âmbito popular. Como espaço de articulação de movimentos e práticas, faz também nascer um novo segmento do movimento social, no sentido apontado por Touraine (1989), ao propor uma rede de micromovimentos que buscam constituir movimentos de organização ou de transformação da vida social na constituição das politicas de forma a fortalecer a participação da sociedade civil na transformação da sociedade política. Da interação e do protagonismo dos movimentos e práticas que originaram a Aneps surgem as Cirandas da Vida.

Situadas no contexto da Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza, as Cirandas da Vida nascem como projeto e atualmente firmam-se como ação estratégica de educação permanente do Sistema Municipal de Saúde Escola, que busca a perspectiva popular na luta pelo direito à saúde.

Tendo como ponto de partida a possibilidade de delinear caminhos de reconstituição coletiva da memória social das comunidades em situação de vulnerabilidade social de Fortaleza, expressa como suas histórias de luta e resistência, os atores e as atrizes sociais envolvidos nas rodas das Cirandas da Vida apontam situações-limite e potencialidades, construindo coletivamente possibilidades de transformação da vida no lugar e do lugar em que se vive.

A educação popular no contexto das Cirandas da Vida constitui-se em base pedagógica do processo, configurando um espaço privilegiado para diálogos com interlocução de saberes e práticas entre gestores, profissionais e cidadãos em geral. Neste percurso, os profissionais e a população podem interagir e descobrir juntos, formas coletivas de aprendizagem e investigação que partem da realidade vivida e sempre de forma problematizadora e comprometida com a transformação da realidade. Por intermédio destas iniciativas, é possível devolver aos sujeitos/atores das práticas educativas o lugar de partícipes do processo de construção do conhecimento coletivo, que também se expressa nas linguagens da arte, por meio das quais é possível buscar dimensões mais totalizadoras do sujeito, que, em geral, são esquecidas nos processos de conhecer – como a do corpo, da estética, da ética, da religiosidade e da afetividade, tomando como sujeito das práticas de saúde esta compreensão mais totalizadora de ser humano. Expressividade e dialogismo são portas de olhar de onde tentamos ver como convivemos e interagimos, profissionais e população, por intermédio dos nossos corpos, nossas falas, nossas culturas, nossa arte, que são matrizes fundamentais de nossas identidades.

Dessa forma, a expressividade da arte, no dialogismo vivido nas rodas das Cirandas, nos remete à importância do ato de criar e recriar, entendido como algo profundamente ligado ao viver, ao enxergar o mundo.

Também para a perspectiva freireana (1999, 1987), outra base da proposta, educar não é simplesmente transmitir conhecimentos, mas estabelecer diferentes possibilidades para a sua constituição, mediante uma relação dialógica, problematizadora, participativa e libertadora.

Ao se situarem no campo da educação popular, apoiam uma formação política que constitui o concerto assentado também sob a forma de dizer da arte, em um processo que objetiva ser participativo e que inclui discussão, reflexão crítica e possibilidade de diálogo concreto, descortinando espaços-cenários de "dialogicidade", cuja singularidade está na polifonia de vozes e na estruturação de ações em que convivem saberes diversos emoldurados sob a óptica da inclusão.

As expressões artísticas, como espaços de criação e problematização, representam, também, a possibilidade da emergência do lúdico, do simbólico e das dimensões em geral subtraídas dos processos formativos.

Nesse sentido, a arte, por sua capacidade de permanecer vinculada às fontes da vida e da morte das comunidades, envolve a criação de laços solidários e comprometidos com a libertação, constituindo-se como elo que articula saberes diferenciados, sensibiliza os diferentes atores envolvidos e exprime as representações que o homem elabora com respaldo na sua leitura do mundo na perspectiva de conhecer e intervir sobre a realidade (GEERTZ, 1989).

Desta forma, a linguagem cenopoética aportou nas rodas das Cirandas pela ação protagonista dos atores populares que as constituem e que denominamos popularmente de *cirandeiros*.

Ocupando inicialmente os processos internos de construção metodológica das Cirandas e as rodas populares nas comunidades, logo desponta como potência metodológica por meio da qual é possível explicitar conflitos e, ao mesmo tempo, transfigurar a realidade suscitando reflexões necessárias à proposição de atos-limite transformadores da realidade. Parece-nos que expressar o cotidiano em seus conflitos, suas contradições e suas potências com arte nos permite realizar uma espécie de *transposição metafórica*, que se cria em consequência da singularidade da arte como modo de superação do real dado. A transposição que se dá por meio de metáforas, em arte, se caracteriza por uma sintetização (ao modo da arte), que articula conteúdos sublinhados pelos atores envolvidos, mas que se recompõem no texto artístico ou na expressão em ato, produzindo um novo dizer.

A transposição metafórica a que nos referimos reflete, ainda, uma espécie de *hibridização*, ao modo como definiu Canclini (2006, p. 19), que a considera um fenômeno intercultural, em que, com amparo na criatividade individual e coletiva, "estruturas ou práticas discretas que existiam de forma separada se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas".

Dessa forma, a linguagem cenopoética foi abrindo novas trilhas de atuação ao inserir-se nos diversos processos pedagógicos protagonizados pelas Cirandas da Vida, afirmando-se ora como um dispositivo inicial para aquecimento intelectual ou harmonização das energias (em oficinas, cursos, encontros, seminários e congressos), ora como espetáculo a problematizar ou inserir determinadas questões ou, ainda, se *transversalizando* na ação pedagógica dos diversos processos formativos do Sistema Municipal de Saúde Escola de Fortaleza. Nesse sentido, a cenopoesia foi ocupando a cena em momentos de formação nas residências de Saúde da Família, em eventos como mostras, encontros e congressos, oficinas de planejamento da Secretaria Municipal de Saúde, conferências de saúde, atividades educativas e momentos de cuidado aos trabalhadores nas unidades de saúde da família e nos hospitais, entre outros.

Ao mesmo tempo, o protagonismo dos atores das Cirandas em processos de âmbito nacional, seja com os coletivos de educação popular em saúde – Aneps, Rede de Educação Popular em Saúde, Articulação Nacional de Extensão Popular (Anepop) e Grupo de Trabalho de Educação Popular em Saúde da Abrasco –, seja com a construção de políticas de saúde – humanização, educação popular, educação permanente –, foi espraiando pelo Brasil esse jeito de fazer com arte, educação popular em saúde, uma espécie de "marca" que permeia as intervenções que se fazem animadas pelas Cirandas da Vida e que parecem despertar as "paixões alegres" no dizer do filósofo Spinoza, aquelas que despertam o *conatus* ou *esforço de existir* .

Assim sendo, a cenopoesia vem propiciando diálogos densos e promissores entre os saberes artístico, científico e popular, possibilitando o acolhimento em diferentes espaços de conquista da humanização e contribuindo para a complexa problematização do SUS em Fortaleza, no Ceará e no Brasil.

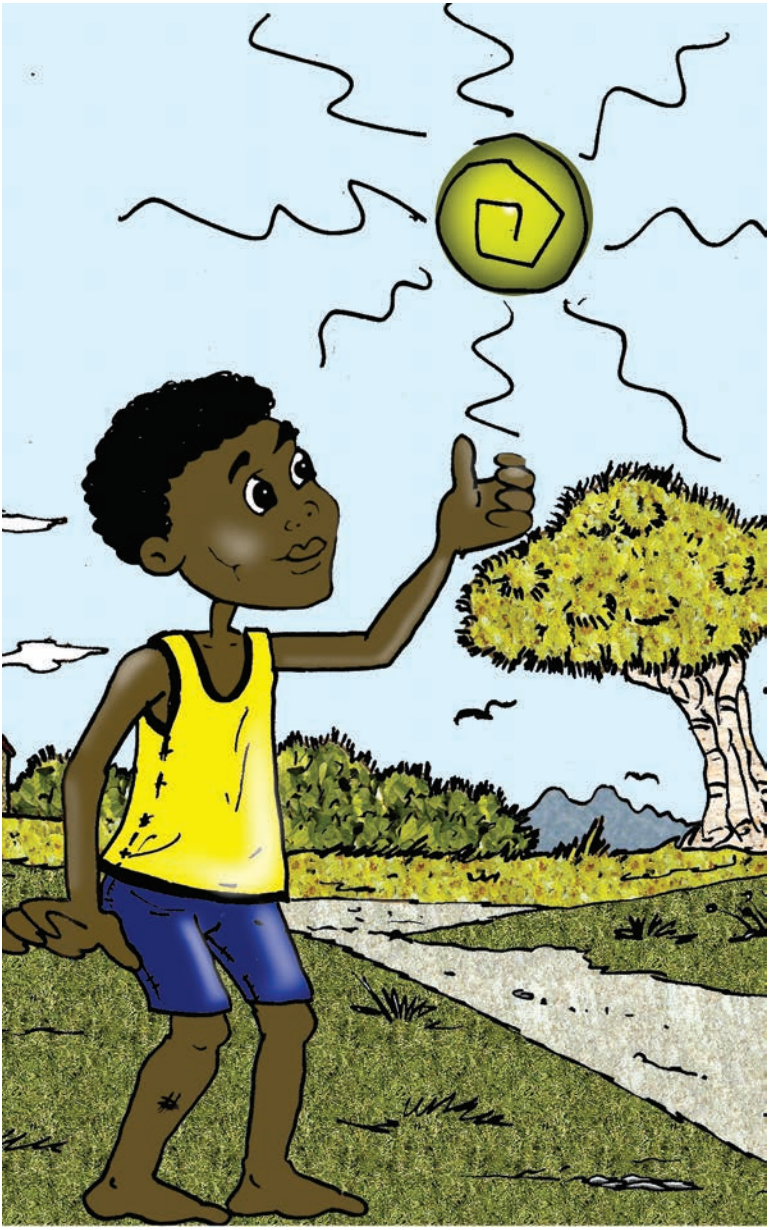

Ilustração: Josenildo Nascimento

BREVES PALAVRAS: Cenopoesia, Intervenções, Vivências e Leituras Cenopoéticas

Ray Lima

CARTILAGENS: tensionando, conflitando, sem atrito.

Aqui a cena faz tchan!!!
e começa por mim o espetáculo

o homem-não-arte não sente não vê
não dá importância ao homem-arte
mas o homem-arte olha
observa estuda absorve transforma absolve
transumaniza o homem-não-arte

justo aí eu existo
o espetáculo

e se vestem de arte sem delírio
os que artem sem saber os que não artem
se pintam de mártires os que se matam
se escondem nas máscaras os mandarins
se cingem de máculas serafins

uma ideia a contraideia
ação intriga conflito
uma ação um conflito
uma ação um conflito
conflito conflito conflito
infinitas vezes assim (LIMA, 1994, p. 15).

A equipe das Cirandas da Vida tem sido convidada a contribuir com diversos processos de discussão da saúde no Brasil, partindo daquilo que lhes é singular: a experiência de ida tem sido convidada a contribuir com diversos processos de discussão da saúde no Brasil, partindo daquilo que lhe é singular: a experiência de Fortaleza centrada na educação popular e nas linguagens das artes.

Dois aspectos são relevantes nesta jornada de participação das Cirandas em seminários, congressos, encontros etc. Um deles é a potência do conjunto dessa experiência como propiciadora de produção de conhecimento e de metodologias participativas no âmbito de processos formativos e promoção da saúde dentro e para além do Sistema Municipal de Saúde Escola. O outro aspecto que aqui será evidenciado é o desenvolvimento de metodologias de intervenções reflexivas e problematizadoras, perpassando variados temas em diferenciados espaços, situações e contextos a partir da linguagem cenopoética.

Ano a ano, as Cirandas vêm marcando forte presença em importantes momentos do debate da Saúde e de fortalecimento do SUS, em particular, e da educação popular em níveis regional e nacional, dentre os quais destacamos: o Congresso Brasileiro de Saúde da Família e Comunidade (Fortaleza/CE); a III Mostra Nacional de Produção em Saúde da Família (2008); a Caravana SUS e a mostra interativa: "O SUS que Dá Certo" (Fortaleza/CE); o II Seminário Nacional de Humanização (Brasília/DF); e o Congresso Brasileiro de Enfermagem (Fortaleza/CE, 2009). Em 2010, a I Fenagep (Brasília/DF), o III Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde e o I Encontro Nacional de Práticas Integrativas e Populares de Cuidado (Goiânia/GO); os encontros regionais de Educação Popular do Sudeste (Rio de Janeiro), do Centro-Oeste (Chapada dos Guimarães/MT) e do Nordeste I (Fortaleza/CE); a Conferência Nacional de Saúde Mental (Brasília/DF); e a 9ª Conferência da Rede Unida, em Porto Alegre/RS, para citar apenas alguns. Em Fortaleza, essa interação se deu em Farinhadas da Aneps e em inúmeros processos formativos do SMSE e em parceria das Cirandas com outros setores da Saúde em nível local e estadual. Em todas as oportunidades, a linguagem cenopoética pôde demonstrar sua força e capacidade de reflexão sobre grandes e pequenas temáticas de forma envolvente, encantadora e problematizante.

Apesar do impacto dessas intervenções, uma discussão se apresenta como necessária e pertinente que está relacionada à compreensão do papel da arte na produção e promoção da saúde. E mais ainda nos processos formativos e na construção das políticas de saúde e educação popular. Outra questão fundamental é: como a arte pode incorporar-se nessas estruturas? Conformando-se aos desenhos propostos pelo discurso acadêmico, dominante na Saúde, e impregnado na gramática da educação popular? Ou seguindo outra lógica e perfurando esses bloqueios para construir seus próprios caminhos, a partir de uma estratégia dialógica, não excludente, porém tensionando sobre a necessidade de inserção nessas rodas de outras razões, outros modos de pensar, interpretar o mundo e expressar as ideias diferentes daquilo que é ditado e atestado pela chamada *linguagem* (ortodoxa e pragmática) *das ciências e das academias*? Por que a arte, que possui características peculiares de perceber e interpretar o mundo, que fala por si, servindo-se de seus próprios recursos comunicacionais-expressivos, precisaria de outros discursos para explicá-la, para torná-la acessível aos pobres mortais? Será que devemos estabelecer padrões de compreensão/interpretação da obra de arte, seja ela qual for? Ou ela é aberta, como diz ECO (1976), e passível de infinitas possibilidades de leitura e interpretação? Será que o mais pobre dos mortais não é capaz de extrair sentidos/significados de quaisquer textos/contextos em que viva ou com os quais interaja? Por que apenas uma pequena parcela privilegiada e iluminada da sociedade tem esse direito? Por que o discurso da linguagem artística vale como expressão de entrada e saída do cardápio de seminários, congressos, oficinas etc. e não é considerado como instrumento válido de análise e reflexão durante as conversas, os debates, as rodas de diálogos, os círculos de cultura, os congressos e as conferências? Como mudar essa racionalidade? Por que a arte ainda é tratada como *menino sambudo* nas sociedades autoritárias e hierárquicas, que têm sempre um tutor, alguém para falar por ela, representá-la?

Se a arte é em si uma representação, um ato de resistência, por que haveria alguém de representá-la senão a estrutura que a constitui e que também é produtora de significados e sentidos?

Ademais, a linguagem cenopoética é centrada no diálogo, carregando consigo e explicitando todas as contradições e tensões próprias de uma relação dialógica. Por outro lado, precisa afirmar-se como linguagem e discurso competente, como razão possível, indo além de uma visão da arte como adorno, *bobo da corte*, entretenimento, arte pela arte, entre outras coisas do gênero, como se fosse totalmente alienada de um *modus pensanti* ou desprendida de sua razão (poética). A cenopoesia e a arte, de um modo geral, para muitos, não passam de um fantasioso, prazeroso e alegre momento que antecede outro autossuficiente – repleto de razão e eficácia – para dizer a mesma coisa que a arte diz, só que de modo duro, num modelo engessado e masoquista, capaz de morder a própria cauda e envenenar-se, estendendo-se por horas a fio de prazer duvidoso, torturante até e sem alegria, sem muitas vezes nada propor de novo, de concreto, "sem razão de ser," no qual tudo se encaminha, mas pouco faz caminhar em sua arrogância, quando sua verdadeira razão seria efetivamente "não ser".

A cenopoesia, claro, superintende-se para sequer desejar suprimir outras linguagens ou formas de pensar, interpretar e expressar ideias sobre o mundo, mas suprir esses vazios existentes no corpo do discurso hegemônico, fazendo deles a obra-prima, construindo sínteses, novas razões, novos sentidos. Sua função – cremos que não apenas da cenopoesia, mas da arte em geral – parece mais uma cartilagem que pouco se lhe dá importância; no entanto, quando falta, os atritos, as artrites, as dores aparecem, tornando o ser hipertenso, "enferrujado," paralisado ou impedido de andar. Sem cartilagem, os membros do corpo vão ficando sem articulação, sem mobilidade (e quando se tenta andar, isso acontece com muito sacrifício, muita dor),

desarticulando o corpo inteiro, criando fissuras incuráveis na relação entre eles. Sem cartilagens, não há corpo em ação, mas apenas esqueleto imóvel. Como nos ensina Aurélio, as cartilagens são um "tecido conjuntivo especializado que constitui a maior parte do esqueleto do embrião, participa de modo importante do processo de crescimento do corpo, serve de modelo para o desenvolvimento da maioria dos ossos, forra extremidades das superfícies articulares desses, e constitui certas partes do esqueleto de animais adultos". Elas ainda podem ser, segundo Aurélio, "elásticas, fibrosas e hialinas". Talvez, a essencialidade da arte na formulação e na expressão de um projeto de educação popular estaria também no fato de abranger e incorporar diferenciadas formas de dizer e sentir o mundo que não estão ao alcance de outras linguagens humanas, que, por sua vez, eliminam vozes importantes, marginalizando e excluindo-as pela peneira elitista do circuito dos saberes letrados e acadêmicos e palacianos. Tal segregação empobrece, torna esqueléticos o conhecimento e o homem, enrijece a classe acadêmica, obrigando-a a ter uma vocação purista, quase fascista. Para a Aneps e a educação popular, que se movimentam com um corpo, uma estrutura tão grande e complexa como o Brasil, as cartilagens são mais do que necessárias, são fundamentais para garantir mobilidade, articulação, plasticidade e consistência com alegria e menos sacrifício.

> A cenopoesia, mais do que fala, rompe com o discurso palaciano e academicista para, redizer o que ele diz há séculos tão ou mais eficientemente e mais leve, expressando também o que está para além das margens cifradas desse discurso, com outros sentidos e formas, e que seria indizível por meio unicamente do discurso de tradição ocidental, canônico e hierarquizado. E o faz partindo de uma linguagem cheia de impurezas, misturada e esteticamente modificada, apelando para a eloquência dos sentidos novos que a constroem, seduzindo os sujeitos para o exercício da comunicabilidade aberta, libertária e espontânea por intermédio das interfaces solidárias e amorosas das cenopoético se exercita indicando o fim da solidão ou do egocentrismo das linguagens e da estagnação dos discursos de travas, das correntes estéticas que, encurraladas pelos donos do saber para existir, pregam o fim do outro, da outra.

> E por isso mesmo sugere como caminho a construção de um espaço de comunhão entre os saberes, onde os diferentes estão no mesmo nível e lugar, usufruindo a riqueza coletiva do pensar criativo sem abdicar de suas cores e seus brilhos inatos, das motivações e propriedades que lhes dão forma e sentido. Se pudéssemos considerar a arte como lugar de encontro do ser com suas múltiplas possibilidades criativo-inventivas; de ensinar e aprender, refletir e agir *com* e *sobre* o mundo, a cenopoesia seria o lugar de encontro das linguagens com todas as suas capacidades dialógicas, transitivas e infinitamente expressivas, transformadoras e autotransformadoras: de criadores e criaturas; dos praticantes e dos mundos onde nascem, vivem, morrem ou se perpetuam os homens pela força amorosa do encontro de si e entre si através de suas artes (LIMA, 2010, p. 5).

E nesse movimento de libertação, inclusão e respeito mútuo, de profunda amorosidade, podemos sentir e expressar em cada canto dos universos:

Quando a gente se encontra
É bem mais que um encontro
O som, a cor, a luz aquele onto–
O que haverá de ser
O nosso amor,
Estranho amor,
O meu amor por você.
Quando a gente se encontra
É bem mais que um encontro
O céu apaga, o sol desmancha,
Novos astros nascem luz
Pra refletir o nosso amor
De ser pra ser
O meu amor por você.

Quando a gente se encontra
É bem mais que um encontro
Contigo aprendo e me dou conta
Do grande ser que há em ti
Do nosso amor
Do que é amar
Do meu amor por você (LIMA, 2009).

Agora recorremos a Vera Dantas (2010, p. 2016), que se referindo à prática cenopoética em sua tese de doutoramento, centrada na experiência das Cirandas da Vida, diz:

> Considerando essa contextualização, a linguagem "cenopoética" ocupa o centro das rodas das Cirandas da Vida, também na perspectiva pedagógica de contribuir para a superação da fragmentação presente nas práticas educativas em saúde. Nesse sentido, o exercício da linguagem "cenopoética" parece revelar-se ao mesmo tempo como uma forma singular de produção artística onde dialogam diversas linguagens e também como estratégia educativa a partir da qual é possível refletir e problematizar a realidade, lançando mão de inumeráveis possibilidades de criação e expressão.

Tornam-se cada vez mais evidentes – a cenopoesia tem demonstrado nas oportunidades que a ela têm sido ofertadas – sua potência e leveza, inclusive como ferramenta pedagógica em processos vivenciais de acolhimento, humanização, educação popular e produção de conhecimento e saúde. Dessa forma, vem destravando relações e propiciando diálogos densos, no sentido de promover e construir ambientes favoráveis à dialogicidade entre pessoas e saberes artísticos e científicos, formais e não formais. Tem possibilitado reflexões e práticas de humanização em diferentes espaços e lugares no campo da Saúde e fora dele também, e muito.

Sem desprezar nenhum caminho, mas buscando o seu próprio, vai fazendo seus alicerces e atuando desde um aquecimento intelectual ao nivelamento de energias, passando por leituras, intervenções, espetáculos, desafios de repente, vivências, reorientando práticas, sugerindo novos sentidos e formas para o sentir/pensar o mundo e a vida. Não obstante, tudo isso requer um esforço humano diário e contínuo quase sem fim. Trata-se de um problema de postura, mas também de cultura, de estrutura mental. Daí sentirmos que levaremos algum tempo para produzir conhecimentos e disseminá-los sem medo e sem a marginalização da alegria. Dá-nos a impressão de que onde se pensa elege-se a carranquice e se dispensa o prazer e a festa na qual nossa gente tanto samba, aprecia e domina. Associar alegria ao ato de pensar e planejar a vida ainda soa como uma bruta heresia. A alegria, a festa de que falamos aqui, não se refere ao descompromisso com a vida, à balbúrdia, mas à sabedoria popular de tratar os grandes problemas da vida com humor, sem crise, com a liberdade e a grandeza de recriá-los para de novo se reencantar com aquilo que há pouco lhe atormentava.

Do morro pedi socorro[6]
Ninguém quis me escutar
Do alto também se morre
Quando o rio parece o mar
Mar sem fundo nem tamanho
Ficou ruim pra navegar
Meu lar deslizou estranho
O bar que me fez nadar
No rio nascente
No rio nascido
Tive um estresse, inventei o carnaval
Num dia lindo fui brincar o carnaval
Dia seguinte
Passei fome
Passei mal
Uma enxurrada
Soterrou o meu astral.

[6] Poema inédito de Jadiel Guerra.

Tudo passa também pela forma e pela expressão que sabemos/desejamos dar aos nossos sentimentos e conhecimentos produzidos, pela relação que estabelecemos a partir deles com o outro e pela lógica que queremos atribuir aos sentidos que construímos. Como justificar tanta criação, tanto conhecimento represado ou jogado no lixo e que sequer circula nos corredores das universidades, das redações dos jornais, das editoras, das mídias em geral? Como explicar, por exemplo,

quanto o povo cria
e não sai na imprensa
de estética de fé
de negócio e ciência;
quanto pensa e faz
quanto sonha inventa
de amor sabe tanto
a imprensa não diz
(LIMA, 2008).

Finalmente, aproveitando a potência criadora da nossa gente, dos nossos artistas, poderemos não apenas enriquecer a ciência e fortalecer a luta em favor dos menos favorecidos, mas com eles nos reencantaremos pela reinvenção do li:mundo. Porque, ao valorizarmos seu olhar, ampliaremos nossos olhares, recriando os modos de pensar, agir e expressar, cuidando sempre da qualidade das relações e das nossas cartilagens. Para, "seguindo sem segredo/ a alegria, afantasia, a ousadia, a utopia/ da cultura popular" (LIMA, 2008), ir experimentando cada ato da história como se fosse o último sem perder o gosto e a capacidade de reinventá-la a partir de nossas práticas e reflexões, bem como dos cenários infinitos que precisamos construir para manter a vida – esse espetáculo mágico, desafiador e excitante que, se termina em mim, começa em outro ou outra logo ali:

outra cena outra máscara
outra cena outra máscara
outra cena outra máscara
infinitas vezes
infinitas máscaras
o homem se completa assim

aqui a cena faz tum! tum!!
termina o espetáculo
termina por mim
(LIMA, 1994, p. 15).

Ilustração: Mayana Dantas

DOS ROTEIROS SELECIONADOS

A cenopoesia, assim como o teatro de rua, demonstra grandes possibilidades de abordagem, reflexão e problematização das mais diversas situações em espaços da vida cotidiana de forma prazerosa, criativa e divertida, seja tratando de temas educacionais, ambientais, de saúde, direitos humanos ou políticos. Uma diferença básica entre a cenopoesia e o teatro de rua é que a cenopoesia não se limita à ideia de uma história regida por personagens, nem seu único lugar de prática é a rua. O ato cenopoético, partindo muitas vezes do discurso poético, embora não se restringindo a ele, pode ser praticado em qualquer espaço, além de se sentir liberto da necessidade de contar uma história.

A cenopoesia trabalha diretamente com o contexto e seu momento histórico vivo e mutante. Daí produz suas leituras, constrói diálogos e sínteses, utilizando-se de linguagens disponíveis na memória do ambiente de atuação, considerando sempre a potência e os limites do grupo ou de quem se propõe a viver o ato cenopoético.

Optamos aqui por aqueles textos mais significativos e que serviram de base a diversas adaptações e versões para dialogar com os mais variados contextos e temáticas – da educação à saúde coletiva, de processos formativos a acolhimentos, aberturas e problematização de seminários, congressos, encontros, cursos, oficinas, palestras etc.

Veremos que muitas músicas e cantigas se repetem em quase todos os roteiros. Justificamos tais repetições por conta de termos de certa forma construído um repertório que está no domínio do grupo das Cirandas da Vida, facilitando o processo de realização dos espetáculos, das leituras e das intervenções. Outro motivo seria o aproveitamento ao máximo das nossas produções musicais e sua adequação às temáticas tratadas.

Segue, a título de ilustração, o registro de alguns lugares e contextos com a presença ativa da cenopoesia.

Encontro Regional do Centro-Oeste de Educação Popular e Saúde – Chapada dos Guimarães/MT – De 21 a 24 de maio de 2010

Linguagem: cenopoesia
Modalidades: intervenção cenopoética e desafio de repente.
Com Ray Lima e equipe local.

O Vaqueiro e a semiologia dos objetos: os plurais sentidos das coisas
Bia – Patativa na boca de uma mulher
Dona Francisca e a sabedoria popular

Neste encontro prevaleceu a modalidade intervenção cenopoética, embora houvesse um momento inicial de abertura que poderíamos caracterizar como desafio de repente. Todo o encontro do começo ao fim esteve mediado pela linguagem e metodologia vivencial da cenopoesia. Foi possível construir um ambiente amoroso, mas de muita expressividade, leveza e participação efetiva de todos(as). O ambiente inicial foi sendo transformado em outro mais potente e leve, onde as responsabilidades e os compromissos aumentavam na medida em que cada pessoa se sentia no dever e com a vontade de cuidar do encontro, de si e do outro. À luz de Suely Correia, Zé Leite e família, de Gisele, Bia, Dona Francisca, Pedro Cruz, Simone, Oswaldo, da participação da dupla sertaneja jovem, mas de raiz, de Goiás e tantas(os) outras(os), as coisas foram fluindo naturalmente. Patativa do Assaré, de repente, salta da válvula do coração e se expressa pela voz da Bia, atriz. O chapéu pantaneiro, o facão e o laço surgem na roda de diálogo e circulam sob a maestria do vaqueiro do Pantanal, que resolveu doar sua cota de saber para os que ali felizmente estavam. Desprendeu seus conhecimentos e deu uma bela e majestosa aula vivencial de semiologia dos objetos, de tanto

valor para o homem boiadeiro, de fazer inveja a Roland Barthes e Abraham A. Moles. Falou do laço que acode alguém em situação de dificuldade num despenhadeiro, que vira cerca para o gado não dispersar ou fugir à noite na hora do descanso, além de servir para laçar o garrote que sofreu algum ferimento e precisa de um cuidado especial e urgente. Todos pasmos: uma baita aula. Porém, alguém ainda se perguntava: uma arte ou uma ciência? O que esse vaqueiro trouxe? Depois cantamos, dançamos juntos, falamos, refletimos sobre essas práticas, esses saberes escondidos, reprimidos, desvalorizados. A escolha do espaço físico, o lugar certamente conta muito para a efetivação de um encontro de qualidade boa. Há lugares em que conseguimos juntar as pessoas, mas elas não se integram, não se encontram. Ficam por ali batendo cabeça, mas não conseguem promover o encontro de verdade e acabam numa dispersão generalizada. O espaço às vezes é determinante tanto para a dispersão como para concentração das pessoas. Obviamente que sozinho não se basta a si mesmo, mas tem uma importância e uma força própria inegáveis. Todo esforço coletivo e grandes investimentos podem ser inúteis em função de espaços mal escolhidos ou inadequados.

Encontro Regional de Educação Popular e Saúde do Nordeste I – Fortaleza/CE – Em 2, 3 e 4 de junho de 2010

Linguagem: cenopoesia
Modalidade: leitura cenopoética

Roteiro cenopoético de Ray Lima, com: Johnson Soares, Vera Dantas, Ray Lima, Jair Soares, Elias J. Silva, Thiago Porto, Honorato Filho e Edvan Florêncio.

Prevaleceu no dia de abertura do encontro a leitura cenopoética. Em função dos atrasos, o espaço e as condições existentes tornaram a leitura um pouco acanhada, não sendo

possível a intervenção com as delegações dos estados, com exceção do Piauí, que entrou com seu boi. Porém, valeu pelo conteúdo e pela dedicação da equipe das Cirandas e da Anepes/CE.

Encontro Regional de Educação Popular e Saúde do Sudeste – Rio de Janeiro /RJ – De 28 a 30 de junho de 2010

Linguagem: cenopoesia

Modalidades: intervenção e vivência cenopoética, com Vera Dantas, Ray Lima e Pedro Cruz.

Três coisas importantes: o rompimento com o estabelecido e o reestabelecimento da sinergia do espaço; a intervenção do grupo do Jongo da Marambaia; e a vivência para a divisão dos grupos de trabalho na Uerj.

A intervenção cenopoética na abertura do encontro na Veiga de Almeida foi bacana porque as horas se arrastavam e nada de começar. Então resolvemos, eu e a Verinha, intervir cenopoeticamente com o auditório quase lotado. Houve um impacto grande, que contribuiu para a dinâmica do encontro naquele dia. A apresentação do Jongo de Marambaia deu sentido porque estávamos ali. Trouxe a ideia de luta não do ponto de vista teórico, mas com base nas coisas que acontecem ao vivo e a cores com pessoas e bichos de carne e osso, vertebrados e invertebrados deste País. A luta daquele povo isolado numa ilha do Rio de Janeiro deu o tom das discussões posteriores. No último dia, a Helena Davi, que coordenava o encontro, nos chamou, a mim e ao Pedro Cruz, para ajudá-la na divisão dos grupos de trabalho dos quais sairiam as propostas para o encontro nacional da Aneps. O Pedro ficou lá pensando com a Helena umas coisas e eu fiquei vendo o que eles tramavam, combinavam. Quando fomos para a ação, mudou tudo: o que havíamos pensado há pouco não servia mais para nada ou não cabia no

novo contexto. Tivemos que reinventar tudo na hora. Efetivamente, foi uma das vivências curtas mais lindas e grandiosas que fizemos. Todo mundo cantando, dançando, pensando integrado e saindo para os grupos num piscar de olhos.

IV Conferência Nacional de Saúde Mental – Brasília/DF – De 26 a 30 de junho de 2010

Linguagem: cenopoesia
Modalidade: intervenção cenopoética

A ordem do discurso no dizer dos loucos. Simone Leite, da Aneps/SE, cuidava com Elias Silva, eu, Oris Night e outros(as) companheiros(as) da tenda Paulo Freire dentro da Conferência Nacional de Saúde Mental. Muitas rodas se formaram e se desfizeram naquela tenda. Nesse vai e vem, usuários dos serviços de saúde mental de vários estados e regiões do Brasil, ao participarem de algumas das rodas que aconteciam na tenda, alegavam, denunciavam que não conseguiam expressar suas opiniões e seus pontos de vista em relação a tais serviços e à saúde mental no País. Sentiam-se discriminados, boicotados e oprimidos por isso. Sensibilizada com a situação desses cidadãos e cidadãs, a Simone, que participaria de um painel ("Educação, inclusão e cidadania"), resolveu abrir espaço para eles falarem. Na verdade, ela abriu mão de todo o tempo que dispunha para garantir a fala dos que foram mobilizados e compareceram à sala. Achando pouco, ela nos convidou, a mim e ao Elias, para ajudarmos nessa empreitada. Mas faltava uma coisa básica: convencer os demais membros da mesa. Se bem me lembro, eram eles(as): Alcindo Antônio Ferla/MT e Sólon Viola/RS como painelistas, juntos com Simone; Rosângela Elias/SP, na coordenação do painel; e Andrea Portugal/DF como debatedora. Levaram um tempo razoável para se acertarem. Acabou que, por uma pequena margem, a ideia da Simone saiu-se vencedora. A ideia de que falo não era para que os painelistas cedessem seus tempos para os usuários,

apenas para que permitissem nossa intervenção cenopoética. Tudo combinado, demos início à função. Causou aquele impacto legal. Funcionou a primeira estratégia. Rolam as falas, Simone fica por último. Quando a coordenadora passa-lhe a palavra, ela anuncia os usuários, mencionando o nome e a origem de cada um, organiza a ordem dos discursos e eles(as) disparam. Uma emoção só! Uma porrada no quengo da negada! Fizemos mais uma intervenção. Depois entra o Elias e aí o povo começa a se manifestar. Que debate! Talvez o único painel no qual todos os presentes foram painelistas: o homem que passou quarenta anos no Juliano Moreira do RJ, a jovem que faz poesia e música sobre a experiência dura dos Caps do RS, o ex-usuário de drogas que hoje faz um trabalho lindo na redução de danos em Sergipe, a mãe que tem um filho discriminado na escola por ser diferente, e por aí vai. Encerramos com chave de ouro. Rolou choro, poesia, canto, dança, atitude, solidariedade, democracia, cidadania, liberdade, histórias de vida que circularam pelas veias, emoções que fluíram pelos poros, enfim, cenopoesia. A crítica à forma como se tem tratado o problema das doenças mentais no Brasil, a luta antimanicomial, os direitos humanos etc. circularam na roda o tempo todo. Depois, à tarde, Sr. Moisés, que sofreu a violência do Juliano Moreira durante quarenta primaveras e estava ali para contar sua história, me chamou e disse: "você é um grande artista, um terapeuta de verdade, porque alegra a alma da gente", revelando aí o que poderia ser o seu conceito de arte. A jovem de Porto Alegre afirmou, com todas as letras, que a arte para ela é terapia pura. Que painel! Marcou um pedaço bom da vida de quem esteve presente. "Cada momento é tão único e particular como o um de cada um":

ao passar por entre tudo vi
que o tudo não existe;
procurei dele fugir, não pude,
fiquei alegre e triste.

Adoçando a ilusão dos outros
vou entretendo a ilusão que é minha
e nessa trilha de ilusão há ilusão,
a vida abarca uma extensão infinda
(LIMA, 2005, p. 21).

I Fenagep – Brasília/DF – De 30 de junho a 4 de julho de 2010

Linguagem: cenopoesia
Modalidades: leitura e intervenção cenopoética

A tenda cenopoética Paulo Freire – participação, integração, construção, expressão coletiva. Leitura cenopoética com Jair Soares, Elias J. Silva, Honorato Filho, Thiago Porto, Vera Dantas e Paulo Albuquerque (todos das Cirandas da Vida/CE). Participação especial de Gert/RJ, Matraca/RJ, Oris Night/PE e Guilherme/BA. O lançamento do Prêmio Victor Valla. Intervenção cenopoética com Ray Lima e Jair Soares, incluindo todos os presentes.

A modalidade "apresentação cultural" nos trabalhos apresentados na I Fenagep e o lançamento do Prêmio Victor Valla representaram avanços importantes no reconhecimento da arte como expressão dos saberes e pensares da sociedade brasileira em relação à educação popular e à saúde.

Sentimo-nos contemplados como cirandeiros, cenopoetas e escambistas que somos. A participação da turma do Rio de Janeiro, da Bahia, de Pernambuco, de Santa Catarina, de Mato Grosso do Sul, da Paraíba e de outros cantos que estiveram conosco na leitura cenopoética da tenda Paulo Freire, na intervenção em algumas rodas, nos cortejos pela praça da alimentação e no lançamento do Prêmio Victor Valla, demonstra a força que podemos ser estando juntinhos ou distantes. O aprender com o outro, a generosidade de que tanto fala o Gert, o Vitor Pordeus, o Murilo, o Matraca, o Falcão, o Pedro Cruz. Na verdade, a partir do momento em que o Oris, o Oswaldo, o Guilherme, o Elias, a Simone, eu, a Suely, o Gert (com seu grafite) e as

pessoas que iam chegando e se integrando começamos a redesenhar o espaço e a montar a tenda com as chitas e a sacudir o tênis para enlaçar os fios de toda aquela rede de conversas e energias que viriam em seguida, ela se tornou uma vivência cenopoética, circulante e dialógica, na qual os vazios não eram vazios porque eram de escuta do outro, repletos de curiosidades, vontade de aprender.

III Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde e I Encontro de Práticas Integrativas e Populares de Cuidado – Goiânia /GO

Linguagem: cenopoesia
Modalidades: espetáculo e intervenção cenopoética

Intervenção na Mística de Abertura com os Sem Terra. Com Vera Dantas, Ray Lima e grupo dos Sem Terra.

A intervenção na abertura à noite com o grupo do Movimento Camponês de Goiás "O Meio Grito". Ray Lima, com a lamparina construída pelo Valtinho, e Jesiel, de Goiânia.

Intervenção de encerramento do encontro com artistas de vários estados do Brasil – participação de Ray Lima e Vera Dantas com vários artistas e educadores presentes.

Intervenções cenopoéticas durante a roda interativa de arte, cultura, saúde e educação popular com diversos grupos e artistas de todo o Brasil. Uma verdadeira maratona de 5 horas ininterruptas de arte, reflexão e conversa engajada. Ray Lima na facilitação da roda com o apoio de Jair Soares, Jhunn e César, Valtinho e Jesiel, tendo a participação de artistas e representantes de todo o Brasil.

Desafio de repente no encerramento da roda de arte, cultura, saúde e educação popular e lançamento dos livros: "A Ditadura Militar e Goiás: Depoimentos para a História"; "A Imprensa Alternativa e a Comunicação Comunitária em Goiás"; "Conversando com Deus"; e "Lâminas", com a presença de seus respectivos autores: Pinheiro Salles, Marcelo Benfica Marinho, Maria Divina Tanuri França e Ray Lima.

Dia 30/07/2010

Momento de muita emoção pela presença do militante comunista Pinheiro Salles, torturado pela ditadura militar nos anos 60/70 do século passado, quando dialogamos por intermédio da cenopoesia com grande intensidade. Trabalhamos neste caso com a modalidade cenopoética "desafio de repente" para estabelecer um diálogo com os presentes centrado no contexto do momento. Pudemos refletir sobre os movimentos políticos de resistência dos anos 70, a luta pela liberdade, pela democracia, pelos direitos humanos, seja pela luta armada, pelos movimentos estudantis, pelo teatro, pela poesia, pela música ou pelo cinema. Houve espaço para repensarmos o papel do Estado neste contexto, sua perversidade e opção pelos mais fortes. Sempre fica contra o povo e usa toda sua estrutura para dizimá-lo juntamente com os seus direitos fundamentais de humanidade e cidadania. E daí a fragilização dos movimentos sociais, das organizações civis e inversão dos papéis das instituições. Em vez de proteger e cuidar da população, volta-se contra ela, transformando-se na "forçosa força, a força, a forca". Ficaram perguntas: a democracia está consolidada no Brasil e na América Latina? Devemos confiar no Estado burguês? Os movimentos sociais, como estão hoje articulados, organizados, estruturados, dão conta da sustentabilidade da democracia brasileira? Há um lastro de consciência política e social por parte da população capaz de impedir um golpe militar ou um retrocesso no processo democrático iniciado no Brasil? Em que efetivamente temos que avançar? Houve reparação suficiente para punir os crimes da ditadura de 1964? Qual é a função e a capacidade real da educação e, em especial, da educação popular para o avanço do Brasil na perspectiva da consolidação da democracia e da cidadania plena?

Qual é o papel da arte, da cultura, dos artistas e dos educadores populares nisso tudo? Estaríamos prontos para um novo embate? Concluímos dedicando o poema a seguir ao Pinheiro Salles e a todos aqueles que lutaram e continuam lutando por um País solidário e livre.

10º Congresso da Rede Unida – Rio de Janeiro – De 6 a 9 de maio de 2012

Linguagem: cenopoesia
Modalidades: leitura, intervenção, vivência e desafio de repente.

Destacamos neste evento quatro momentos importantes:

A) Abertura do congresso, numa parceria do Tupi Nagô e Retreta do Apocalipse com o ator César Mello, do Rio de Janeiro/RJ, o músico e compositor Johnson Soares/CE e a equipe das Cirandas da Vida/CE, com a homenagem ao educador Victor Valla – auditório.

B) Távola – A construção dialógica dos saberes e do conhecimento – com intervenções cenopoéticas entre as falas e compondo a fala da Dra. Vera Dantas, com o músico Johnson Soares – sala B.

C) Távola – As dimensões invisíveis do ser humano na produção de saúde e cidadania: olhares a partir da espiritualidade, da arte e das culturas tradicionais – um desafio de repente como parte das falas, ao lado de Júlio Wong/RJ, Eymar Vasconcelos/PB e Vitor Pordeus/RJ, com o músico Johnson Soares – tenda Paulo Freire.

D) Fórum Internacional de Participação Popular, Saúde e Educação Cidadã – Tema 1) Diversidades e vulnerabilidades: olhares a partir do protagonismo dos grupos e das populações invisibilizadas; Tema 2) Agenda global e os desafios da participação na Saúde: o papel dos movimentos sociais populares. Neste fórum, usamos das modalidades desafio de repente, vivência e intervenções cenopoéticas, em parceria com o músico Johnson Soares – tenda Paulo Freire.

Ilustração: Mayana Dantas

ROTEIROS CENOPOÉTICOS

Nós, Profissionais dos Vínculos, Trabalhadores da Vida

Ray Lima

CANTIGA *Escuta, escuta!*
O outro, a outra já vem.

Escuta e acolhe.
Cuidar do outro faz bem.

Escuta, escuta!
O outro, a outra já vem.

Escuta e acolhe.
Cuidar do outro faz bem.

CENO 1 O acolhimento é um ritual humano de consideração pelo ente querido.

CENO 2 Pelo amigo.

CENO 1 Ou o parente que vem nos visitar.

CENO 2 Por alguém que chegou de repente a precisar do aconchego.

CENO 2 Do ouvido.

CENO 1 Do apoio da gente.

CANTIGA *Bocado de molambos molhados*
Manchando o chão

Bocado de molambos molhados
Manchando o chão

Mas o que tinha dentro
Era gente ainda

Mas o que tinha dentro
Era gente ainda (LIMA, 2009).

CENO 1 O acolhimento é um ato de desprendimento e doação.

CENO 2 O acolhimento acontece quando nos dispomos a receber e estar com e para o outro.

CENO 1 Ele pode se dar nas unidades de saúde.

CENO 2 Nos hospitais.

CNO 1 Em casa.

CENO 2 No trabalho.

CENO 1 Na escola.

TODOS Em todos os momentos dos serviços da vida.

CENO 1 O acolhimento é um ato humanitário.

CENO 2 Mas também é um exercício de comunicação interpessoal e coletiva.

CENO 1 E exige preparo e cuidado.

CENO 2 *Aproxima-te. Me dá a mão.*
Aproxima-te. Me dá a mão.
Seja a esquerda ou a direita,
deixa-me sentir a batida do teu coração.

TODOS Escuta, escuta.

CENO 1 Estou te ouvindo, meu irmão.

TODOS Escuta, escuta.

CENO 2 Te entendo, minha irmã.

TODOS Escuta, escuta.

CENO 1 Ah, já sei: não é você –
são tua pele, tua vida
sendo ativadas pelo coração.

TODOS Escuta, escuta.

CENO 2 Paciência...

TODOS Escuta, escuta.

CENO 1 Ih, me cansei...

TODOS Escuta, escuta.

CENO 2 Dessa vez é uma lei.

TODOS Escuta, escuta.

CENO 1 Já não sou eu.

CENO 2 É a ciência do escutar...

TODOS Nossas atitudes.

CENO 1 Associadas à qualidade da informação e da comunicação.

CENO 2 São indispensáveis.

CENO 1 Ou até inerentes.

TODOS Próprias do ato de acolher.

CENO 1 A qualidade do que a gente faz não estaria relacionada à qualidade das relações que estabelecemos com nós mesmos e com o outro?

TODOS Possivelmente.

CENO 2 O acolhimento é simples quando se torna uma cultura no cotidiano dos serviços.

CENO 1 O acolhimento está em mim.

CENO 2 O acolhimento mora na minha disposição em compreender.

TODOS Em respeitar, querer, aceitar o outro.

CENO 1 O acolhimento não prescinde da minha atitude diante do outro.

CENO 2 O acolhimento está na clareza e transparência dos nossos atos.

TODOS No compromisso.

CENO 1 No desempenho do meu papel como trabalhador e cidadão.

CENO 2 Como profissional dos vínculos que devemos ser.

TODOS Então? Vamos tentar de novo?

CENO 2 Assim peço, por favor:

Se tiveres que me acolher,
que me acolhas por inteiro,
de vida inteira, de corpo, cultura adentro.

Se quiseres que te acolha,
dize-me primeiro quem és
em diálogo franco e breve.

Se me quiseres mais leve,
terapeuta – tu ou eu?
O que me dás? Do que precisas?

O diálogo é que nos traz
a vestir a camisa de conforto
e harmonia sem negar as diferenças.

Às vezes, em questão de horas,
às vezes, levamos dias para sermos um com
o outro, mas desistir nunca devemos.

CENO 1 Endosso tuas palavras.
Escuto teu sentimento.
Sinto meu o teu ser e em pleno movimento.

CENO 2 Esvaziei-me um pouco de mim,
me olvidei de onde vim
para ser-me um outro em ti.

CENO 1 Assim posso te acolher.
E contigo também eu
sublimar a minha práxis.

CENO 2 Acho que te compreendo.
Ao te saber me transformo, e
mais humanos nos tornamos.

CENO 1 Ser cuidado? Nas singularidades e posturas reconhecidas dos papéis que assumimos construímos nossos vínculos.

CENO 2 *Agora nos aportam a tolerância*
e o diálogo como guias seguros,
a sustentabilidade do nosso ser
(LIMA 2008).

TODOS Então, vem!

CENO 1 VEM,
que te recebo,
te admito,
te atendo,
te entendo.

CENO 2 VEM,
que te dou crédito,
te escuto,
te abrigo,
te amparo.

TODOS VEM,
que te acolherei
com dores ou sem dores.

CENO 1 Porque sei que me acolherás
quando precisar de ti.

CENO 2 Porque sei que me entenderás
quando ocupares em mim o teu lugar.

TODOS E sentirás comigo a minha dor e minha alegria.

CENO 1 De ser humano e trabalhador da vida.

CENO 2 Que também gosta de viver e do que faz em vida.

TODOS VEM!

CENO 1 Que estou feliz de estar contigo.

CENO 2 De ter a chance única de conhecer a tua pessoa.

TODOS VEM!

CENO 1 Que o hoje pode estar sendo doloroso, regado a desconforto e maleficência.

CENO 2 Talvez alguma tristeza, violência ou chateação no caminho para cá.

CENO 1 Mas este mesmo hoje pode ser transformado por nós.

TODOS Agora, já!

CENO 2 E o amanhã será vivido como uma delícia vital.

TODOS VEM!

CENO 1 Que alegres.

CENO 2 Tua vida.

TODOS Minha vida.

CENO 1 Leves e doces hão de ser pela nossa vontade.

TODOS VEM!

CENO 2 Queremos que seja assim por força da nossa vontade.

TODOS E nada poderá impedir.

CENO 1 VEM!

CENO 2 E verás que, ao nos abraçarmos, vamos compreender.

CENO 1 Que somos um só como o mundo que habitamos.

CENO 1 Que apesar de todas as nossas diferenças...

CENO 2 ...estaremos sendo mais humanos e fortalecidos neste encontro.

TODOS Mais solidários.

CENO 1 Mais saudáveis.

TODOS Mais acolhedores e acolhidos.

CENO 1 Finalmente, é hora de perguntar: o que plantamos neste ano?

CENO 2 O que colhemos?

TODOS Quantos acolhemos?

CENO 1 Valeu a pena?

CANTIGA *Gritava um homem da rua*[7]
cantando com sua voz
embargada de pigarro
em sua língua rota e nua:

[7] Cantiga inédita de Ray Lima publicada neste roteiro.

Lá no tempo em que nasci,
logo aprendi algo assim:
cuidar do outro é cuidar de mim,
cuidar do outro é cuidar de mim,
cuidar do mundo é cuidar de mim,
cuidar de mim é cuidar do mundo.

Se cuido um pouco de tudo,
de mim, de mim quase nada;
eu preciso me incluir,
é hora de me amar;
é sabido, viver é bom,
viver é bom pra quem sabe amar.

Lá no tempo em que nasci,
logo aprendi algo assim:
cuidar do outro é cuidar de mim,
cuidar do outro é cuidar de mim,
cuidar do mundo é cuidar de mim,
cuidar de mim é cuidar do mundo.

Outro mundo, outros tempos;
outros fins, outro começo;
sabidos são os afetos,
o amor é terapêutico.

Lá no tempo em que nasci,
logo aprendi algo assim:
cuidar do outro é cuidar de mim,
cuidar do outro é cuidar de mim,
cuidar do mundo é cuidar de mim,
cuidar de mim é cuidar do mundo.

Ilustração: Josenildo Nascimento

De Sonhação o SUS é Feito, com Crença e Luta o SUS se Faz – Conferência Nacional de Saúde – Brasília – Dez. 2011

Reescritura por Ray Lima do roteiro sobre doença falciforme produzido por Ray Lima, Vera Dantas, Elias J. Silva, Johnson Soares e Márcio Firmino para a III Mostra Nacional de Produção em Saúde da Família – Brasília, 2008

Músicas de Johnson Soares, Júnio Santos e Ray Lima

Intervenção cenopoética com:
Vera Dantas, Elias J. Silva, Johnson Soares, Jair Soares, Edvan Florêncio e Ray Lima

MÚSICA

De sonhação[8]
o SUS é feito:
com crença e luta
o SUS se faz.

Saúde é coisa de branco?
Saúde é coisa de preto?
Saúde é coisa de gente?
Saúde comporta gueto?

De sonhação
o SUS é feito:
com crença e luta
o SUS se faz.

Saúde é coisa de elite?
O SUS é coisa do povo?
O acesso tem um limite?
O SUS é vida pra todos?

De sonhação
o SUS é feito:
com crença e luta
o SUS se faz.

Toda doença é complexa
do nascedouro ao finzinho,
porque nasce em ser complexo,
não há reta nem convexo,
não despreze um só caminho.

De sonhação
o SUS é feito:
com crença e luta
o SUS se faz.

[8] Trecho de canção inédito de Ray Lima e Johnson Soares (informação verbal).

TODOS O sonho é nosso, a prática também. A luta é de todos, as conquistas também.

CENO 2 Até dos que criticam?

TODOS Principalmente.

ANUNCIADOR
Mas quando os que fazem a crítica fácil do SUS têm a coragem e a honestidade de tê-lo como uma potência criativa, um patrimônio do povo brasileiro que carece de investimento.

CENO 1 O SUS deve ser visto como um bem comum e universal que deveria ultrapassar as fronteiras das ideologias.

CENO 3 O SUS nasceu da luta popular e precisa existir com a qualidade que nossa gente merece.

ANUNCIADOR
Uma pausa, por favor! O fato é que, enquanto discutimos aqui os rumos do SUS e da saúde do Brasil, muita coisa acontece lá fora. O nosso maior desafio é, portanto, como diz Odorico Monteiro, trocar o pneu com o carro andando sem comprometer a viagem nem os passageiros. Pense num desafio!... Pois é. Chegou a notícia de que mais um fulaninho de tal morreu.

TODOS Morreu Fulano de Tal! Morreu Fulano de Tal na porta de um hospital!

CENO 1 De doença, bala ou por falta do vil metal?

ANUNCIADOR

Não se sabe bem o mal. Mas um simples acesso foi transformado em um caso de alta complexidade.

TODOS Pode um negócio desse?

CENO 3 O que o sistema convencional tem a ver com isso?

CENO 1 Temos que ir atrás dos responsáveis. De quem é a culpa?

CENO 3 É grande o rebuliço para pôr culpa no SUS.

CENO 2 Realmente. Se reconhecermos que há, onde estão as falhas do SUS?

ANUNCIADOR

Está na macrogestão? Nas gestões da atenção primária, da média complexidade, da alta complexidade? Ou o furo está na formação dos profissionais? Na organização dos serviços? No corporativismo de classes? Na educação deficiente e na consequente baixa participação da população? No chamado controle social? Na falta de investimento? Na mercantilização dos serviços dentro dos hospitais? Na falta de tecnologia? Na falta de afeto? É um problema cultural, histórico?

TODOS O que é? A conferência encontrará respostas para tão simples perguntas?

ANUNCIADOR

É verdade que os brasileiros estão desistindo do SUS ou são os sucessivos governos que desistiram da Saúde como política pública prioritária? Quem são os responsáveis por tantas crises na Saúde? O defeito do SUS está fora ou em seu interior? O problema é mesmo sistêmico?

MÚSICA

Nada continua como está.
Tudo está sempre mudando.
O mundo é uma bola de ideias
Se transformando, se transformando.
O mundo é uma bola de ideias
se transformando, se transformando.
Abra a cabeça.
Saia do escuro.
Não tenha medo
do seu futuro.
Faça o que sabe
pra se cuidar.
A vida não pode parar
(SANTOS, 2012, p. 123).

ANUNCIADOR

Enquanto a gente cantava, eu pensava nas transformações que precisamos ter para sermos um país de todos e todas. Não falo reforma, digo transformação profunda. Será que as elites brasileiras e a indústria da doença, por intermédio da mídia, que lhes dá voz, não induzem o povo historicamente a acreditar que o SUS, em vez de solução, é um problema para o País?

CENO 2 Assim se ouve e se lê nos jornais televisivos e por escrito.

CENO 1 A mídia no SUS não acredita ou só vê o que na prática ainda é falho?

CENO 3 Não podemos generalizar, mas não dá para esconder que boa parte nega, deturpa e difama tudo aquilo que dá certo no SUS e contraria os interesses daqueles que sempre se beneficiaram do dinheiro público para manter a saúde privatizada e para poucos.

CENO 1 Há mesmo tais interesses, grana em jogo?

ANUNCIADOR
Dá para sentir as evidências. Além disso, há as crenças e descrenças, os conflitos de paradigmas.

CENO 2 Paradigmas ou futricas e resistência de cunho ideológico?

CENO 1 E a cultura da medicina convencional? E os efeitos da formação na prática cotidiana dos serviços?

CENO 3 Isso significa dizer que é preciso uma mudança radical?

ANUNCIADOR
Sobretudo na formação dos trabalhadores, com reestruturação do plantel, desfragmentação das ações, democratização da gestão, eficiência nos serviços, educação popular e permanente, investimento forte e destruição dos focos de corrupção fora e dentro dos serviços.

CENO 1 Epa! Espere aí! Então, o nó crítico está apenas no SUS ou precisamos repensar o projeto de Brasil?

TODOS O que tem a ver uma coisa com a outra?

ANUNCIADOR

Tudo. O SUS como ideário não pode ser pensado sem um projeto de país. Realizar o SUS na sua inteireza é fazer a verdadeira revolução do Brasil.

TODOS Não é possível avançar o SUS sem avançar o Brasil?

ANUNCIADOR

O SUS traz em sua concepção uma ideia de justiça, de isonomia, de participação e de democracia ainda longe de sua plenitude; de qualidade de vida associada a um apelo popular, a uma inquietação que aparece como uma ameaça, como um inimigo perigoso de causar tédio à indústria do remédio e a todo o empresariado da saúde de mercado, da indústria da doença.

TODOS O SUS requer, portanto, uma mudança de mentalidade também das elites brasileiras?

CENO 3 Por isso mesmo, a história nos ensina que essa batalha vem de longe, que nada fácil nos fascina; e – agora mais fortalecida nossa luta pela vida só começa, não termina.

MÚSICA Diz aí, meu Brasil! [9]
O SUS é teu por inteiro
ou sonho de iluminado?
E o povo brasileiro
o que sabe, o que nos diz,
está o SUS por um triz
ou será consolidado?

CENO 1 Só perguntando a todo mundo de rua em rua, praça em praça, cidade em cidade, bairro em bairro, cidadão por cidadão.

CENO 3 É preciso sair das corporações, descer das academias, romper as carapaças dos corruptos infiltrados nas instituições públicas, nos serviços, no cotidiano dos negócios do Estado.

CENO 2 Será que vamos ter que dessetorializar as políticas? Destituir as secretarias? Dar adeus aos burocratas? Varrer a tecnocracia?

ANUNCIADOR
Além disso, os gestores coerentes com seus discursos de campanha terão que largar o ar condicionado dos gabinetes e sair para conversar diretamente com seu povo. E em diálogo permanente, respeitando o jeito da gente, com ele tecer as transformações urgentes e necessárias.

TODOS Isso é o SUS dos nossos sonhos?

[9] Música inédita de Ray Lima e Johnson Soares publicada neste livro.

ANUNCIADOR

Vamos seguir perguntando aos brasileiros e às brasileiras quais são o SUS e o Brasil dos nossos sonhos. Isso não pode ser por decreto do capital financeiro e dos empresários da doença. Somente o povo brasileiro, irmanado, mas atento, pode construir o Brasil de todos. E, com ele, o SUS da gente, que faz, sonha e sente a revolução que está por vir, rompendo com as desigualdades, cobrindo todos e todas de felicidade sem ninguém ficar de fora.

CENO 3 Garantindo a participação e o poder popular como fator decisório e permanente na gestão da nossa história.

TODOS O poder original é popular.

CENO 2 A elitização do poder é uma doença, um desvio do curso natural das relações democráticas.

ANUNCIADOR

Isso mesmo. Envolver os cidadãos e as cidadãs, discutindo cada passo dado pelo SUS, seus avanços e recuos, entendimentos, confusões, renovando aprendizagens e práticas de atuação do que foi ao que é que há, do como ser ao que será, fortalecendo o coletivo, partindo para cima dos reais problemas e ampliando os horizontes do povo brasileiro.

CENO 3 Não há "alma grande sem perturbação". Não há caminhada longa sem tropeços, cansaços, tensões.

CENO 1 Então, mãos à obra, porque há muitos desafios pela frente.

CENO 3 Muito combate haverá com aqueles que se arvoram a defender e pregar o fim da história, da memória e da luta do povo.

CENO 1 Muito embate ético, econômico, filosófico, político e ideológico entre classes haverá.

CENO 2 Muito debate entre grupos e setores por sonhos, interesses e ideais haverá.

CENO 3 Sem querer colocar mais lenha nessa fogueira e colocando, na verdade, quem mais atrapalha o SUS é quem menos precisa e dele mais usufrui, negando-o sempre, desqualificando-o sistematicamente para abocanhar os recursos a ele destinados.

TODOS Vamos cantar que a arte diz melhor.

MÚSICA Joana, que era anti-SUS,[10]
ficou sem vida, avarenta.
Será que valeu a pena
morrer pelo vil metal
na UTI do capital,
ser lacraia do sistema?

Joana, que era sem pena,
agora clama um abraço.
Joana, que era anti-SUS,
sem bater nem a pestana,
no instante que passou mal,
valeu-se desse sistema.

[10]Música inédita de Ray Lima e Johnson Soares publicada neste livro.

ANUNCIADOR

Candidata potencial, a empresária da doença, Joana, por meio da mídia, saraiva tantos torpedos contra a saúde coletiva e o SUS. Induz a gente ao consumo de uma saúde ideal baseada na biomedicina e no poder de capital, falsificando até os sonhos de um povo que ainda tem muita precisão.

CENO 3 Assim, cantamos o SUS não apenas como ideal, porém como campo de luta social e defesa da vida.

CENO 2 Só não viu quem não quis ver, no mundo está para nascer política, experiência com tanto potencial.

ANUNCIADOR

E para quem só crê se tiver um aval gringo, a t é os chineses e americanos querem importar o SUS. Imagine o SUS Patrimônio Mundial! Mas aqui dentro... Bom, aqui dentro não tem sido fácil, por isso seguimos cantando, refletindo e alimentando nossas utopias, nossa teimosia revolucionariamente humana.

CANTIGA *Ponta de pé.* [11]
Pise no chão.
Alongue o braço.
Estique a mão.
Toque no céu.
Ai, pegue o sol,
agarre o sol,
pegue com a mão.

[11] Trecho de canção inédita ainda não publicada (informação verbal adaptada do poema *Utopia*, de Ray Lima).

Eu quero pegar o sol.
Você se queima.
Você se queima.
Eu quero pegar o sol.
Você se queima.
Você se queima.
Eu quero pegar o sol.
Você se queima.
Você se queima.

Ai, ai, ai.
Ai, ai, ai.

Eu te avisei.
Eu te avisei.
E agora, o que fazer?

É só curar a queimação,
buscar de novo o sol,
pegar o sol,
pegar com a mão.

CENO 1 Não há receita, há resistência e teimosia. O mundo é uma roda viva, e a vida, sua síntese; daí sentirmos que o sentido da vida está nas pessoas e nos sonhos que constroem.

CENO 2 É das pessoas que saem e se confrontam as ideias e as práticas do velho e do novo, do justo e do injusto, do fútil e do necessário.

CENO 3 É a partir delas que o mundo e a vida ganham sentido histórico.

MÚSICA *A vida é o fluxo da história,*[12]
o movimento da maré,
ré, ré, ré,
ré, ré, ré, ré, ré, ré.

Na vida, rola a brincadeira,
rola a bola do universo,
rola a prosa, rola verso,
saúde vem da in-formação,
das ciências, do cuidado,
do saber acumulado,
seu doutor, da cultura popular.

ANUNCIADOR

E dando um ponto final da nossa função neste momento histórico, alertamos: política pública é para ser discutida, definida e gestada abertamente, diretamente com o povo nos espaços públicos, nas ruas, nas praças e nos terreiros.

CENO 2 Cantando forte, dançando mais, a vida é luz a celebrar. Os passos dados refletem o caminhar, o SUS afeta a gente e nos põe a lutar.

ANUNCIADOR

De conferência em conferência, um patrimônio a defender o SUS, que à nação quer pertencer e que a humanidade deseja perpetuar.

CENO 1 Usar o SUS é respeitá-lo, mas também acreditar que o que é público pertence ao público e não apenas ao Estado e à elite dominante, que dele se apropria indevidamente.

[12] Trecho de canção inédita ainda não publicada (informação verbal adaptada do poema *Utopia*, de Ray Lima).

CENO 3 Exigir e fazer com que o SUS funcione é dever de todos nós. Criticá-lo sem usá-lo é ver a ética mui ferida. Apoiá-lo é nutrir sonhos, muita esperança de vida e justiça social para todos os brasileiros.

CANTIGA *Se o tempo nosso tempo*
Não te agrada te degrada
Não te basta te desgasta
O que te afasta da ideia
Menos fácil de mudá-la?
Ô meu! Ô meu!

Já ouvi essa história
Minha memória é reprimida
Mas quando a gente lembra
Os nervos em demência se abalam
A gente ganha voz
A gente ganha vida
E pensa e lembra e pensa
Não fui eu
Ô meu! Ô meu!
(LIMA, 1994, p. 85-86)[13, 14]

[13] Membro fundador do Movimento Escambo Popular Livre de Rua <www.cenopoesiadobrasil.blogspot.com> e <limafeliz@gmail.com>.
[14] Integrantes da equipe do projeto Cirandas da Vida do Sistema Municipal de Saúde Escola – Secretaria Municipal de Fortaleza/CE – <www.sms.fortaleza.ce.gov.br>.

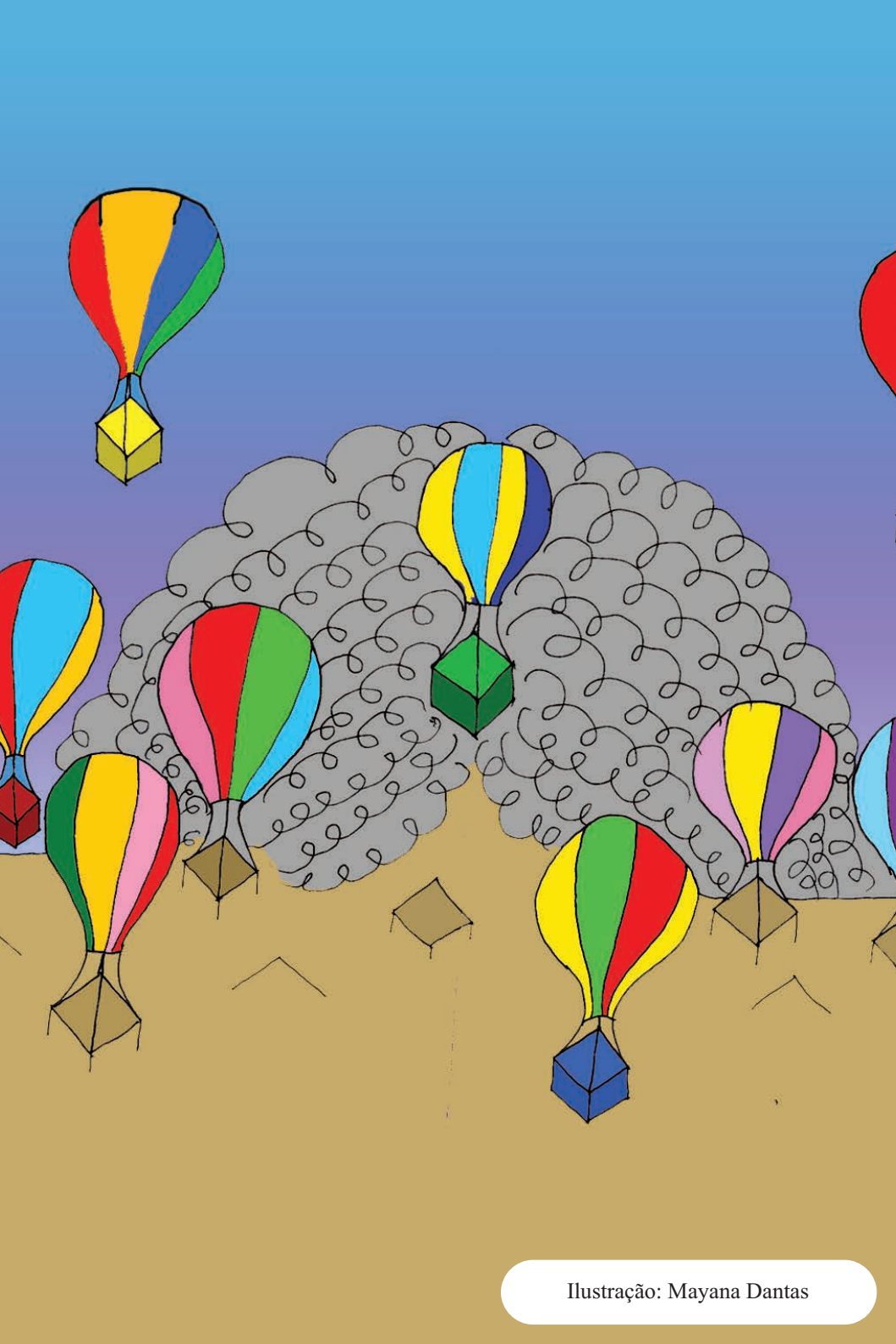

Ilustração: Mayana Dantas

Educação Popular, Escola Permanente da Vida

Ray Lima

Todos — Oi! Bom dia! Prazer! Muito prazer!

Coro 1 — Ei! Você veio?

Coro 2 — Vim. Não está me vendo?

Coro 3 — Por que veio?

Coro 4 — Porque fui informado, convidado.

Coro 5 — Convidado ou convocado?

Coro 6 — Que seja. O fato é que estou aqui.

Coro 7 — O que veio ver aqui?

Coro 8 — Mais conhecimento. Formação. Fortalecimento de nossa luta.

Coro 2 — Mas para que mais formação e luta se já somos formados e lutamos tanto?

Todos — Ui!! Espere aí. Formação e luta têm finalidade, mas não têm fim.

Coro 4 — O que isso quer dizer?

Coro 5 — Ora! Que lutar e aprender é um processo permanente.

Coro 6 — E mais: que nossas práticas podem ser passíveis de reflexão, melhoradas, requalificadas.

Coro 7 — Como isso pode ser feito?

Coro 8 — Na base da ação, da reflexão e novamente da ação. Planejando, repensando, avaliando, fazendo, refazendo...

Coro 4 Mas na prática isso é um sonho.

Todos Sonho, não. Sonhação.

Coro 5 Sonhação?

MÚSICA *No balão, cirandas*
a girar no céu.
No balão, o abraço
cirandeiro, chão.

No balão, a vida na palma da mão.
No balão, a vida na palma da mão.

No balão, a força
da imaginação,
cirandando giros
de irmanação.

No balão, a vida na palma da mão.
No balão, a vida na palma da mão.

No balão, o sonho
a nos tirar do chão.
Neste sonho, asas
à revolução.

No balão, a vida na palma da mão.
No balão, a vida na palma da mão.

No balão, leveza,
no balão, ação,
amorosidade,
gesto, construção.

No balão, a vida na palma da mão.
No balão, a vida na palma da mão
(SOARES; LIMA, 2008).

Coro 1 — Pois é. O Sistema Único de Saúde
e a educação popular são grandes
oportunidades já faz tempo.

Coro 2 — Oportunidades? De quê?

Coro 4 — De construirmos uma língua comum.
Queremos dizer: uma nova cultura
de práticas e saberes compartilhados
e renovados.

Coro 5 — Mas já falamos a mesma língua.

Todos — Será? Como num País deste tamanho
podemos falar uma só língua?
Impossível!

Coro 6 — É verdade. Há muitos sotaques, dialetos,
linguagens. Mas o problema não é esse.
É que falar a mesma língua não significa
apenas balbuciar as mesmas palavras.

Coro 7 — As Cirandas da Vida e o SUS seriam
formas de construção dessa língua?

Coro 8 — O SUS é uma possibilidade de nos
organizarmos na diferença e na diversidade.
A educação popular poderia ser o espaço de
construção dessa língua?

Todos — Pode ser. Há de ser.
Esse poderá ser o lugar do encontro:
encontro das ciências;
encontro das vivências e convivências;
encontro da ação/reflexão/ação;
encontro da superação;
encontro das artes, das práticas,
das profissões, da humanização...

Coro 1 Lugar de nos construirmos também como gente, como cidadãos para além dos cargos, das corporações, das profissões...

Coro 4 A educação popular pode ser a nossa LIGAÇÃO de nós com nós mesmos.

Coro 5 De nós com a família.

Coro 7 De nós com o território, com o nosso lugar.

Coro 8 Promovendo e produzindo socialmente saúde.

Coro 6 Chamando a população para dançar as Cirandas da Vida.

Coro 3 Transformando a prática do dia a dia em reflexão permanente.

Coro 2 Em aprendizagens permanentes.

Coro 1 Em prática de vida e transformação.

Todos Onde todos aprendendo a viver, trabalhar e pensar juntos possamos dizer:

Coro 6 *Eu não sou você*

Coro 7 *Você não é eu*

Coro 4 *Mas sei muito de mim*
Vivendo com você

Coro 5 *E você? Sabe muito de você vivendo comigo?*

Todos — *Eu não sou você*
Você não é eu

Coro 1 — *Mas encontrei comigo e me vi*
enquanto olhava pra você

Coro 2 — *Na sua, minha insegurança*

Coro 3 — *Na sua, minha desconfiança*

Coro 4 — *Na sua, minha competição*

Coro 5 — *Na sua, minha birra infantil*

Coro 6 — *Na sua, minha omissão*

Coro 7 — *Na sua, minha firmeza*

Coro 8 — *Na sua, minha impaciência*

Coro 3 — *Na sua, minha prepotência*

Coro 5 — *Na sua, minha fragilidade doce*

Coro 3 — *Na sua, minha mudez aterrorizada*

Coro 1 — *E você se encontrou e se viu, enquanto*
olhava pra mim?

Todos — *Eu não sou você*
Você não é eu

Coro 8 — *Mas foi vivendo minha solidão*
que conversei com você

Coro 7 — *E você conversou comigo na sua solidão*
ou fugiu dela, de mim e de você?

Todos *Eu não sou você*
Você não é eu

Coro 6 *Mas sou mais eu quando consigo*
lhe ver, porque você me reflete

Coro 3 *No que eu ainda sou*

Coro 2 *No que já sou e*
No que quero vir a ser

Todos *Eu não sou você*
Você não é eu
Mas somos um grupo, enquanto
somos capazes de, diferenciadamente,
eu ser eu, vivendo com você, e
você ser você, vivendo comigo
(GROSSI; BORDIN, 1992, p. 29).

Coro 1 Porque, no sonho que tive,

Coro 3 Quando olhei para você

Coro 5 Quando olhei para mim

Coro 7 Vi que o que tinha dentro

Coro 2 O que tinha dentro?

Coro 4 O que tinha dentro?

Coro 8 O que tinha dentro?

Todos "Era gente

Era gente ainda

Era gente ainda".

CANTIGA

Bocado de molambos molhados
Manchando o chão,
Bocado de molambos molhados
Manchando o chão.
Mas o que tinha dentro
Era gente ainda,
Era gente ainda
(LIMA, 2009, p. 65-67).

Ilustração: Josenildo Nascimento

A Cidade Viva Alimenta a Participação

Ray Lima

CANTIGA *Se dois é mais do que um*[15]
E três é mais do que dois
Se quatro é mais do que três
E cinco é mais do que quatro,
Então cinco é mais que um,
Sozinhos seremos cinco,
Juntinhos seremos um.

TODOS E o povo? Onde está o povo? Quem é povo aqui? Tem alguém representando alguém aqui? Quem fala pelo povo aqui?
Quem representa o povo aqui? O que está acontecendo aqui? Como participar?
Quem estou representando?
Falo por quem, afinal?

ATOR I A voz do povo é a voz de Deus. Talvez por isso não seja tão fácil enxergá-lO onde as decisões importantes são tomadas. O povo é assim como Deus: todo mundo sabe ou admite que Ele existe, mas nunca está de corpo presente. Há sempre alguém falando em nome dEle ou por Ele. Essa história é antiga. Democracia representativa? Democracia direta? Mas a conversa está só começando!!

ATOR II *Escravo, quem te libertará?*
Os que estão no buraco mais fundo
Te verão, companheiro,
Teus gritos ouvirão.
Os escravos te libertarão
(BRECHT, 1968).

ATOR I Viver, se preciso for.
Sobreviver não basta.

[15] Trecho de canção inédita ainda não publicada (informação verbal de Júnio Santos).

ATOR II "Democracia é para todos ou não é para ninguém".[16]

ATOR I "Ou todos ou ninguém. Ou tudo ou nada" (BRECHT, 1968).

ATOR II E olha que, como diz Paulo Bonavides (2001, p. 30),

> [...] a bandeira da democracia social e participativa é apresentada pelos globalizadores como arcaísmo político, que ainda faz arder a imaginação dos países do Terceiro Mundo. Todavia, é a doutrina do neoliberalismo que figura como a lâmina mais corrosiva e cortante que já se empregou para decepar a liberdade, a economia e as finanças dos povos da periferia.

CANTIGA *Chegue mais perto ator, atriz,*[17]
Cidadão, companheiro dia a dia.
Venha logo, home, deixe de bobagem!
Participar é a linguagem
De tecer cidadania.

Qual a tua cor:
Preto, vermelho, amarelo?
Importa não, vale mais tua vontade
De ser comigo, trabalhar pelo País,
Ser cidadão, ator-sujeito e pensador.

Chegue mais perto, ator, atriz,
Cidadão, companheiro dia a dia,
Venha logo, home, deixe de bobagem!
Participar é a linguagem
De tecer cidadania.

[16] Versão de Ray Lima da frase famosa do Betinho: "Democracia serve para todos ou não serve para nada". Trecho de canção inédita (informação verbal).
[17] Cantiga inédita de Ray Lima (informação verbal).

Qual a tua cor:
Preto, vermelho, amarelo?
Importa não, vale mais tua vontade
De vir comigo, aprender a ser feliz
Na inquietude que nos traz um grande amor.

ATOR II — Que desafios nos trouxe aqui? Por que participar disso? Como pretendo me colocar nesse contexto?

ATOR I — Os desafios não são poucos: acabar com a pobreza e a fome; crescer sem devastar nem destruir; fazer o SUS funcionar; desburocratizar a academia, o Estado, a vida; mobilizar e estimular a participação popular para tirar o Estado e nossas riquezas das mãos das elites e do capital financeiro.

ATOR II — Tudo isso em dois dias?

ATOR I — Se Deus fez o mundo em sete dias, só essa besteirinha de nada a gente faz em dois, né não? Entre os humanos há muitos deuses: sabem tudo, podem tudo, são capazes de tudo, né não? Se não a gente mais uma vez vai ficar conversando, conversando e depois nada feito...

ATOR II — Só quero ver.

CANTIGA — *Saúde, tchu ru ru,*[18]
Tem que ser boa para todos.
Tchu ru ru.
Ainda há gente sem comer.
A nossa luta é pra valer,
Tchu ru ru ru ru.

[18] Trecho de canção inédita (informação verbal). Adaptação de Ray Lima da música de Júnio Santos.

Saúde não é bula e ambulância.
A ficha cai, o caso é grave, o tempo avança.
É dever da gestão, do controle social
Ouvir o território, o movimento social.

Saúde, tchururu.
Mais que remédio é atitude.
Tchururu.
Participação é pra valer.
Reforma agrária do saber.
Tchuruuruuru.

Cidadania e saúde andam juntas
Na sua inquietação em mil perguntas.
É dever do bom gestor, é dever do cidadão
Romper com o marasmo, que é pai da servidão.

Saúde, tchururu.
Mais que remédio é atitude.
Tchururu.
Ainda há gente sem comer.
Mais que esmola quer saber.
Tchuruuruuru.

ATOR II — Isso é educação popular. Problematizar, mas também poematizar o universo.

ATOR I — Conversando, a gente se entende. Ou se desentende para sempre, amém.
Aos pouquinhos, cada um vai encontrando seus próprios caminhos de superação.

ATOR II — A participação é aqui nosso lema fundamental, mas cada um tem sua forma de participar.

ATOR I Mas como participar do contexto de um Estado burguês, burocrático, com gestores, médicos, juristas e parlamentares totalmente afastados da população?

ATOR II E por que isso ocorre?

ATOR I Porque o chamado Estado de Direito não funciona direito. É de direito para muitos, mas de fato só para alguns.

ATOR II Reparando bem, o Estado é autoritário e tem sido o principal carrasco dos que já nascem injustiçados.

ATOR I *Dentre todas as idades de crise por que já passou o pensamento político, nenhum talvez se compare em extensão e profundidade com a que ora atravessamos, de baixo sentimento de angústia e incerteza* (BONAVIDES, 2001, p. 143).

ATOR II *Os que viveram à época do liberalismo – os nossos ditosos antepassados – podiam romanticamente considerar o problema do Estado com a presunção otimista de haver criado um mundo melhor e mais sólido, baseado na utopia revolucionária dos direitos do homem* (BONAVIDES, 2001, p. 143).

ATOR I *O Estado liberal humanizou a ideia estatal, democratizando-a teoricamente, pela primeira vez, na Idade Moderna. Estado de uma classe – a burguesia –, viu-se ele, porém, condenado à morte, desde que começou o declínio do capitalismo* (BONAVIDES, 2001, p. 143).

.

ATOR I Agonizante, a Europa, os Estados Unidos e o Japão voltam suas garras mais uma vez para os países da periferia, querendo saquear suas riquezas, passando por cima de suas autonomias, da soberania de seus povos. O que isso tem a ver com as temáticas do nosso encontro?

ATOR II Sem a participação direta do povo não pode haver democracia nem paz em canto nenhum do mundo.

ATOR I O que é participação? O que é participar quando o povo não influi nem contribui com a elaboração, definição e gestão de tais políticas públicas? O que é ser povo no Brasil? É atuar e se fazer presente ou se deixar representar? É ser massa de manobra?

CANTIGA *Esse mundo não é nada engraçado*
Ricos fingem entediar-se com o mercado
E o mercado quanto mais nervoso
Tantos mais os pobres nadam em marés
E o mercado quanto mais nervoso
Tanto mais os pobres nadam em marés de
Alegria. Domam suas fantásticas utopias
Com chicotadas de embriaguês sem pão
(LIMA, 2009, p. 53).

ATOR I *Rambos da política.*
Rambos do capital,
Da internética,
Da antiética,
Da indústria bélica.

Massa de manobra.
Massa de modelar.
Massacre (LIMA, 2009, p. 54-56).

ATOR II Gente, mas existe o controle social!

ATOR I Que controle tem a gente sobre o Estado neoliberal que aí está?! O que significa participar quando as políticas ditas públicas, construídas e avaliadas a portas fechadas, sequer chegam ao seu destino planejado?

ATOR II Que participação têm os trabalhadores nas decisões tomadas muitas vezes de cima para baixo nos gabinetes, palácios e parlamentos?

ATOR I Que participação têm os estudantes sobre a elaboração do currículo, a escolha dos cursos, os métodos de ensino?

ATOR II Que controle temos sobre o processo de formação nas escolas, academias, igrejas, na *internet*? Que controle temos sobre a educação dos nossos profissionais, dos nossos filhos?

MÚSICA

Nosso pai, nossa mãe,
Nossa juventude,
É grande o esforço por nossa terra.
Vivemos um tempo de muita provação,
Luta é preciso pelo nosso chão.

Sei que a primavera não chegou,
Que temos muito a caminhar.

Muito conquistamos.
É sempre bom lembrar,
É sempre bom lembrar e cantar,
Juntos outra vez,
Nesse caminhar,
Na estrada da vida,
Eu e você,
Crescer e perpetuar
(AUGUSTO; MAMEDE; AZARIAS, 2004).

ATOR I A participação é uma arma poderosa que precisa ser levada a sério. Não pode ser um faz de conta só para justificar o falido e injusto sistema do Estado neoliberal.

ATOR II Se não existe democracia indireta, a democracia representativa tem dado o retorno esperado pela população? Basta ter a esquerda no governo?

ATOR I Esquerda? Essa que cuida da saúde dos bancos, põe as elites dominantes no colo e para o trabalhador sobra sempre um braço pesado sobre seus ombros calejados? Uma gestão democrática se faz na vontade, na participação efetiva e na ação reflexiva e direta dos cidadãos.

ATOR II Participar é romper com a ditadura constitucionalista que governa por decreto das leis que conservam a elite no poder e escravizam o povo no dever.

ATOR I Participar é estar consciente do papel revolucionário de cada micropoder, de nossa missão transformadora, criadora e recriadora do mundo.

ATOR II O povo sabe, pode e deve ampliar sua capacidade de participar e gerenciar inclusive os negócios do Estado. É possível democratizar e arrancar justiça social do Estado neoliberal?

ATOR I Acho difícil, mas o que nos resta senão lutar? Enquanto faltar moradia. Enquanto criança houver na rua.

ATOR II Enquanto um só não estudar.

ATOR I Enquanto um só não comer bem ou sem saúde houver alguém.

ATOR II Enquanto a liberdade for ameaçada.

ATOR I Enquanto as leis não forem cumpridas em favor do bem comum.

ATOR II Lutar é preciso.

ATOR I Não quero para mim as borras do capital que sobrou. Não quero para mim o caule morto, o tição das queimadas, as cinzas dos bichos, o pó da flor.

ATOR II Não quero para mim o falso pudor nem a feia nudez do meu corpo descuidado, charqueado de ódio e rancor. Nunca mais o corte do chicote súbito, suprassumo da dor.

ATOR I Não quero para mim esse mundo letal, letárgico, sem viço nem cor. Não quero para mim o chão desmatado, aluviado. Quero muita energia boa para os sonhos de asas vitais.

ATOR II Não quero para mim o que da civilização nos restou. Não quero para mim o mundo em que mal pude ser e ele acabou.

ATOR I Não quero para mim esse poder de destruição. Quero me deixar ser o que vim para ser, romper a lógica que sem poder diz que sou...

ATOR II *Ou todos ou ninguém. Ou tudo ou nada.*
Um só não pode salvar-se.
Ou os fuzis ou as cadeias.
Ou todos ou ninguém.
Ou tudo ou nada.

Ator I *Homem perdido, quem se arriscará?*
Aquele que já não pode suportar
Sua miséria que se una aos que lutam,
Porque seu dia seja o de hoje
E não algum dia que há de chegar
(BRECHT, 1968).

CANTIGA *Nada continua como está,*
Tudo está sempre mudando.
O mundo é uma bola de ideias
Se transformando, se transformando.

Abra a cabeça,
Saia do escuro,
Não tenha medo
Do seu futuro.
Faça o que sabe
Pra se cuidar.
A vida não pode parar.
O mundo não vai acabar.

CANTIGA *Nas malhas da rede eu vou, eu vou*[19]
Balançar pra vida vir
Com o tempo avançar.
Nas malhas da rede eu vou, eu vou
Navegando na maré
Da cultura popular.

Essa rede é do homem.
Essa rede é da mulher.
Essa rede é inclusiva.
Pode vir donde vier.
Saúde é cidadania.
Trabalhador sonha e tem fé.

Nas malhas da rede eu vou, eu vou
Balançar pra vida vir
Com o tempo avançar.
Nas malhas da rede eu vou, eu vou
Navegando na maré
Da cultura popular.

Nossa rede é unida
É erudita, é popular.
A rede é libertadora
Sabe aonde quer chegar.
Nela cabem as diferenças
E os saberes do lugar.

Nas malhas da rede eu vou, eu vou
Balançar pra vida vir
Com o tempo avançar.
Nas malhas da rede eu vou, eu vou
Navegando na maré
Da cultura popular.[20]

[19] Trecho de canção inédita ainda não publicada de 1999 (informação verbal) de Ray Lima e Júnio Santos.

[20] Maranguape, 29 de agosto de 2011 (por ocasião do Encontro Regional do Nordeste da Rede Unida, I Encontro Metropolitano de Educação Popular de Práticas Integrativas e Populares de Cuidado).

Ilustração: Mayana Dantas

ROTEIRO CENOPOÉTICO
(para o Caps AD do Pirambu)

Ray Lima

CANTIGA NÃO ME CONHEÇO

Não me conheço.
A parte, em mim, que conheço
é apenas parte do que em mim reconheço.

Não me conheço.
Não me conheço.
Sei de mim uma parte,
a outra não vivi ainda.

Não me conheço, não me conheço.
Sei pouco ou nada do que já conheço,
Mas se me pego pensando que sei,
Fujo de mim, escapo de vez
(LIMA, 2005, p. 25).

MÚSICA *Tantos anos sem abraço. O que houve em ser assim? Já de mim não me desfaço. Que falta faço a mim? Que pedaço é meu tão bom? Que outros meus são tão ruins?*

Tantos sonhos, tanta história: amores veros que não rolam; histórias vãs e sem conquista – do ponto de quem avista, na vista de quem não conta.

A vida vai fazendo a monta de tudo que se destrói; de o exagero no fazer; do prazer desperdiçado; do construído abandonado, do desmonte incalculável.

Não é tarde o fim do dia, nem da vida que o anuncia. Dia nascido é cedo e tarde. A vida em calma passa mole. Cruzo os braços, a vida encolhe, tranco a alma de verdade (LIMA, 2005, p. 23).

O ser humano amado é lindo!
O ser humano amado é livre!
O ser humano amado é dez!
Como no mundo precisa ter vez!

Eu sou humano, quero curtir minha existência.
Cuide da minha, não deixe morrer a sua.
A pessoa mal amada abandonada é presa,
devorada pela fome da rua.

Eu sou humano, cidadão.
Cidadão se faz no útero.
Cidadão se faz em casa.
Cidadão cresce na escola.

Cidadão não tem idade,
tem esperança na cachola.
Cidadão tem vida de verdade,
goza de felicidade, cidadão não
pede esmola.

O ser humano tem corpo, se bate fica roxo.
O ser humano tem alma, se beija,
se acaricia, ele se arrepia, se acalma,
fica rosa, vira flor.

Então vive um amor que vai além
da mãe e muito além do pai.
Esse amor que vai, esse amor que vem.
Não se acanhe, ame você também
(LIMA, 2005, p. 23).

MÚSICA *O ser que me quer*[21]
ao me querer para si
incorporar-se a mim

[21] Trecho de canção inédita ainda não publicada (informação verbal) de Ray Lima e Johnson Soares, incluída no roteiro *Lâminas* deste livro.

ele também me é.
Entre o ser e o estar
ao saber discernir
o ser que me quer
ele também me é.

Pense nisso, meu bem.
Veja aí, bote fé,
amar é ser
um bom chofer:
não andar tão depressa
que atropele
nem tão devagar
que atrapalhe.

Ter coração. O maior do mundo.
O coração de Raimundo.
Ter amor. O maior do mundo.
Os amores de Raimundo.

Ter fome. A maior do mundo.
As fomes de Raimundo.
Ter sonho. O maior do mundo.
Os sonhos de Raimundo
(LIMA, 2005, p. 36).

MÚSICA *O que seria de uma noite sem um sonho* [22]
O que seria se eu não pudesse sonhar
O que seria do passado sem lembrança
O que será do meu futuro sem amar.

NINGUÉM AMA DE BRAÇOS CRUZADOS

Não há amor sob o teto da prisão.
Ninguém ama sem tesão.

[22] Música inédita de Júnio Santos.

Ninguém voa, ninguém voa com os pés
pregados, colados, arrastando no chão.
Pode parecer antiquado.
Pode parecer tolice de poeta cansado, estafado,
indignado, mas ninguém ama de braços cruzados.
Podem achar que estou sem fé, que
professo o amor por linhas tortas, mas
ninguém de longe troca sequer um beijo,
um gracejo, um solfejo.
Pode-se até querer trocar um
desejo, nem um desejo de longe se troca.

O amor se entoca no brilho do olhar
daquele mirado que mira e se enrosca
na pira do afago do abraço.
O amor verdadeiro vinga no mormaço de
bafos e desabafos.

O amor se afeiçoa de mãos, de mãos
que clamam por mãos; do corpo amante,
amado, desarmado; do coração
relaxado, chegado para perto, solto.
Solte-se soltando as armaduras!
O amor nunca está de braços cruzados.
Para se amar e deixar o amor chegar-se
é preciso abraçar o que se vê e se quer;
pré-sentir onde está o sentido de quem vem,
se vem nos amar.
Ninguém ama por acaso o que ama. De
braços cruzados ninguém chama – berra,
grita, esparrama palavras, mas não chama.
O homem não chama.
A mulher não chama.
A criança não chama.
O velhinho, a velhinha, ninguém.
Ninguém chama, ninguém ama ninguém.
De braços cruzados nem abraço, nem adeus.
De braços cruzados ninguém ama
(LIMA, 2005, p. 98-99).

MÚSICA (Formando uma grande roda)

Um novo amor está pra nascer
Ninguém sabe dizer pra quem
Mas se é amor deixa vir meu bem
Porque amor nem todo mundo tem

Uma relíquia uma relíquia é o amor
Uma relíquia uma relíquia é o amor
Uma relíquia uma relíquia é o amor
Uma relíquia uma relíquia é o amor
Quem tem amor pelo amor de Deus
Me dê amor pelo amor de Deus
Cure essa dor pelo amor de Deus
Me dê amor pelo amor de Deus

Uma relíquia uma relíquia é seu amor
Uma relíquia uma relíquia é seu amor
Uma relíquia uma relíquia é seu amor
Uma relíquia uma relíquia é seu amor

Quem nunca amou pelo amor de Deus
Chegou a hora abrace o seu
Tá sem amor pelo amor de Deus
Não fique só, lhe oferto o meu

Uma relíquia uma relíquia é meu amor
Uma relíquia uma relíquia é meu amor
Uma relíquia uma relíquia é meu amor
Uma relíquia uma relíquia é meu amor
(LIMA, 2008).

CANTIGA (Fechando com o ritual dos abraços)

Corpo meu minha morada
Desde que o sol explodiu
Minha alma em estilhaços
A natureza estende os braços
Renasce o mundo em desafio

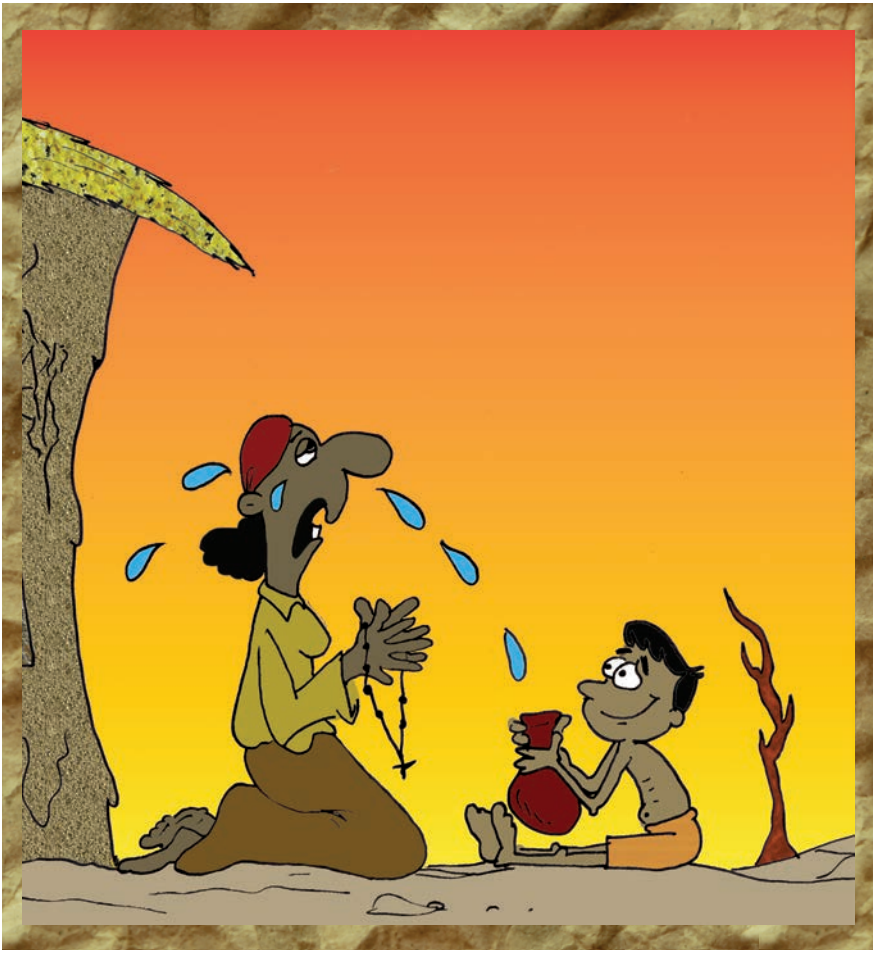

Ilustração: Josenildo Nascimento

Nada Continua Como Está

Por ocasião do Seminário de Educação Popular em Saúde – Educação Popular e Meio Ambiente – Desafios e Perspectivas Rumo a Novas Fronteiras – 26, 27 e 28 de outubro de 2011 – Sesc Iparana – Caucaia/CE

Ray Lima e Elias J. Silva[23]
Revisão de Dra. Vera Dantas

[23] Elias José da Silva é poeta, educador popular, presidente da Comunidade em Movimento (Comov) e atual coordenador das Cirandas da Vida – SMSE-SMS – Fortaleza/CE.

(Cantando e formando a grande roda)

MÚSICA *Nada continua como está*
Tudo está sempre mudando
O mundo é uma bola de ideias
Se transformando se transformando

Abra a cabeça
Saia do escuro
Não tenha medo
Do seu futuro
Diga o que pensa
Sem se esquecer
De se cuidar
A vida não pode parar
(LIMA, 2012, p. 123).

ANUNCIADOR
Que distância há entre mim e o que penso? A quantos metros fico do que penso e faço? Que fronteira há entre nós e o universo que habitamos? Quais os limites entre educação, saúde e a qualidade do ambiente do qual somos parte? Mas se nos parece que aqui ainda há gente que separa tudo, que acha que educação é uma coisa, saúde é outra e ambiente é o outro...

(Cantando e formando a segunda roda
dentro da primeira)

CANTIGA *A roda é o fluxo da história*
O movimento da maré
Ré rérérérére
Ré rérérérérérérérérére
Na roda rola a brincadeira
Rola a bola do universo
Rola a prosa rola o verso

Saúde vem da informação
Da ciência do cuidado
Do saber acumulado, seu doutor
Da cultura popular
(LIMA, 2012, p. 123).

1ª RODA QUE TAL...
uma roda para refletir esses temas, esse tempo que estamos juntos? Que tal uma roda que amplie as fronteiras da consciência até que novos desafios surjam e com atos limites possamos encará-los sem medo de superá-los?

ANUNCIADOR
Rodas que expressem as inquietações que sentimos e externamos uns para os outros. Rodas que nos permitam aprender e ensinar o que de melhor temos para ensinar, o que de melhor precisamos aprender. Vamos semeando mais uma vez no chão fértil e generoso da educação popular.

(Canta-se enquanto se forma a terceira roda ao centro)

MÚSICA *Ai, cirandá!*
Ai, cirandê!
Nessa roda eu também quero entrar!
Ai, cirandá!
Ai, cirandê!
Pari passu, *nos teus braços rodar.*
Tu me ensinas que eu te ensino
O caminho no caminho.
Com tuas pernas, minhas pernas andam mais (SOARES, 2008).

ANUNCIADOR

E sem cansaço nem estresse
anoitece e amanhece
o corpo sarado da coletividade
em busca de soluções para o mundo;
vivendo e reconhecendo o mais sublime,
o mais singelo e o mais violento;
o mais simples e o mais profundo
que há em cada ser,
em cada forma de vida, em cada universo,
para além das fronteiras do simples existir.
Assim seguimos, formando rodas
combinadas sem combinar, tocando a vida,
propondo mudanças necessárias e
inadiáveis ao caminhar.

3ª RODA — Que tal agora a gente fazer um jogo de cenopoetas, atores e atrizes, cuidadores, multiartistas, educadores, gestores, trabalhadores, pessoas rindo, produzindo energia boa e doando o que há de melhor em si, rimando verbos, sons, saberes e experiências diversas?

1ª RODA — Que tal rimar saúde com a atitude de querer lutar pela vida, fazendo da luta consciente uma opção maior a partir desse tempo-lugar de agora?

2ª RODA — Que tal uma ciranda de reflexão, poesia e prosa? Uma cena-roda que se constrói da cenopoesia extraída da história de luta e resistência de cada um? Uma roda que dialogue com cheiros e cores, coros e gestos, criatividade e ação, fazendo o corpo inteiro romper com a tábua rasa dos preconceitos nele inscritos?

ANUNCIADOR

Que tal chamar no interior de cada um de nós a poesia latente, o criador pertinente, solidário e revolucionário que dá sentido coletivo às muitas linguagens individuais sem perder a dimensão e o foco do que vimos fazer aqui?

3ª RODA Que tal poetas eruditos e populares em sonhação irmanados? Poetas territoriais do cotidiano, transformável e transformador, universalizando os sentidos da existência de cada bairro, de cada pedaço de chão vivo? Poetas que, integrando leveza e arte em canção, se recarregam no seio utópico da revolução que ainda não veio?

1ª RODA Que tal uma roda misturada de natureza e sentimento humano; de razão e poesia, problematização e alegria; de utopia e sonhação, indignação e sapiência para lutar contra as injustiças do mundo?

ANUNCIADOR

Que tal uma roda encontro, uma roda princípio, uma roda que nos leve a agir, a querer ser melhor do que fomos capazes de ser ontem?

2ª RODA Mas por que tudo isso?

ANUNCIADOR

Porque com poesia o mundo já não é fácil. E sem ela o mundo ficaria muito mais difícil ou praticamente impossível. Poesia – água e respiração do ser em formação – sua constante transformação.

3ª RODA Sem poesia, a esperança de sermos mais e melhores ficaria distanciada do cotidiano e do universo do humano.

1ª RODA Sem poesia, a vida fica dura, o ser humano e o mundo se tornariam rígidos, quebrariam sua totalidade em pedaços irreligáveis.

2ª RODA Poesia – liga e cartilagem entre eu e o outro, entre os seres e o mundo, entre a natureza e a cultura.

3ª RODA Poesia – indicador de saúde na natureza, no ser humano, na cultura, na sociedade.

ANUNCIADOR

E se poesia não é filosofia nem religião,
Tampouco ciência, razão pura
É ao lado do feijão com arroz da vida
Sua multimistura.

CANTIGA *Se eu tivesse que nascer*[24]
Eu nasceria
Se eu tivesse que viver
Eu viveria
Se eu tivesse que morrer
Eu morreria
Se eu tivesse que matar
Eu poesia
Eu poesia
Eu poesia
Eu poesia

TODOS *A natureza é uma coisa linda*
Meus senhores
Minhas senhoras
A natureza é bela

[24] Trecho de canção inédita não publicada (informação verbal). Cantiga inédita incluída neste livro, no roteiro *Lâminas*.

A natureza é uma coisa fina
Grã-fina
Nós fazemos parte dela
A natureza é sagrada
Meus camaradas
Nós fazemos parte dela
(LIMA, 2005, p. 83).

ANUNCIADOR

Mas cá entre nós, cuidado, porque sempre pode haver uma *boommmba* a explodir no interior de nossas relações humanas.

TODOS

"Minhas senhoras
Meus senhores
A vida é isto
Eu não sei explicá-la

Bommbaaa!!!" nunca mais.

2ª RODA

"Ou mudamos ou morreremos!" (BOFF, 2006). O problema ambiental é ético ou econômico?

TODOS

Ético e econômico!

3ª RODA

O problema ambiental é vital para todos nós. Por isso, tratar desse tema é tratar da saúde de todos.

1ª RODA

Para além do tema e do panfleto retórico, a questão ambiental precisa ser sacudida como urgência e emergência de vida e cuidado.

ANUNCIADOR

Que novo *modus vivendi*,
que *modus faciendi*
podem dar conta desse desequilíbrio
e dessa contradição que põe em risco
a vida no planeta?

3ª RODA Que combinação podemos fazer entre economia, produção sustentável, consumo consciente, arte, saúde e humanidade?

1ª RODA O que faço do lixo que produzo?

3ª RODA Que uso faço das minhas energias?

2ª RODA Quanto custa a minha egocentria?

1ª RODA Por que a ética caiu em desuso?

ANUNCIADOR

Consumidores potenciais que somos,
estabelecemos alguma relação entre as
formas de produção, o consumo e o
cuidado com o outro?

TODOS Como aprender a não matar o que nasceu para viver e prosperar?

3ª RODA A cultura da economia do horror
impregnou-se em tudo e em todos, ferindo
de morte a sustentabilidade dos seres vivos
na Terra.

TODOS O que fizemos contigo, planeta Terra?!
O que fizemos de nós, ó Mãe Terra?!
O que será de nós?

2ª RODA Secamos tuas fontes.

1ª RODA Destruímos nossas reservas.

2ª RODA Sujamos teus riachos.

3ª RODA Sacrificamos nosso banho.

1ª RODA Cortamos tuas árvores.

2ª RODA Desqualificamos nosso ar.

3ª RODA Exterminamos teus animais e plantas.

1ª RODA Comprometemos nosso equilíbrio.

ANUNCIADOR
Ser feliz sozinho é atalho que o mercado vende como se caminho fosse.

TODOS Mas o mercado não se sustenta sozinho.

ANUNCIADOR
Ele só existe às custas da nossa força de trabalho, da nossa criatividade, da anuência de todos nós. Como pensar e apontar caminhos diferentes dos de hoje para a economia, a política, a saúde, a educação?

TODOS Economia de consumo? Política de consumo? Saúde mercantilizada? Educação em massa para o mercado de consumo?

1ª RODA Amor de consumo? Mas se eu não compro e se eu não bebo e também não fumo, esse amor não trago.

TODOS O amor eu tenho?
O amor me tem?

O amor é pleno?
Terra de ninguém?
O amor é vago?

2ª RODA Amor de impulso?
Esse amor engodo,
Esse amor expulso,
Esse amor expurgo,
Esse absoluto,
Esse não computo,
Esse amor não sagro.

3ª RODA Amor de contrato,
Alto rendimento?
De inflexão de esteiras,
Mas de pulsar tão fraco?
O amor pataca,
Selvagem, violento,
Esse não sustento.

1ª RODA Mas o amor-pimenta,
Leve, assíduo e mútuo,
Feixe que esquenta,
De alumiar o bruto,
Esse tá lá dentro.

TODOS Mais que sentimento,
Um pulsar sem fim,
Luta e fé no outro,
Silêncio, gozo, grito,
A chama do infinito
Que acendeu em mim.

MÚSICA *Foi pra você que eu guardei*[25]
Toda paz que há em mim
Toda paz que há em mim
Foi pra você que eu guardei.

[25] Trecho de canção inédita de Elias J. Silva e Giordano Bruno não publicada (informação verbal).

ANUNCIADOR

‘Educar é um ato irrestrito e inacabado, como o homem. Irrestrito em suas possibilidades e estratégias diversas, instrumentos, tempos e espaços diferenciados.

TODOS Aprender é vital para o ser humano.

ANUNCIADOR

No entanto, como estamos percebendo, dependendo do conteúdo e dos usos que fazemos de nossas aprendizagens.

TODOS O conhecimento pode ser vital ou mortal para a humanidade e a biosfera.

ANUNCIADOR

Tudo pode ser aprendido por todos a vida inteira. Porém, não é possível ofertar nem aprender tudo individualmente ao mesmo tempo. Indivíduos aprendem e constroem conhecimentos que se estendem no tempo para além dos sujeitos e dos grupos sociais que os geraram.

1ª RODA As experiências humanas de construção do conhecimento vão se acumulando.

2ª RODA E assim vão se constituindo em massas de cultura que somente terão fim e finalidade na existência do próprio ser humano.

ANUNCIADOR

Contudo capaz de educar e se educar suficientemente para a plenitude da vida no tempo-espaço-mundo, torna-se difícil que alguém seja .

TODOS Entretanto,
na pessoa da pessoa há
pessoa que dá pessoa,
pessoa que se doa ou simplesmente
pessoa que dá negócio
entre a vida e o trabalho,
o criativo e o ócio.
Entre pessoas e mundos feixes colimados,
feixes de luz refratados
e para cada impasse um passo
e a cada passo um sei, um posso.

CANTIGA *A vida, esta sim,*
pode emergir da lama,
de um filete d'água,
de um talo de capim.

A vida, esta sim,
pode emergir do homem,
da mulher, do grão, do chão,
talvez do meu jardim.

Quem está vivo um dia morre,
mas a vida continua.
Só não sabe até quando o sol,
o nosso rei, renascerá
(LIMA, 2012, p. 65).

Ilustração: Alivre Lima

ROTEIRO CENOPOÉTICO PARA OUVIDORES

Encontro Estadual de Ouvidoria do Ceará – Nov. 2010
Adaptado do roteiro de 2008

Ray Lima

CANTIGA *Escuta, escuta!*
O outro, a outra já vem!
Escuta, escuta!
Ouvir o outro faz bem
(LIMA, 2008).

OUVIDOR Por que tenho de escutar?
Quem precisa de nossa escuta?
Ouvidoria não seria mais um aparato
burocrático inibidor da iniciativa
própria e da autonomia do cidadão comum?

CENO Escuta! Escuta! O outro, a outra já vem!

OUVIDOR Quem é o outro? De quem estamos
falando? De onde falamos? Quem somos
nós? O que efetivamente fazemos,
queremos do outro?

CENO Então, continuemos a conversa.

OUVIDOR Muito simples.

TODOS Dá teu passo que dou o meu.
No compasso de teus passos, a missão
da ouvidoria.

CENO Ser o canal de entendimento
dia e noite, noite e dia
para o aperfeiçoamento
do ser com cidadania.

OUVIDOR O ouvidor também é educador.
Por isso deve ir além do ver e entrever.
Saber ouvir é arte milagrosa.

CENO Paulo Freire, Sócrates e Cristo, Gandhi,
tanto Calcutá como Espinosa souberam
tirar proveito disto.

TODOS Aos olhos a função de perceber e aos ouvidos a função de discernir.

CENO Portanto, quem quiser ser bom ouvidor ao escolher a profissão bem deve refletir.

OUVIDOR Essa história é mais longa do que podemos imaginar.

CENO Como assim?

OUVIDOR A função de ouvidor sofreu muitas mudanças no decorrer dos tempos. Não é puxando a sardinha para o nosso tempo, mas o conceito atual é bem mais interessante.

CENO Por quê?

OUVIDOR Porque traz uma ideia de ouvidor como interlocutor entre a gestão, o cidadão e o serviço público. Aquele que faz o *link*, a ligação entre a população e os gestores que administram os negócios do Estado.

CENO Parece não ter sido fácil chegar até aqui, não é?

OUVIDOR Não mesmo. Para se chegar até aqui, o ouvidor já foi representante da Coroa portuguesa no período colonial. Era a pessoa do rei diante do povo para aplicar-lhe as leis da metrópole.

CENO Neste caso, ele representava o Estado perante o povo e não o contrário?

OUVIDOR Mais do que correto. Era muito diferente do que concebemos hoje.

CENO Agora fiquei curioso. E no Brasil império, mudou alguma coisa?

OUVIDOR Nesse período, o ouvidor era juízo do povo. Mas ainda não passava de uma espécie de caixinha de queixas da população, que se encarregava de fazê-las chegar até o rei.

CENO E hoje? Para onde vão as queixas do povo espoliado e tantas vezes desconsiderado em seus direitos fundamentais?

OUVIDOR Espritou-se!

CENO Quando tivemos realmente uma mudança efetiva no conceito de ouvidoria?

OUVIDOR Somente nos anos 80 do século passado é que a ouvidoria desponta como instituição que auxilia o cidadão em suas relações com o Estado.

CENO E daí? O que têm feito os gestores dessa escuta?

OUVIDOR E daí que esse foi um passo importante para os avanços que temos hoje na defesa do cidadão no Brasil.

CENO Por quê? Basta ouvir o cidadão, tomar ciência de seus problemas?

OUVIDOR Claro que não, mas consideramos que a ouvidoria é também uma estratégia, um mecanismo, uma luta para a melhoria, o aperfeiçoamento e funcionamento da máquina estatal em benefício do povo.

CENO Sim, mas para aperfeiçoar um Estado que, aliás, sempre esteve do lado e a serviço das classes dominantes deste País, não teríamos que antes talvez melhorar, mudar a visão dos gestores, dos servidores e da própria população que o sustenta em relação a eles próprios?

OUVIDOR É verdade, mas essas coisas têm que andar juntas o tempo todo.

CENO Não entendo muito bem do assunto, porém acredito que o Estado é uma abstração e as pessoas não. Elas são visíveis, pensam, agem, existem de verdade. E o Estado só age se houver pessoas lá capazes de cumprir o que são suas tarefas. Ou até mudar os rumos, se preciso.

OUVIDOR Gente, ele está sendo chato, mas tem razão.

CENO Esse é o problema. A gente tem medo ou vergonha de ser chato. Chato é quando a gente se alui e aprende a pensar, a ter criticidade, a ter ideias próprias e a problematizar o mundo e as condições em que vivemos.

OUVIDOR Não quis dizer isso. Mas essa talvez fosse a nossa utopia, quando a sociedade avançasse a ponto de cada cidadão ser o problematizador e o ouvidor de si mesmo, exercendo assim sua cidadania plenamente.

CENO O fato é que penso e, no fundo, o Estado só deveria existir em função das pessoas, para cuidar do interesse coletivo e regular os excessos de alguns indivíduos ou empresas que só agem em causa própria, assumindo historicamente o controle do poder e dos bens públicos em detrimento daqueles que, na prática, o próprio Estado não os reconhece como cidadãos.

OUVIDOR A ouvidoria ainda se faz necessária por isso, para cuidar que os serviços públicos cheguem ao alcance de todos, invertendo a lógica de uma sociedade e de um Estado que ainda é muito injusto e segregador. Porque a gente sabe que é muito difícil haver democracia, paz e cidadania onde houver segregação, apartação, seja de que tipo for.

CENO Nisso estamos de acordo. E uma gestão popular tem que fazer essa inversão de um Estado burguês e desumano para um Estado solidário e humanizado. Tem que afinar os ouvidos para ouvir o grito da gente, interpretá-lo e considerá-lo em seus programas e suas políticas, principalmente para garantir os direitos de cidadania de quem vive em condições muito precárias. Senão o Estado é ele mesmo um estado de iniquidades contra sua gente, tirano e precário.

OUVIDOR Sem dúvida.

CENO Agora, fugindo um pouco do assunto, observo uma coisa: por que nestes momentos de reflexão e avaliação dos processos de trabalho somos tão formais e frios como as máquinas estatais, que, frias e burocráticas, acabam produzindo crueldade e atrasos seculares para seus trabalhadores e a gente que depende deles?

OUVIDOR Como cuidar do outro, da gente, com frieza?

CENO Pois é. Boa provocação.

MÚSICA *Chegue mais perto, ator, atriz,* [26]
Companheiro, companheira, dia a dia.
Venha logo, home, deixe de bobagem!
Ouvir é a linguagem de tecer cidadania.

Qual a tua cor?
Preto, vermelho ou amarelo?
Importa não, vale tua vontade
De ser comigo, trabalhar pela cidade
Com o cidadão, que de nós espera amor.

Chegue mais perto, ator, atriz,
Companheiro, companheira, dia a dia.
Venha logo, home, deixe de bobagem!
Ouvir é a linguagem de tecer cidadania.

Qual a tua cor?
Preto, vermelho ou amarelo?
Importa não, vale tua vontade
De vir comigo, aprender a ser feliz
Na inquietude que nos traz um
grande amor.

[26] Trecho de canção inédita de Ray Lima não publicada (informação verbal).

OUVIDOR Vamos nos olhar com os ouvidos da escuta qualificada. Aproximem-se. Vamos nos ouvir com lentes de ouvidor.

CENO A aproximação de que falamos aqui não é só física. É anímica também. Significa valorizar a nossa escuta, considerar o outro inclusive na distância. É a paz possível. Aproximem-se.

OUVIDOR Por isso, é fundamental que entre nós também haja escuta e compreensão.

CENO Desta forma, também não podemos deixar nenhum cidadão ou cidadã fora do alcance da nossa escuta.

TODOS Nenhum mesmo. Nenhuma mesmo.

CENO Principalmente os menos favorecidos.

OUVIDOR Aqueles que não aprenderam ou não têm sequer forças para gritar.

TODOS Enquanto faltar moradia.

CENO Enquanto criança houver na rua.

OUVIDOR Enquanto um só não estudar.

CENO Enquanto um só não comer bem.

OUVIDOR Ou sem saúde houver alguém.

TODOS O desafio continua como missão da ouvidoria.

MÚSICA *Escuta, escuta!*
É o cidadão que já vem.
Escuta e acolhe.
Ouvir o outro, o que tem?
(LIMA, 2008).

CENO Ouvir, escutar e fazer dessa escuta uma ação concreta em favor da cidadania e dos filhos do povo excluído e marginalizado.

OUVIDOR Daqueles que, escapando das guerras de extermínio dos reinóis europeus e dos mamelucos bandeirantes paulistas, estão aí resistindo como podem.

TODOS Há quinhentos e dez anos. Até quando?

CENO Daqueles desculturados pelos jesuítas, devorados pelos navios negreiros, senhores de engenho, do ouro, da borracha, barões do café e da escravatura.

TODOS Há quinhentos e dez anos. Até quando?

OUVIDOR Daqueles nossos ancestrais originários acometidos pelas endemias e epidemias provocadas pelos brancos europeus profanos e religiosos.

TODOS Há quinhentos e dez anos. Até quando?

CENO Daqueles que foram assaltados e deserdados de sua biodiversidade, de suas ocas, de suas famílias, de seus países, de uas culturas e há quinhentos anos andam a esmo no campo e nas cidades atrás de um pedaço de chão para plantar, morar, para viver.

TODOS Há quinhentos e dez anos. Até quando?

OUVIDOR Daqueles que até hoje não usufruíram os prometidos benefícios da independência, da abolição, da república, da redemocratização do Brasil.

TODOS Há quinhentos e dez anos. Até quando?

CANTIGA *João não tem pão*[27]
Há um tempão
João não tem pão
Há um tempão
João não tem muié
Nem saúde nem fé
João não tem ninguém
João é João ninguém?
João não tem pão
Há um tempão
João não tem pão
Há um tempão
Passa o ano inteiro
João não tem dinheiro
Dorme no terreiro
Não é desordeiro
Mas ele é João
Da periferia
Ele vem do sertão.
João não tem pão
Há um tempão
João não tem pão
Há um tempão
Pra reaver sua terra
João faz muita guerra
Sem fim não encerra
Até beber na fonte
Até morder o pão
E ser de novo João
João que é cidadão.

[27] Canção inédita de Ray Lima não publicada (inforação verbal).

CENO Seja da cidade ou do campo, do centro ou da periferia; esteja dentro, esteja fora; a trabalho ou a passeio, são cidadãs e cidadãos comuns brasileiros e brasileiras que sustentam e continuam a livrar o País das grandes crises nacionais e globais.

OUVIDOR É sempre a gente mais simples chamada a socorrer o País. Da invasão em 1500 ao século XXI.

CANTIGA *Nossa história é tão antiga!*
Se eu for contar, você duvida.
Desde os tempos de Zumbi,
Balaios e Cariris,
Nosso povo passa fome
Sem terra, casa, sem nome.
Nascemos nesse País.
De infeliz a esperançoso,
O trabalhador rural,
Dando provas de coragem,
Fé e organização,
Arrebentou cadeados,
Ocupou os descampados
De litoral, cerrado e sertão,
De litoral, cerrado e sertão.

TODOS De litoral, cerrado e sertão.

OUVIDOR Elas, índias-negras-ciganas, mães solidárias, geratrizes de todos, do Brasil colorido. Elas, que continuam a dar à luz as nossas esperanças.

TODOS De litoral, cerrado e sertão.

CENO Eles e elas, até hoje a maioria, mão de obra barata, a máquina de produção e reprodução, o burro de carga, o índio-negro-branco-transraceado, ajesuitado, amamelucado, acafusado, acaboclado, assenzalado, azarado, o escravoadão.

TODOS De litoral, cerrado e sertão.

OUVIDOR Seja o for. Seja quem for. Mas eles respondem por nós. Eles e elas também somos nós. Por isso, precisamos nos ouvir, democratizar nossas oiças e as decisões em favor de todos e todas.

MÚSICA *O Nordeste se cansou.*
Outro clima, novo olhar.
Nada de amém pra tudo.
Ninguém mais ajoelhar.

Abre o olho, trabalhador!
Regula esse teu olhar,
Regular, regular.

O nordestino canta e dança
Fora e dentro do compasso.
Luta no campo e na rua,
E o danado não recua
Mesmo quando falta espaço
(LIMA, 1998).

CENO Escuta, a tomada de decisão não pode ser privilégio de alguém ou de um grupo.

OUVIDOR Como assim?

CENO Quem escuta precisa deixar-se escutar.
A uma boa escuta precede uma autoescuta.

OUVIDOR Não havia pensado nisso. Por quê?

CENO Escuta é diálogo. Autopercepção. Autocompreensão. Autoentendimento. Não há escuta de cima para baixo. Escuta de cima para baixo é espionagem, é assalto do saber e dos segredos de estado d'alma e da identidade alheia. Escuta deve ser entendida como processo solidário de amorosidade, mas também de produção de autonomia e libertação.

OUVIDOR O que mais?

CENO Tampouco escuta e aproximação devem virar uma arma contra o outro, que funciona como armadilha para desculturação, controle, aceleração e sofisticação das técnicas de domínio ainda maiores sobre os que já são controlados e dominados por um sistema que produz e multiplica a miséria e a ignorância por todos os cantos do mundo.

OUVIDOR Acho que estamos num processo de escuta aqui. Mas o processo da ouvidoria é outro.

CENO É outro? Como se dá? Como deve fazer o ouvidor quando o cidadão não está? Como se escuta quem se não conhece? É possível escutar e entender uma cultura totalmente diferente da minha? Em quanto tempo? O que fazer disso? Como ouvir quem está oprimido, não quer falar ou pouco visita nossos postos de serviços? E quando ele se cala ou não vem ao nosso encontro?

OUVIDOR Se ele não vem, apelamos para as tecnologias. Até mensagens por *e-mail*, *twitter*, portais, etc. valem.

TODOS Tecnologias! A salvação de tudo. Até parece que funciona sozinha, sem um ser humano por trás operando tudo.

CENO E se ele não vier por aí, não possuir *internet*?

OUVIDOR Se ele não vier, continuaremos provocando mais encontros, reuniões, etc. Distribuiremos urnas de recados nos territórios.

CENO E se ele não vier?

OUVIDOR Se ele não vier? Os telefones continuarão ligados.

CENO Ouvidoria também é mobilização (social, humana, de recursos financeiros, de conhecimento, de políticas). Diga-me uma coisa: o papel do ouvidor é apenas essa escuta a distância? O que significa escuta para a ouvidoria? O que é escutar também para o cidadão? E se ele não se interessar por esse tipo de escuta sem respostas?

OUVIDOR Bem, ouvido de ouvidor é interessado e não hiberna. Ouvidoria que se preza faz orelha criar pernas.

CENO Então, vamos à ação, porque o tempo urge. Já estamos atrasados!

OUVIDOR Neste mundo, estamos sempre atrasados. O universo é tão grande, como dizia Carlos Drummond de Andrade (1976): *"não nos afastemos muito. O tempo é nossa matéria.*

O tempo presente, o homem presente, a vida presente".

CENO Escuta, escuta.

OUVIDOR Estou te ouvindo, meu irmão.

CENO Escuta, escuta.

OUVIDOR Eu te entendo, meu irmã.

CENO Escuta, escuta.

OUVIDOR Ah, já sei: não é você, são sua pele, sua vida e um coração.

CENO Escuta, escuta.

OUVIDOR Paciência...

CENO Escuta, escuta.

OUVIDOR Ih, me cansei...

CENO Escuta, escuta.
Dessa vez, é uma lei,
já não sou eu,
é a ciência... do escutar.

MÚSICA *Hoje eu ouvi um bem-te-vi* [28]
cantar, cantar.
E também ouvi o juriti dizer
que a vida é feito um canto.
Quem canta encanta,
então é feliz.
É tão bom cantar,

[28] Trecho de canção inédita de Jadiel Guerra não publicada (informação verbal).

cantar, cantar...
Tomara que essa gente
seja assim feliz,
pois sou feliz
cantando.

CENO Então, nos aproximemos! Por favor, uma grande roda. Chamemos nossas almas para dançar e ouvir o som da vida.

TODOS Aproxime-se e me dê a mão.
Aproxime-se e me dê a mão.
Seja a esquerda ou a direita,
deixe-me sentir a batida do seu coração.

OUVIDOR Agora escute essa...

CANTIGA *Ouvi um homem da rua*
Gritando com sua voz
Embargada de pigarro,
Com sua língua rota e nua.

Lá no tempo em que nasci,
Logo aprendi algo assim:
Cuidar do outro é cuidar de mim.
Cuidar do outro é cuidar de mim.
Cuidar de mim é cuidar do mundo.
Cuidar do mundo é cuidar de mim.[29]

[29] Data de conclusão do roteiro cenopoético: Maranguape, 2008 (revisado em 3, 4 e 5 de novembro de 2010).

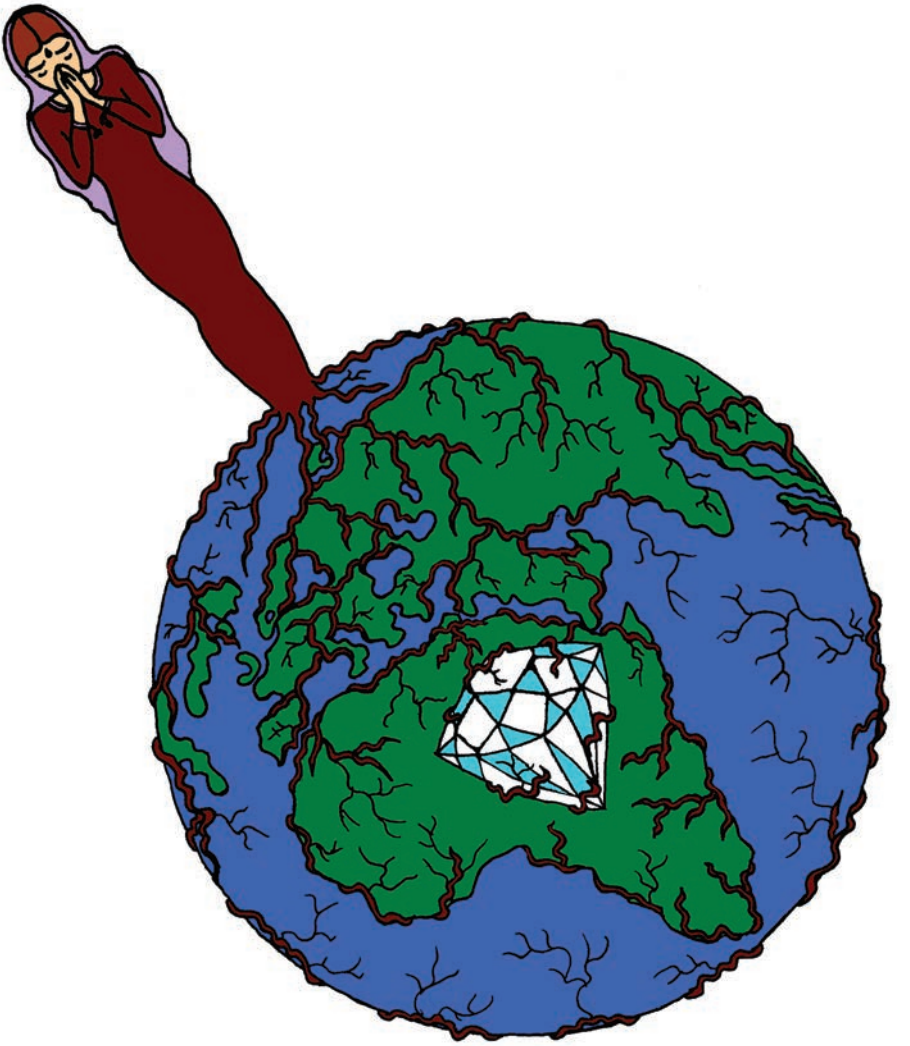

Ilustração: Mayana Dantas

Um Papo Comigo Mesmo: Um Mergulho Possível e Necessário

Destinado aos atores da Saúde e da Educação que construíram, em conjunto, uma ideia singular para a saúde escolar em Fortaleza

Ray Lima e Beth Amaral [30]

[30] Maria Elisabeth Sousa Amaral é assistente social, mestre em Gestão, Planejamento e Política de Saúde, chefe do Distrito de Saúde da SER VI de 2005 a 2010 e chefe de Gabinete da SMS de Fortaleza/CE em 2011. Atualmente, é coordenadora especial da Criança e do Adolescente/Funci da Secretaria Municipal de Direitos Humanos de Fortaleza/CE.

REVELAÇÃO

Hoje senti vontade de ver a flor pela raiz. De fazer um mergulho tão profundo em mim mesmo, pois estou cansado das tarefas que me são simplesmente impostas. Até considero-as importantes... mas a pergunta não cala dentro de mim.

TODOS A flor não está em sua cor. O cheiro, um detalhe.

ALGUÉM *Há metafísica bastante em não pensar em nada.*

CADA UM *Pensar incomoda como andar à chuva, quando o vento cresce e parece que chove mais.*

OUTREM *O que penso eu do mundo?*

ALGUÉM *Sei lá o que penso do mundo!*

OUTREM *Se eu adoecesse pensaria nisso.*

CADA UM *Que ideia tenho eu das cousas?*

ALGUÉM *Que opinião tenho sobre as causas e os efeitos?*

OUTREM *Que tenho meditado sobre Deus e a alma?*

CADA UM *E sobre a criação do mundo?*
(PESSOA, 1977, p. 206).

TODOS E nosso estar no mundo?

CADA UM O que penso eu de mim?

OUTREM E dos nossos vizinhos?

CADA UM E sobre o nosso lugar?

ALGUÉM E sobre o nosso trabalho?

CADA UM E do dia a dia?

REVELAÇÃO

Há sempre uma pressão exterior para que se realize coisas, tarefas prontas... a *demanda* institucional é um fato. A familiar também. É muito forte a pressão vinda das minhas responsabilidades frente à instituição a que estou ligado. Mas até que ponto há uma pressão interna vinda do meu convencimento de que aquilo a que sou chamado a fazer de fato importa? Vale a pena gastar-me pela causa que me impõem?

ALGUÉM Ou temos que construir sentido para as causas que defendemos?

CADA UM Até que ponto a minha crença vai junto com as coisas que faço?

OUTREM Até que ponto os valores da nossa instituição são também nossos valores e nossas crenças?

ALGUÉM Há possibilidade de construir consenso entre o que desejo e penso para mim e o que interessa à instituição?

TODOS Que diferença existe entre a ação que pratico numa instituição pública e em uma não pública?

CADA UM Meu trabalho mutila meus sonhos?

TODOS O meu trabalho é pleno de significado para mim? Ele tem sentido para mim? Há alma dentro dele? Acredito de verdade nele?

CADA UM Qual é o sentido do meu trabalho para o País, a cidade, o lugar em que vivo? Isso faz sentido?

ALGUÉM Por que, afinal de contas, estou aqui? Fazendo da forma como estou fazendo o que estou fazendo?

OUTREM Quero continuar como estou?

CADA UM Qual é o propósito maior de estar aqui?

NINGUÉM Por que tantas perguntas agora? Isso vai resolver? Vai mudar alguma coisa para mim?

TODOS Essas perguntas não são de agora.

CADA UM Talvez as tenhamos feito de outra maneira ou alguém as fez sempre por nós.

ALGUÉM Eu mesmo não. Sou responsável por mim e por minha existência.

TODOS Será? Isso basta?

CADA UM O que cabe realmente a cada um de nós?

REVELAÇÃO

Se amanhã te fores para longe,
Dá uma de empresário, industrial,
Salafrário, artista ou monge,
Não fui eu.

Tua convicção
Ou
Tua não convicção
Te levou, meu!

Se algum dia
Em qualquer tempo
Ontem hoje ou amanhã
Tu vieres bem pra perto
Sabendo mesmo que aqui
É como se vivesse num deserto
Não fui eu
A razão da tua vida
Tua convicção ferida
É que te trouxe, meu!

Se o tempo, nosso tempo
Não te agrada, te degrada
Não te basta, te desgasta
O que te afasta da ideia
Menos fácil de mudá-la?
Ô meu! Ô meu! (LIMA, 2005, p. 86).

TODOS *Se interrogo a outrem, a mim interrogo.*

CADA UM *Mas por que me interrogo, senão porque estou doente?*

ALGUÉM *Se por acaso esse mundo é o erro e eu é que estou certo?*

TODOS *Se o mundo é um erro, é um erro de toda a gente. E cada um de nós é o erro de cada um de nós apenas.*

NINGUÉM *Cousa por cousa, o mundo é mais certo (PESSOA, 1977, p. 241).*

TODOS Então, ALGUÉM,
quais valores nos movem?
qual a práxis que nos comove?
quais os caminhos a seguir?

NINGUÉM Então, OUTREM,
qual o tempo que sobra
para refletir sobre o que se faz
para responder ao que a vida cobra?

OUTREM Então, CADA UM,
nessa rotina agitada,
como dar atenção a outrem
sem desviar sua jornada?

CADA UM Então, NINGUÉM,
como ser considerado,
como ser cuidado neste mundo
por todos sem ser alguém?

REVELAÇÃO

Assim, cada um, ao tomar consciência de si mesmo, pergunta-se:

"*Quem de fato e de verdade sou eu?*
Qual o valor de ser-quem-sou?"
(BRANDÃO, 2008, p. 78).

E tomando consciência do outro, cada um pode-se perguntar:

"*Quem são os outros com quem convivo e partilho a vida? Em que situações e posições nos relacionamos? E o eu isto significa?*" (BRANDÃO, 2008, p. 78).

E, por fim, dando-nos conta do mundo, poderíamos formular as seguintes indagações:

"*O que é o mundo em que vivo? Como ele foi e segue sendo socialmente construído para haver-se tornado assim como é agora? O que nós podemos e devemos fazer para transformá-lo? (para melhor)*"
(BRANDÃO, 2008, p. 78).

TODOS Assim, sempre ligando o que pensamos ao que somos, o que fazemos com quem e onde estamos, poderemos todos os dias acordar dizendo:

REVELAÇÃO "*O MEU OLHAR é nítido como um girassol. Tenho o costume de andar pelas estradas*
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo [...]"
(PESSOA, 1977, p. 2004).[31]

[31] Data de conclusão do roteiro cenopoético: Maranguape, 15 de março de 2009.

Foto: Alivre Lima

Doença Falciforme

Ray Lima, Vera Dantas, Elias J. Silva, Márcio Firminiano
e Johnson Soares – Brasília, 2008

Versão revista por Ray Lima e Vera Dantas em outubro de 2011

Um roteiro cenopoético em três casos:

1º) Pré-natal;
2º) Teste do Pezinho;
3º) Adolescente falcêmico.

MÚSICA *Falci, falci, falci, falciforme.* [32]
Falci, falci, falci, falciforme.
Falciforme é coisa de branco?
Falciforme é coisa de preto?
Saúde é coisa de branco?
Doença é coisa de preto?

Falci, falci, falci, falciforme.
Falci, falci, falci, falciforme.
Falciforme só dá em preto?
Ou também é coisa de branco?
Saúde é coisa de todos?
Doença também tem gueto?

Toda doença é complexa,
Do nascedouro ao finzinho,
Porque nasce em ser complexo.
Não há reta nem convexo,
Não despreze um só caminho.

ANUNCIADOR
Um tal de fulano nasceu!
Grande emoção.
Parto e pranto na maternidade.
Um sorriso suplantou a dor no rosto sofrido de Joana. No rosto do pai, imensurável contentamento.
No caminho para casa, a festa, muita euforia! Mas na vida nem tudo é alegria.
Que notícias trará um tal carteiro fuxiqueiro?

[32] Música inédita de Johnson Soares e Ray Lima nunca publicada, mas sempre declamada nos eventos (informação verbal).

CARTEIRO Joana! Joaninha!
Com o filhinho a balançar,
Uma cartinha lhe chegou,
Com notícia bem quentinha,
Não sei se boa ou muito má.
Obrigado, já me vou,
Tenho muito o que fazer
Outras cartas pra entregar.

(Joana, embalando seu bebê, discute com o marido sobre a carta e a necessidade de ir ao hemocentro para se consultar com o hematologista)

MÚSICA *Diz aí, sangue bom,*[33]
É teu filho primeiro,
Mais um fulano de tal,
Ou é filho do carteiro?
Isso é o povo que diz,
Ô povinho fuxiqueiro!

(Dr. Macambira com Joana no hemocentro)

DR. MACAMBIRA
Dona Joana, tenha calma! O seu exame está dizendo que seu filhinho está com um tipo de anemia.

JOANA O que é isso?

DR. MACAMBIRA
Tenha calma para compreender a situação. Essa anemia provoca uma deficiência nos glóbulos vermelhos, transformando essas bolinhas em formato de S.

[33] Música inédita de Johnson Soares e Ray Lima nunca publicada, mas sempre declamada nos eventos (informação verbal.

JOANA S? E agora? O que eu faço? Por que a equipe de saúde da família não me orientou direito? Será que eles não poderiam ter feito alguma coisa antes de chegar a esse ponto?

MÚSICA *Cada caso é um caso.*[34]
E o descaso? Como fica?
Se acaso a gente casa,
A gente vive, a gente ama,
Mas não pode haver descuido
Na hora de ir pra cama.

ANUNCIADOR
Porém, um dia, que não foi o de juízo, Joana *coisou* sem preservativo e embuchudou, engravidou de um garotão.

TODOS Foi por falta de opção ou carência de informação?

MÚSICA *Joana, que era falcêmica,*[35]
Será que valeu a pena
Engravidar nesse sistema?
Sem usar a camisinha,
Sem buscar informação,
Nem ter sido orientada?

ANUNCIADOR
Joana buscou, buscou informação para o seu caso e, no entanto, não encontrou.

TODOS E o que mais lhe frustrou?

ATOR 1 Quando ela foi ao clínico geral, ele quase nada sabia sobre essa tal anemia.

[34] Música inédita de Johnson Soares, Elias J. Silva e Ray Lima nunca publicada, mas sempre declamada nos eventos (informação verbal).
[35] Música inédita de Johnson Soares e Ray Lima nunca publicada, mas sempre declamada nos eventos (informação verbal).

TODOS Mas ela não desistiu, não é?

ATOR 2 De jeito e maneira. Continuou sua busca e, enfim, conseguiu se consultar com o ginecologista.

(Dr. Macambira e Joana. A questão aqui é: o que a Joana tem?)

CARTEIRO E aí, pessoal? O que faltou neste caso para diagnosticá-lo a tempo?

ANUNCIADOR

Assim, é bom falar um pouco do contexto dos nossos personagens. Candidato potencial a miserável, sangue bom, deprimido e deplorado, com entrada franca na geral do desespero, é um sem nada: sem previdência, sem INSS, sem crédito na praça, sem carta de fiança, sem Sesi nem Senai, sem sinal de esperança: um maior abandonado com filho menor ao deus-dará.

TODOS E Joana?

ATOR 1 Joana saíra de casa quando nem bem amanhecia, morava num morro torto, cheirava a sabão de coco de tanta roupa lavar, e seu corpo, que não descansava, começou a reclamar.

TODOS Reclama pra lá,
Reclama pra cá,
Contorce de um lado,
Retorce de outro,
E...

ANUNCIADOR

Nasceu Fulano de Tal!

TODOS Na maca de um hospital.

ANUNCIADOR
Nasceu Fulano de Tal!

TODOS E Joana passou mal.

ATOR 2 Por não ter contado ao médico da doença que sofria.

ATOR 1 Por falta de atenção e também de informação, não fez o teste do pezinho.

ATOR 2 Esse pequeno detalhe fez a grande diferença.

TODOS Mas o que é que vocês pensam?

(O carteiro chama e conduz a participação do público e, em seguida, do especialista)

MÚSICA *Falci, falci, falci, falciforme.*
Falci, falci, falci, falciforme.
Falciforme é coisa de branco?
Falciforme é coisa de preto?
Saúde é coisa de branco?
Doença é coisa de preto?

Falci, falci, falci, falciforme.
Falci, falci, falci, falciforme.
Falciforme só dá em preto?
Ou também é coisa de branco?
Saúde é coisa de todos?
Doença também tem gueto?

Toda doença é complexa,
Do nascedouro ao finzinho,
Porque nasce em ser complexo.
Não há reta nem convexo.
Não despreze um só caminho.

ANUNCIADOR

O tempo passou, e Fulano de Tal, que nasceu precocemente, angustiado se sente.

FULANO DE TAL

O que posso eu, Fulano de Tal, falciforme, adolescente, vivenciar? Como praticar arte, esporte, participar da vida social do meu lugar? Qual é o meu tempo de conviver, de amar? Se vocês não sabem, eu também sou capaz de amar alguém. Por que, para mim, às vezes, a vida se ausenta, a dor aparece e fica? Às vezes, o tempo demora... Quem tem as respostas para isso? Quem? Quem me dará as respostas de que preciso?

CARTEIRO Alguém tem essas respostas? Que dúvidas ainda temos a respeito desse tema?
Que perguntas podemos fazer?
Alguém gostaria de opinar?
Esse é um caso de saúde?
É um caso de doença?
É um caso de cultura?
É um caso de cidadania?

DR. MACAMBIRA

O caso é de alta complexidade. Por isso, é bom mesmo estudarmos melhor.

ATOR 2 Enfermeira! Doutor!

JOANA Clínico geral! Especialista!

CARTEIRO Você, você nos dê uma pista.
Ninguém se atreve?
Ninguém se alui?
Ninguém se arrisca?

MÚSICA *A vida é o fluxo da história,*[36]
O movimento da maré,
Ré réréréréré,
Ré réréréréréréréréré.
Na vida, rola a brincadeira.
Rola a bola do universo.
Rola a prosa, rola o verso.
Saúde vem da informação,
Da ciência, do cuidado,
Do saber acumulado,
Seu doutor, da cultura popular.

[36] Música inédita de Ray Lima nunca publicada, mas sempre declamada nos eventos (informação verbal).

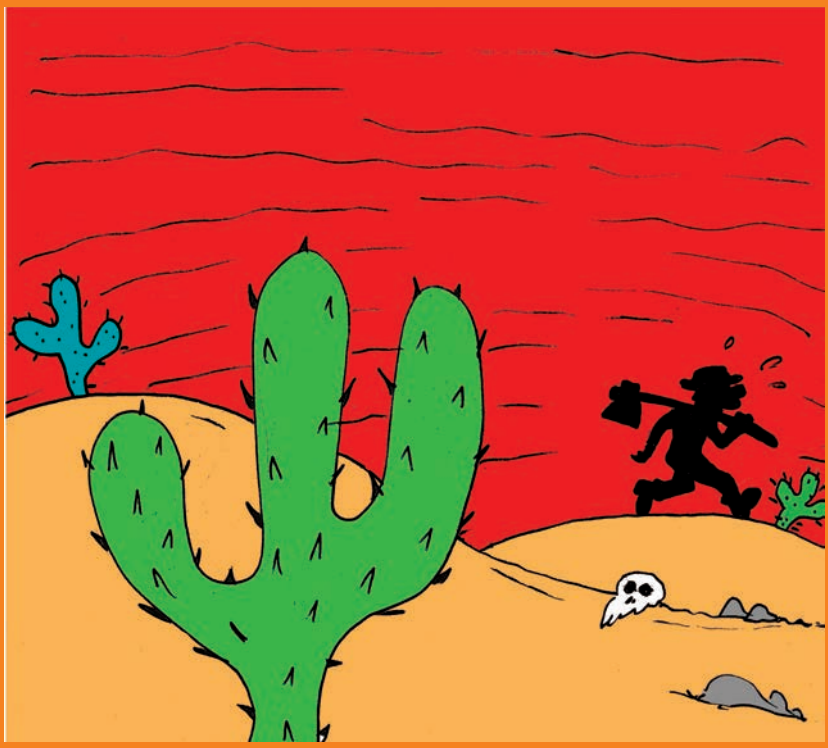

Ilustração: Josenildo Nascimento

Canto de Homenagem a Paulo Freire

Ray Lima

CANTOS: RITUAL DE ENTRADA

MÚSICA

Eu quero dizer poesia[37]
A céu aberto,
Sem me preocupar
Se é errado ou certo
Poematizar.
Poematizar e não só
Problematizar o universo.

CANTIGA I

'Escuta,
Escuta,
O outro, a outra já vem.
Escuta,
Escuta,
Cuidar do outro faz bem'.

CANTIGA II

'Minha cabeça
'se monstro sem rumo
'sa bolota mole
'ess'estupidez
terra sem húmus
quer ser
pode ser'.

CANTIGA III

'Gritava um homem da rua,
cantando com sua voz
embargada de pigarro,
em sua língua rota e nua:
lá no tempo em que nasci,
logo aprendi algo assim:

[37] Música inédita de Júnio Santos.

cuidar do outro é cuidar de mim,
cuidar de mim é cuidar do mundo,
daí que viver é bom, viver
é bom pra quem sabe amar.

Outras vozes, outros tempos,
outros fins, novo começo;
sabidos são os afetos,
o amor é terapêutico.

Lá no tempo em que nasci,
logo aprendi algo assim:
cuidar do outro é cuidar de mim,
cuidar de mim é cuidar do mundo,
daí que viver é bom, viver
é bom pra quem sabe amar'.

Do agreste pernambucano a Natal e
Angicos, no Rio Grande do Norte;
Do Nordeste para o Brasil oprimido e desigual;
Do Brasil para o Chile e a América Latina;
Da América Latina para a Europa e a África.
Da sombra de uma mangueira à cátedra;
Da educação escolar à educação popular;
Da pedagogia do oprimido à pedagogia da esperança;
Do ato de educar à 'ação cultural para a liberdade';
Da pedagogia da pergunta à pedagogia da autonomia;
Da situação-limite à conscientização, à superação e à libertação.

Paulo Freire!

Também és parte desta história!
Viveste muito aqui!
Momentos lindos, quando amamos todos.

Gestação e nascimento,
Criação e crescimento,
Gente, homem, mito...
Paulo Freire, meu grito de saudade.

CANTIGA IV

Chegue mais perto, ator, atriz,
Companheiro, companheira dia a dia.
Venha logo, home, deixe de bobagem!
Educar é a linguagem de tecer cidadania.

Qual a tua cor?
Preto, vermelho ou amarelo?
Importa não, vale tua vontade
De ser comigo, educar todo o País
E o cidadão que de nós espera amor.

Chegue mais perto, ator, atriz,
Companheiro, companheira dia a dia.
Venha logo, home, deixe de bobagem!
A arte é a linguagem de tecer cidadania.

Qual a tua cor?
Preto, vermelho ou amarelo?
Importa não, vale tua vontade
De vir comigo, aprender a ser feliz
Na inquietude que nos traz um grande amor.

Um homem,
Um homem faminto
Não funciona.

Um rei.
Um rei sacana.
Um rei na cama.

Um rei com fome
Não funciona.
Um rei faminto
Não reina.

Um homem com fome,
Claro ou escuro,
Com cama ou sem cama,
Reina.
Quer matar, quer morrer.

Um bicho sente fome
Como homem.
Uma árvore sente
Como homem.
Fome é coisa de quem tá vivo.
Fome é coisa dos ricos
(LIMA, 2005).

CANTIGA V

João não tem pão
Há um tempão.
João não tem pão
Há um tempão.
João não tem pão
Há um tempão.

João não tem muié
Nem saúde nem fé.
João não tem ninguém.
João é João ninguém.
João é João ninguém.

Eita, João!
Eita, João!

João não tem pão
Há um tempão.
João não tem pão

Há um tempão.
João não tem pão
Há um tempão.
Passa o ano inteiro,
João não tem dinheiro.
Dorme no terreiro,
Não é desordeiro,
Mas ele é João.
João lá do sertão.

João não tem pão
Há um tempão.
João não tem pão
Há um tempão.
João não tem pão
Há um tempão.

Pra retomar suas terras,
João faz muitas guerras
Sem fim, não encerra
Até beber na fonte,
Até morder o pão
E ser de novo João,
Pra ser um novo João (LIMA, 1998).

Do saber ético à ética da libertação!

CANTIGA VI

Vêm aí, oi.
Vêm aí.
Vêm aí as estrelas do Zumbi.
Vêm aí, oi.
Vêm aí.
Vêm aí as estrelas do Zumbi.

Zumbi, Zumbi, Zumbi,
Zumbi dos Palmares.

Vamos, vamos construir
Uma sociedade sem altares
Mais livre que neoliberal!
Conquistar nosso lugar, nosso astral,
Seguindo sem segredo
A poesia, a alegria, a ousadia, a utopia
Do teatro popular.
Seguindo sem segredo
A poesia, a alegria, a ousadia, a utopia
Da cultura popular.

Zumbi, Zumbi, Zumbi,
Zumbi dos Palmares.
Zumbi, Zumbi, Zumbi,
Não dá mais para impedir,
Não há mais como apagar
O brilho das estrelas.
Está no campo, na cidade,
Está no ar (LIMA, 1998).

'Não devemos ter pressa, mas não podemos perder tempo'. Senão, a vida evapora e da nossa própria história jamais seremos sujeitos.

CANTIGA VII

'O brasileiro se cansou,
Outro clima, novo olhar.
Nada de amém pra tudo.
Ninguém mais ajoelhar.

Abre o olho, trabalhador!
Regula esse teu olhar,
Regular, regular.

O brasileiro canta e dança
Fora e dentro do compasso,
Luta no campo e na rua,

O danado não recua
Mesmo quando falta espaço (LIMA, 1998).

Pela luz dos caminhos da educação popular, Paulo Freire e tantos outros, do litoral ao sertão, de Norte a Sul do País, agindo e refletindo há 50 anos, já davam os primeiros passos para a construção do 'inédito viável': um Brasil ético e inteligente, culto e socialmente justo, solidário e amoroso, politizado e soberano que ultrapassou fronteiras.

CANTIGA VIII

Se sua alteza é meu senhor
Meu líder minha alegria
Conquisto minha alalia
Fazendo fé em seu favor
Com sabor ou sensabor
Viro mudo, ave-fria anum
Contente com um carrapato
Incapaz de qualquer ato
Sem brasa no meu bumbum
(LIMA, 1995).

Paulo Freire pôs lenha na fogueira da subserviência e da opressão conservadas pela educação bancária. Sua práxis influenciou gerações de educadores(as), que, mediados pelo mundo, mudaram de postura e passaram a encarar o ato de educar como um ato político, trazendo a criticidade, a problematização da realidade, a tolerância, a dialogicidade e a transformação para o cerne da ação pedagógica.

Por isso, desde menino,
Devemos ir corrigindo

As histórias mal contadas,
Recontando-as do nosso jeito.

CANTIGA IX

Nossa história é tão antiga!
Se eu for contar, você duvida.
Desde os tempos de Zumbi,
Balaios e cariris,
Nosso povo passa fome
Sem terra, casa, sem nome.
Nascemos nesse país
De infeliz e esperançoso.
O trabalhador rural,
Dando prova de coragem,
Fé e organização,
Arrebentou cadeados,
Ocupou os descampados
De litoral, cerrado e sertão.
(LIMA, 1995).

Tantos anos de estrada
Fazem-nos chorar, até rir.
Mas não vamos desistir
De tão nobre empreitada.

Paulo Freire, Nhanduí,
Conselheiro, Canindé,
Pedro Teixeira de Sapé,
Milton Santos e Josué
Cumpriram bem o destino.

De litoral, cerrado e sertão.

Frei Caneca, Ganga Zumba,
Zumbi e Dragão do Mar,
Chiquinha, também Cartola,
Soltaram-se das argolas,
Cumprindo bem o destino.

De litoral, cerrado e sertão.

Bárbara de Alencar.
Manuel da Conceição
Resistiu no Maranhão,
Fazendo greve de fome,
Cumprindo bem o destino.

De litoral, cerrado e sertão.

Zumbi subiu a barriga,
Tapuias pro interior,
Negros sumiram no mar.
O Brasil se endividou.
Cinco séculos de massacre
Do povo trabalhador.

Histórias de arrepiar,
Encobertas pela elite,
Que a educação popular,
É bom até que se explique,
Veio problematizar
Quem nunca aceitou palpite.

Toda visão fatalista.
As razões do opressor.
O preconceito elitista.
O determinismo histórico
Foi colocado por terra
E o Brasil ficando eufórico.

Tudo isso bem centrado
Na escuta cuidadosa
Do camponês ao operário,
Na pesquisa e no encontro
Da práxis libertadora,
Do diálogo ao confronto.

Do ideal libertário
À obra do educador.
Paulo Freire,
Paulo Freire,
Tu não foste,
Tu ficaste.
A bandeira que içaste
É difícil derribar.
No coração do Brasil,
As batidas vitalícias
Desse sangue portentoso
Da educação popular.

Quem ama se expõe.
Quem não ama esconde.
O ódio incha o ser.
A amorosidade expande.
Quando a gente educa e se deixa educar,
Esparge o que há de ser livre em nós.

CANTIGA X

Se tivesse que nascer,
Eu nasceria.
Se tivesse que viver,
Eu viveria.
Se tivesse que morrer,
Eu morreria.
Se tivesse que matar...
Eu poesia.
Eu poesia.
Eu poesia.
Eu poesia.

SE TUDO, COMO DIZEM,
JÁ FOI FEITO E DITO,
O QUE NOS RESTA,
SENÃO RALAR NO INFINITO?[38]

[38] Data de conclusão do roteiro cenopoético: Maranguape, 1º de abril de 2011.

Foto: Alivre Lima

Cirandas Ampliadas de Aprendizagem e Pesquisa

Roteiro Cenopoético: A partir do Texto da Tese de Comunidade Ampliada de Pesquisa [39]

Ray Lima e Vera Dantas

[39] Leitura cenopoética apresentada como síntese artística na defesa da tese de doutorado pela Dra. Vera Dantas e seus coautores, integrantes da equipe das Cirandas da Vida, na Oca Terapêutica do Movimento de Saúde Mental do Bom Jardim, em Fortaleza/CE.

PRIMEIRA PARTE

MÚSICA DE ABERTURA

Meu estudo objetiva apreender na experiência
Das Cirandas da Vida, na gestão em saúde,
Na visão popular, saber de atitude,
Como se expressam o dialogismo e a arte.
A esfera institucional, tendo consciência
Do princípio de comunidade ativo,
Dando corpo a uma gestão em coletivo,
Diálogo em que a arte se explicita e é caminho.
Perspectiva popular não há sozinho.
Daí nosso investigar participativo.

Nos ensaios da alteridade como espaço
Polifônico do dizer das culturas,
Do saber feito de humanas criaturas,
Que se movem em seus territórios vivos.
Cirandas, lugar do inacabado abraço,
Demanda a reflexão dos meios populares,
Tirando gestores de nobres altares,
Construindo sinfonias sem temer o toque.
Movimentos juntos, ninguém a reboque,
Do lugar à gestão, da gestão aos lugares
(LIMA, 2009 apud DANTAS, 2010, p. 289).

CENO 1 Iniciamos falando do nosso conceito de Cirandas de Aprendizagens e Pesquisa e apresentando nosso grupo sujeito. Com a palavra, a Sra. Vera Dantas.

VERA *(Improviso).*

CENO 1 Dando seguimento ao nosso trabalho, a Sra. Vera Dantas agora nos situa sobre seu entendimento sobre perspectiva popular.

VERA O que eu compreendo por perspectiva popular? O olhar dos atores e das atrizes dos movimentos populares protagonistas de ações de transformação às situações-limite da sua realidade, na perspectiva da emancipação; de um popular que se tece na busca de superação da consciência ingênua rumo ao inédito viável: como inacabamento, formação permanente que se constitui em determinados princípios e se orienta por uma ética que busca a justiça, a solidariedade nas relações e nas políticas, trazendo a tensão permanente entre ação política e o fortalecimento dos espaços organizativos que animam a luta popular em sua mediação com a esfera institucional. Buscamos o popular, que, ao produzir atos-limite transformadores da realidade, atualiza sua potência criativa. Consideramos ainda necessário aclarar alguns conceitos com a ajuda dos quais fomos compondo nossas sinfonias.

TODOS Conceitos importantes!

CENO 1 Arte! Com a palavra, a Sra. Vera Dantas!

VERA Quando pronunciamos *arte,* do que estamos falando? A arte para nós aqui significa o olhar que traz também a estética popular, ajudando a analisar o dialogismo. A arte no contexto dialógico das Cirandas da Vida, a perguntar por dimensões da vida que constituem a saúde das comunidades envolvidas nas rodas populares.

CENO 1 Passemos a outro conceito: diálogo! Com a palavra, o Sr. Paulo Freire:

PAULO FREIRE

'O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu'.

CENO 1 Sr. Buber, por favor, nos parece que quer dizer algo a respeito do tema?

BUBER Sim. É que "o outro não se reduz a mero objeto de análise ou instrumentalização, mas como pleno sujeito, como voz a ser escutada".

CENO 1 Sr. Bakhtin, quer fazer uso da palavra?

BAKHTIN Tudo bem. Só para dizer que, como inacabamento, como devir de sujeitos que se transformam no processo, compreendo diálogo como relações entre interlocutores de uma ação histórica, compartilhada socialmente, destacando assim a natureza contextual da interação.

CENO 1 Perdão! A professora Ângela Linhares quer entrar na conversa e tem algo a nos dizer sobre o assunto.

ÂNGELA LINHARES

O diálogo pressupõe que tenhamos uma ideia de conhecimento que inclui o saber como algo que é produzido por todo o corpo social e que cada pessoa recompõe quando aprende.

CENO 1 Obrigado. Continuemos nossa conversa, agora tratando do conceito de *dialogismo*. Com a palavra, Sr. Bakhtin!

BAKHTIN Entendo dialogismo como interações dos sujeitos falantes em contextos socioculturais. Forma diferente de perceber os interlocutores de uma atividade comunicativa. Tem como base a concepção sociointeracional da linguagem, que aponta as práticas discursivas como essência do princípio dialógico.

CENO 1 Passemos ao conceito de *polifonia*. Segue com a palavra o Sr. Bakhtin.

BAKHTIN Obrigado. Bem, a linguagem é heterogênea e, portanto, marcada pela presença do outro, cujas vozes discordantes podem se harmonizar. A isso denominei *polifonia*.

CENO 1 Vejamos: temos o prazer de contar com a participação significativa do Sr. Spinoza, que tanto contribuiu para nossa pesquisa, fazendo-se também presente nesta roda. Sr. Spinoza, trazendo para nós a definição do conceito de *potência*.

SPINOZA A potência é a própria essência dos seres, seu poder de ação. A potência das ideias que se conformam coletivamente está na possibilidade dos encontros das composições, do poder de afetar e de ser afetado por eles. Por afeto, entendo as afecções do corpo pelas quais a potência de agir desse corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou reduzida, assim como as ideias dessas afecções. As paixões alegres aumentam nossa potência de agir e

pensar, ao fortalecer o *conatus* ou *esforço de existir*. É que, quando em paixão, o sujeito parece mover-se na direção de uma compatibilização entre o seu agir e o mundo interno.

CENO 1 A Sra. Vera Dantas pede a palavra.

VERA Agradecemos a todos. E, para concluir esta síntese introdutória, os movimentos populares, aqui representados pelos que realizam conosco este constructo reflexivo sobre o vivido na experiência das Cirandas da Vida, nos auxiliam a perceber os detalhes desta renda multicor e polifônica tecida a muitas mãos. O que se vê nessa criança que se anuncia e se faz presença? Como olhar, crítica e reflexivamente, para ela como ser sujeito comprometido com a busca de aprendizados que permitam que sejam palmilhados novos caminhos para a transformação das situações-limite que dela emergem (situações que exigem transformações)? As sinfonias constituem o reconhecimento da arte e do dialogismo na gestão em saúde como ensaios da alteridade como espaço polifônico do dizer das culturas humanas.

MÚSICA *Abre tua roda, ciranda.*
Agita essa roda, ciranda.
Gira sem medo, ciranda.
Cirandas da Vida estão sempre a girar.
Vida quer vida, não pode parar.
Cirandas da Vida,
já sabe o que quer,
trilhando na praia,
no sal da maré;
cantando e dançando
o que há, o que é:

Pirambu, Serrinha,
Palmeiras, Jardim.

Cirandas da Vida,
não é salvação,
é luta, é fé e
participação;
é a arte do encontro,
da articulação
de povo e cidade,
utopia e ação.

Cirandas de sons,
cultura, trabalho;
saberes, pessoas,
conflito, harmonia.
Cirandas da Vida
circulam poderes,
semeiam cuidados
e cidadania.

Quanto o povo cria
e não sai na imprensa
de estética, de fé,
de negócio e ciência;
quanto pensa e faz,
quanto sonha, inventa;
de amor sabe tanto
e a imprensa não diz.
Sem canto, alegria,
ciranda não é.
Cirandas da Vida
sem sonho não ser.
Cirandas da Vida:
rotina e prazer –

cirandeiro é assim –
quem não é há de ser.

Cirandas são trilhas,
caminhos humanos,
do povo as pegadas,
são ruas de sonhos;
Fortaleza bela
abrindo as janelas,
futuro almejado,
cidade sonhada
(LIMA, 2008).

CENO 1 Passemos à segunda parte.

TODOS Sete sinfonias para uma ciranda na cidade!

CENO 1 Sinfonia nº 1 – Alteridade e Transformação: a arte como potência humana. Música, maestro!

MÚSICA *Ciranda gira girar*
Canta no mangue cantar
Viver no mangue viver
Me meto no mangue
Pra sobreviver

Pra chegar aqui lutei
Ah... lutei
Mas chegando lutando fiquei
Muitos caminhos percorri
Mas aqui lugar achei
Minha casa eu consegui

O mangue chora
E eu também
O mangue adoece
E eu também

Quem enfraquece
Quem nos adoece é o capital

Quem envivece
Quem nos fortalece
É a nossa luta e organização

Não queremos a morte, não
Não queremos a morte, não
Queremos a vida
A nossa poesia
A nossa cultura
E a nossa alegria

O que precisamos é tecnologia
Como conseguir
Juntinhos faremos o mangue sorrir
Como conseguir tecnologia pro mangue sorrir
O peixe alimento até o siri
Adeus ao lamento de tempo sangrento
Chega de exclusão
Chega de partida e de imposição

Não queremos a morte, não
Não queremos a morte, não
Queremos a vida
A nossa poesia
A nossa cultura
E a nossa alegria (DANTAS, 2008).

CENO 1 Com a palavra, o cirandeiro Johnson Soares:

JOHNSON Na sinfonia do mangue, evidenciou-se o desafio de se constituir na gestão em saúde um caminho de intersetorialidade capaz de comportar a perspectiva popular. A partir desse dialogismo intersetorial, em um recorte sincrônico que mostra a saúde como

vida do lugar e exibe a educação popular em saúde como lugar de superação da miséria social e humana.Assim éque,na experiência vivida no mangue em Vila Velha, percebemos que essa possibilidade da arte como potência de humanidade e devir social pode nos auxiliar a pensar o cuidado com a vida das comunidades. O que se pode ver mais? Em especial, a capacidade de apreensão da arte como teia capaz de enlaçar a intersetorialidade em meio aos tensionamentos das políticas públicas locais, novos sujeitos sociais. Do lugar da arte em um movimento sinfônico, partir para o avanço capaz de efetivar as transformações em um exercício de intersetorialidade fecundo.

CENO 1 Reflexão sobre a sinfonia nº 1.

VERA A inserção do diálogo, visto como prática de intersetorialidade, nesta sinfonia, trazia para a comunidade novas dimensões da luta popular, como a articulação de saberes e experiências no planejamento, na realização e na avaliação de ações para alcançar efeito sinérgico em situações complexas vividas do território. Observamos como a ação ostensiva (e expulsiva) do Estado, no sentido de dar lugar a empreendimentos privados de grandes empresas em detrimento da vida no território, acirra as contradições de um modelo de desenvolvimento acumulador de riquezas. A reflexão sobre o cuidado com a vida tradicionalmente não ouve o que a população tem a dizer sobre *cuidado*. A arte, nesse campo dos diálogos, mostrava o seu dialogismo no concerto da gestão e trazia

as subjetividades para tomar a cena junto às questões mais objetivas. Assim, pode-se dizer que os projetos coletivos e os processos que ajudam a estabelecer de modo afirmativo uma cultura de paz devem envolver questões, como a de gênero, junto a lutas como a de moradia, que trouxe a fala da vida de Vila Velha, o mangue.

CENO 1 Para a sede...

TODOS ...tínhamos o rio.

CENO Para a fome...

TODOS ...o peixe,
o caranguejo,
às vezes o pão.

CENO 1 Para os pulmões...

TODOS ...o ar,
o verde também para os olhos.

CENO 1 Aí vieram os outros,
uns poucos,
armados de ideias,
réguas e metas mirabolantes.
Trouxeram papéis,
legalizaram tudo,
expulsaram uns tantos,
trouxeram amordaçados,
tomaram posse.

TODOS Vieram os tratores.

CENO 1 Para a segurança, também soldados.
Produziram sal do sal dos homens.
Encheram de óleo os rios.

TODOS Asfixiaram os peixes. O mercúrio profanou
as profundezas da terra.

CENO 1 Depois de tudo arrasado,
o mato todo derrubado,
gastado as gentes da terra,
se foram com seus bolsos abarrotados.

TODOS E na terra agora devastada,
uma outra luta começava:
homens, mulheres e crianças,
pela divisão dos despojos.

CENO 1 Às vezes,
uns contra os outros.
Às vezes,
contra a natureza,
mas sempre
a favor da vida.

TODOS Pelos tortuosos caminhos das batalhas
diárias pela sobrevivência,
num lugar que um dia fora exuberância,
agora apenas a esperança.

CENO 1 Na gritaria dos meninos:
como fossem plantinhas,
matinho teimoso,
que continua a reviver
a cada corte,
a cada queima.

TODOS Sinfonia nº 2.

CENO 1 As práticas integrativas e populares de cuidado, enquanto cenários de humanização na saúde, são itinerários sob a perspectiva do protagonismo popular. Música, maestro!

MÚSICA *Já faz um tempo que não caio*
nos seus braços,
E sem abraços não dá mais pra caminhar,
Romper as grades, acabar
com o sofrimento,
Pôr um fim nos lamentos.
É reclame popular.
Quero saúde humanizada.
Quero atitude.
Quero parar de implorar.
Quero respeito sem preconceito.
É meu direito te pedir para mudar
(SANTOS; SILVA; SOARES, 2008).

CENO 1 Com a palavra, o cirandeiro Edvan Florêncio.

EDVAN O trabalho com a humanização, ao problematizar a ideia do olhar reducionista sobre a doença, mostrou-nos a imprescindível necessidade de fazer dialogar a relação dos trabalhadores da saúde e da gestão, em geral, com os saberes da experiência popular sobre o cuidado em saúde.

VERA *Pensar, então, o acolhimento*
Sob a perspectiva popular
Nos remete a reflexionar
Sobre o envolvimento com a população.
Os gestores e os trabalhadores

Precisam chegar à comunidade,
Aprender outros saberes e verdades
Pra saúde poder se humanizar.
São caminhos que precisamos trilhar
Para o SUS no Brasil se implementar.

ELIAS *Precisamos pensar novos cenários*
Que promovam a vida e a inclusão
Dos sujeitos-atores cidadãos
Nos seus desejos e necessidades.
Construir novos processos de trabalho
Que incorporem o saber popular
É necessário e também é ousadia
Que precisamos experimentar.
São caminhos que precisamos trilhar
Para o SUS no Brasil se implementar.

VERA *O saber que é da experiência*
Nosso grande Paulo Freire já dizia:
É forjado no cotidiano
Pra enfrentar as questões do dia a dia,
É também um saber coletivo
Onde muitos ensinam e aprendem,
Onde a gente aprende a ser mais gente,
Lutando pra realidade mudar.
São caminhos que precisamos trilhar
Para o SUS no Brasil se implementar.

ELIAS *Dessa forma, a educação popular*
Propõe-se a lutar contra a opressão
Pra que os sujeitos cidadãos
Possam aprender a dirigir os seus destinos.
E, assim, quem trabalha na saúde
Precisa ter um pouco mais de atenção
E cuidar com a cabeça e o coração,
Não querendo ser dono da verdade.
Pois se a gente ouvir a comunidade,

No que ela tem a nos ensinar,
Nosso trabalho em muito vai mudar,
Vai ficar mais alegre e criativo.
São caminhos que precisamos trilhar
Para o SUS no Brasil se implementar.

VERA *Aprendemos também com Paulo Freire*
Que pra educar é preciso humanizar,
Situando a prática educativa
Nos anseios da luta popular.
Para sermos humanos, é preciso
Trabalhar com justiça e dignidade,
Pensar em riscos e vulnerabilidades,
Traçar caminhos rumo à emancipação.
São caminhos que precisamos trilhar
Para o SUS no Brasil se implementar.

ELIAS *Trabalhando em um território que é vivo,*
Precisamos saber dialogar,
Interagir com o corpo, com a fala
E também com a cultura popular,
Numa escuta sensível e afetiva,
Aprendendo a aprender e ensinar.
Novos vínculos vão se construindo,
Tendo por base a solidariedade.
São caminhos que precisamos trilhar
Para o SUS no Brasil se implementar
(DANTAS, 2008).

VERA Seguindo nessa trilha, logo encontramos a necessidade de incorporar os saberes gestados nos espaços populares, constituindo redes de conversação.

EDVAN Dona Maria foi logo dizendo na Fortaleza dos anos 50 a 80:

BETH Adoecer, nem pensar!
O que não podia era faltar raiz

Pra gente fazer o chá:
Dor de cabeça,
Dor de barriga,
Ou nas partes...

MÁRCIO Que partes?

TODOS Vixe, Maria!

BETH E quando ocorria trauma na coluna ou na bacia? Era osso!

TODOS Vixe, Maria!

EDVAN E se fosse preciso uma intervenção cirúrgica?

BETH O quê?

VERA Uma cirurgia, mulher...

TODOS Vixe, Maria!

BETH Da periferia para o Centro, o transporte era um pau de arara... e na Praça José de Alencar havia o Samdu...[40]

TODOS Samdu! Vixe, Maria!

MÁRCIO Alguém aqui ainda lembra do Samdu?

TODOS Vixe, Maria!

EDVAN Atenção básica... na periferia?

MÁRCIO Eu acho que nem a terminologia havia.
TODOS Vixe, Maria!

[40] Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência.

EDVAN E a média complexidade?

TODOS Vixe, Maria!

BETH Home, pare de falar assim, que só essas palavras já causam agonia...

TODOS Vixe, Maria!

BETH Dona Maria se lembra de tanta estrepolia...

TODOS E tome chá!
E tome chá!

BETH Azia e má digestão?
Em toda gestão havia.

TODOS E tome chá!
E tome chá!

TODOS Vixe, Maria!

BETH Doutor, meu estudo é bem pouquinho, mas só que eu gravei tudo que um poeta falou. Ele falou bem assim:

A saúde não é dada,
É conquista popular
Que ontem,
Hoje
E sempre
É preciso a gente lutar,
Interferir,
Participar
E transformar o contexto da saúde.
Num foi bonito, doutor,
O que o poeta falou?

TODOS *Foi, sim. Foi, sim.*
Acho que vou tomar do seu chá.

Coloque aí um pra mim!
(SILVA, 2009 Apud DANTAS, 2010, p. 110).

CENO 1 Reflexão sobre a sinfonia nº 2.

VERA A arte articula o mundo vivido e suas problemáticas do modo como eles são percebidos pela população, recompondo-os por meio da formatividade, que engendra os sentidos novos da luta popular. Assim, podemos nomear essa espécie de conversa entre vida e textos de arte como *transposição metafórica*, que implica também proporcionar a vivência artística como modo de superação do real dado. Essa síntese articula *redes de conversação* – conversas que envolvem não só a fala e os textos, mas também universos onde eles adquirem sentido. São práticas como concretudes, que se corporificam em cuidado: farmácia viva,massoterapia, reiki, terapia comunitária, entre outras, em uma espécie de transmutação para a ação, que sucede no âmbito das redes de conversação. Elas trazem experiências e contribuições das culturas locais e chamam a dimensão da integralidade, tão realçada pela experiência popular, que vê os sujeitos em sua inteireza, com a sua subjetividade, espiritualidade, 'artisticidade', entre outras das diversas dimensões do viver humano. A população realiza, em seu cotidiano, a mediação entre os mundos local e o global, e nessa ligadura muitas vezes acontecem apagamentos, e assim ocorre que a percepção de que a gestão é composta por um conjunto de atores e ofuscada, com a supervaloração e a personificação desse problema complexo na pessoa do profissional. A subjetividade na relação do profissional

com a população necessita estar articulada à discussão mais geral do projeto de saúde e de sociedade que temos e que queremos. Também vimos que os conteúdos sobre vida e saúde no território, para incorporar o modo de ver das comunidades, parecem requerer um pensamento complexo. A intervenção "cenopoética" possibilitava a explicitação do conflito e a manifestação de atos-limite capazes de realizar transformações.

A importância dos gestores e trabalhadores ultrapassa uma visão de ciência, razão pela qual Santos (2005, p. 193) a nomeia de *ecologia de saberes*. Aprendemos com a população que a extensão (no fazer da universidade) pode acontecer a partir *do movimento popular*. A produção de conhecimento sobre saúde pela população (pelos grupos populares e movimentos sociais) tem sido sonegada, e a extensão comunitária, do modo como a experiência Ekobé cunhou e viveu, nos traz referências importantes para o diálogo entre saberes, aspecto que o dialogismo em gestão não pode esquecer. Pois não! O cirandeiro Elias quer se pronunciar sobre isso?

ELIAS

Quando a extensão vai ao povo,
É a universidade que sai de si,
É o universo popular que a atrai.
A academia e os acadêmicos,
Os mestres e os doutores
Passam a pisar o chão real
De um saber popular, que também ensina.
Dá-se a troca de valores,
Saberes que se completam e se ajudam.
Quebram-se paradigmas e preconceitos
E anunciam-se novos conceitos.

Quando a universidade se deixa cuidar
E se deixa atrair e se deixa tocar
Pelo saber e pela prática popular,
As ciências se aprofundam
Com novas junções e conexões
Que o popular revela.
É assim que a experiência demonstra
Que, quanto mais encontros,
Mais possibilidade de abraços.

Quando a universidade não se estende
E não amplia o seu olhar
Na direção do universo popular,
O universo ao redor, em movimento,
Apruma o seu olhar na direção
universitária,
Ciente de que o caminho de aprender
É o mesmo de ensinar.
Mas, afinal, que outra extensão popular
Pode haver e haverá de ser?

A extensão popular comunitária!
Como forma de dizer para a universidade
Que o popular vai ao campus
E que o campus precisa vir ao campo!
(SILVA, 2009 Apud DANTAS, 2010, p. 142).

VERA Obrigada, Elias. Muito bem. Lembramos outro aspecto que gostaríamos de destacar dentro desta sinfonia. Tratamos, neste caso, da potencialidade do riso nos processos de acolhimento à comunidade, como também na sensibilização dos profissionais, no sentido de rever a forma de cuidar daqueles que buscam as unidades de saúde. O cirandeiro Honorato nos solicita e assume a palavra.

MÁRCIO Pensamos que nas unidades deve haver lugar para as pessoas se encontrarem com sua criatividade. Deve haver espaços para brincadeiras e imprevistos, que podem ser cuidados de formas mais próprias ao modo de nossa cultura viver o riso.

VERA As aproximações entre pessoas, dentro de contextos cuidados com amorosidade, pode chamar o riso e a sensibilidade para os aspectos brincantes da vida. Bakhtin está aqui para nos lembrar de um aspecto importante.

BAKHTIN O riso chama a cultura da *pluritonalidade*, a libertação das situações de impasse, abrindo as portas ao popular e ao universal. Só as culturas dogmáticas e autoritárias são unilateralmente sérias.

VERA Obrigada. Dando continuidade ao programa, a trilha da humanização nas Cirandas trouxe à cena a linguagem gráfica, mais especificamente a produção de histórias em quadrinhos como possibilidade de formulação teórica. Aí, Canclini nosajuda. Por favor, senhor...

CANCLINI Bem, as histórias em quadrinhos surgem como novas técnicas narrativas, combinando tempo e imagens em um relato de quadros descontínuos, que evidenciam a potencialidade visual da escrita e a dramaticidade, que podem ser condensadas em imagens estáticas. A imagem parece guardar possibilidades expressivas que não trazem os limites do sentido aprisionado pelo conceito.

VERA Obrigada. Também observamos que o trabalho com imagens pode funcionar como síntese de temas geradores que devem ser explorados nas rodas de desvelamento de realidades. O processo foi para nós revelador de potências e sujeitos, de ação-reflexão. Caminhos de autoralidade sobre a humanização: quem sabe algo poético a ser dito por Josenildo?

CENO 1 Com a palavra, o cirandeiro Josenildo.

JOSENILDO Exibe imagens dos quadrinhos.

CENO 1 Obrigado, Josenildo. Seguindo...

TODOS Sinfonia nº 3.

CENO 1 O canto coletivo das escolas. Com a palavra, o cirandeiro Ray Lima.

RAY Esta sinfonia nos convidou a pensar a promoção da saúde na sua interface com a educação escolar, como modo de romper com a fragmentação da gestão e como forma de se aproximar da vida no território. Aqui, a interdisciplinaridade dá o tom do dialogismo entre educação e gestão em saúde, o que se fez por meio também do diálogo da arte com a educação popular. A contribuição das Cirandas como proposta dialógica e problematizadora, na escola, trouxe experiências que chamavam dimensões criativas, tais como as diversas linguagens da arte, os jogos, as narrativas, e apontavam para a inclusão dos vários atores e atrizes que poderiam (e puderam) ter seu

saber comportado na escola, uma vez que trazem o princípio de comunidade também para o diálogo entre gerações vivido ali. Sim, os cirandeiros Johnson e Paulo querem entrar na roda.

PAULO E JOHNSON

A escola que eu quero,
Olha só o que me deram!
A escola que eu quero,
Olha só o que me deram!
Popular, igualitária,
Envolva e me atraia.

A escola que eu quero,
Olha só o que deram!
Loteada, privada,
Fechada para os donos do saber.
Não valoriza o povo,
Tampouco o seu saber.

A escola que eu quero,
Olha só o que deram!
Sistema educacional,
Diretor, senhor feudal,
Mantenedor do sistema formal.

A escola que eu quero,
Olha só o que deram!
Fecha a escola,
Fecha a escola,
Para a riqueza local:
Não cumpre o seu papel.

A escola que eu quero,
Olha só o que deram!
Educação igual à evasão.

Educador que deseduca
Forma o Brasil que caduca
(SOARES; ALBUQUERQUE; PORTO, 2008).

CENO 1 Reflexão sobre a sinfonia nº 3.

VERA Dessa forma, as linguagens da arte resultam em realizar uma espécie de ressemantização das discussões vividas e que tentam atos-limite (atos de transformação das situações-limite), com base nas especificidades das linguagens de cada arte, quando se calça no cotidiano. Para darmos um exemplo:

MÚSICA *Cirandá, cirandê!*
Nessa roda eu também quero entrar!
Cirandê, cirandá!
Pari passu, *nos teus braços rodar.*
Tu me ensinas que eu te ensino
O caminho no caminho.
Com tuas pernas, minhas pernas andam mais (SOARES, 2008).

VERA Assim, foram se dando articulações envolvendo as Cirandas da Vida, unidades de saúde e escolas, em mais de uma Regional. À vontade, Sr. Bakhtin!

BAKHTIN É isto: a polifonia é a harmonização de vozes discordantes, enquanto a monofonia seria quando se apagam as vozes discordantes.

VERA Mais uma vez, obrigada pela grande contribuição para este nosso exercício polifônico. Assim sendo, pode-se dizer que há um exercício polifônico, ainda que embrionário, quando se vê a realização do

planejamento integrado entre escolas, unidades de saúde e atores comunitários (como já se faz no Barroso II) e quando estes segmentos (saúde e educação) articulam com a comunidade o projeto político-pedagógico da escola, como se viu acontecer no Alagadiço Novo. Também aqui se presenciou a inserção da arte na produção de produtos pedagógicos feitos pelos estudantes.

Outro aspecto é a integralidade vista como traço fundamental das propostas que nascem na perspectiva comunitária. Enquanto as iniciativas do Estado trazem em si a fragmentação, as redes comunitárias e as *transversalidades* vividas pela experiência comunitária levantam pontes entre as várias potencialidades locais, que dialogam.

Para isso, abordamos a omissão do Estado no desenvolvimento das propostas de atuação para a juventude em conflito com a lei, como veremos na Sinfonia nº 4. Ao ver falhar o Estado, então, o princípio de comunidade tenta suprir, como pode, as lacunas deixadas pela esfera institucional.

TODOS Sinfonia nº 4.

CENO 1 Com a palavra, o cirandeiro Paulo Albuquerque.

CENO 1 Mostramos o *rap* como narrativa da realidade de jovens em conflito com a lei, e o círculo de cultura brincante, como cena dramática da exploração sexual de crianças e adolescentes. Com a palavra, os cirandeiros Thiago Porto e Paulo Albuquerque.

THIAGO Nosso foco central é a chamada *juventude vida loka*. O trabalho com temas geradores, como se viu, mediado pela arte, resulta em promover a integração do conhecimento junto à ação, o que constitui uma forma particular de problematização conducente à ação. Assim, passou-se a estudar o que para os jovens significava *vida loka.* Para isso, tentamos flagrar muito do que eles vivem e expressam, a fim de saber se tais hábitos problematizavam a violência como situação-limite, buscando considerar concretamente os jovens como sujeitos práxicos.

Pequenos homens
Que não temem
O perigo Mané
Que tão na pista traficando,
Defendendo um qualqué
Não tem sonho, conta com a sorte
Viaja na onda
Mas caminha na estrada da morte
Pequenos homens
Que não temem
O perigo Mané
Que tão na pista traficando
Defendendo um qualqué
Não tem sonho, joga com a vida
Faz a correria no processo de descida
Não teme polícia
Muito menos fala grossa
Juventude na favela
Sociedade esquece
Depois que cresce
É lembrada com frequência
Vira referência da violência
(DANTAS, 2010, p. 298).

PAULO Vemos a necessidade premente de estabelecer diálogos com o princípio de

comunidade, representados, em especial, por essa juventude, cuja participação parece ser sistematicamente sonegada nos espaços da esfera institucional. Viu-se como seria necessário incluir esses olhares e saberes plurais dos jovens em um contexto do diálogo intercultural, como forma de romper com o silenciamento da juventude.

VERA Em meio a tais vulnerabilidades, seria possível nos aproximar do que Fuganti denomina *zonas de indeterminação*, espaços onde é possível despertar paixões alegres, capazes de ativar o *conatus*, no dizer de Spinoza, e promover as potências desses jovens. Comprovamos como há formas de cultura e linguagens da arte submetidas à marginalidade (e que acabam submissas, muitas vezes), como o grafite, o *rap* e outras. Com isso, pudemos ver que a arte traz os estratos de dizer que estão à margem, como estes.

TODOS Sinfonia nº 5.

CENO 1 A rede de arte, cultura e saúde ocupa os espaços públicos com arte. Com a palavra, os cirandeiros Jair Soares e Márcio Firmiano.

MÁRCIO A Sinfonia nº 5 levou-nos a refletir sobre as redes sociais reveladoras da potência da arte nos processos de mobilização comunitária. Estas redes poderiam ser formas de inclusão social.

JAIR Os Escambos de Arte, Cultura e Saúde não conseguiam, porém, envolver as equipes de Saúde da Família. Nosso pensamento sobre saúde coletiva não saberia comportar esse esforço dialógico do movimento popular?

MÁRCIO A arte, em sua polifonia, parece-nos, também, apontar caminhos metodológicos para realizar a suspensão crítica e os ensaios de utopia necessários à problematização das situações-limite, em seu exercício transformador.

CENO 1 Reflexão sobre a Sinfonia nº 5.

VERA O princípio de comunidade e a esfera institucional, em diálogo, traçam saberes e possibilidades importantes, que realçam as dimensões pedagógicas da experiência e as trilhas da educação popular e da saúde, em que os artistas populares possam ser escutados. Os movimentos populares, no dialogismo da gestão, querem ser sujeitos também das ações de promoção que se fazem em seus territórios; querem se dizer como sujeitos históricos; não querem ser vistos (e à sua arte e potência) como meros instrumentos ou tarefeiros que transmitem conteúdos impostos pelos profissionais de saúde ou meros animadores de momentos em que se exercita a pedagogia da transmissão ou do condicionamento; caminho no qual "as políticas de saúde, educação e cultura podem se integrar para que os grupos de arte e cultura das comunidades possam contribuir como agentes"; a *cenopoesia*, como exemplo de linguagem da arte trabalhada pelo movimento popular, os "biomas morfoexpressivos das artes" (LIMA, 2008), o que nos impulsiona para a consideração das possibilidades do diálogo entre as linguagens da arte, na tessitura de um discurso que faz dialogar sujeitos e dimensões.

TODOS Sinfonia nº 6.

CENO 1 O teatro-fórum e a problematização da violência no contexto das mulheres em movimento. Com a palavra, a cirandeira Beth Silva.

BETH A solidariedade exige a corresponsabilização coletiva: é o que se pode depreender da Sinfonia nº 6. O movimento popular articula dimensões subjetivas e políticas e nega essa fragmentação, mais própria da lógica do capitalismo.

CENO 1 Reflexão sobre a Sinfonia nº 6.

VERA A ação de subjetivação (e *sujeitificação*) alcança as interferências no mundo público, em um diálogo com dimensões cujos resultados podem aflorar de grupos pequenos e de ensaios de subjetivação, feitos com a reflexão sobre o feminino.

TODOS Sinfonia nº 7.

CENO 1 A poética da construção de estratégias solidárias nas lutas por moradia e na socioeconomia solidária. Com a palavra, o cirandeiro Elias J. Silva.

ELIAS Na Sinfonia nº 7, com a experiência das feiras de economia solidária e saúde, podemos vislumbrar opções de reinventar o presente e nos insurgir ante o processo de globalização neoliberal, caminhos do dialogismo entre o princípio de comunidade e o princípio de mercado, revelando-nos o valor da dimensão da solidariedade e o compartilhamento das experiências. A diversidade das experiências revela terreno fértil para que se possa promover uma tradução intercultural, que

inclui a arte e as práticas populares de cuidado como expressões singulares dessa experiência, criando zonas de contato para a efetivação do diálogo intercultural. Na experiência com o grupo da moradia se vê a saúde como parte da experiência de emancipação humana. A luta popular pela moradia e pela humanização inclui também a dimensão do acesso não só ao sistema de saúde local, mas também às políticas sociais, de uma maneira mais geral. As possibilidades da educação popular no ordenamento de processos educativos são vistas em uma perspectiva participativa e problematizadora da realidade. Assim, pode-se calcar sobre valores como amorosidade, solidariedade, conquista coletiva e cuidado, com a preservação ambiental, e a artisticidade de todos, tendo o diálogo como princípio fundante dessa abertura à multidimensionalidade da perspectiva da educação popular em saúde.

CENO 1 Reflexão sobre a Sinfonia nº 7.

VERA Vemos a explicitação do arcabouço burocrático do Estado feito barreira à inclusão das organizações populares na efetivação de políticas públicas. Nesse campo tenso, a potência da arte, apesar de não ser compreendida como cultura e saber pelo corpo técnico dessas políticas, constitui-se em linguagem de resistência e voz de emancipação crítica da cultura. É também vista como aprendizado pedagógico importante, que clareia sentidos descobertos no processo de luta da educação popular em saúde. Ao se incluírem na esfera institucional, em meio aos tensionamentos

das políticas públicas locais, realiza-se a mediação entre esses dois espaços. Amparando-se em um saber que se faz na luta popular, e que se alimenta do cotidiano, a luta pela justiça social e pela humanidade dos sujeitos vai renovando as relações sociais no convívio com a diversidade cultural, como também vai laborando novos sentidos e direções para a ação governamental, revitalizando-a, chamando-a a pensar coletivamente e ouvir os contextos concretos das comunidades, seus conhecimentos, desejos e necessidades. Isso, contudo, constitui também um caminho esperançoso e não acontece apenas dessa forma. É como um campo tenso, cheio de recuos e limites, de onde se impulsiona a polifonia necessária para fazer comportar as vozes populares.

TODOS Considerações adicionais.

CENO 1 Senhoras e senhores, estamos chegando ao final de nossas reflexões (alegres) na defesa de nossa ciranda de aprendizagens e pesquisa, bem como de melhores dias para os que vivenciaram conosco esta experiência, assim como para todos os que vivem nos territórios por onde cirandamos. Gostaríamos, portanto, de pedir à Sra. Vera Dantas que tecesse suas considerações finais.

VERA Penso que, para os cirandeiros e as cirandeiras, a sua inserção como atores e atrizes no campo da gestão e, ao mesmo tempo, no campo da militância nos movimentos populares pareceu-nos, em todos os momentos desta tese, o que poderíamos dizer *o ponto nevrálgico desta*

zona de diálogos. Pensamos que o saber e a experiência popular não podem ser desperdiçados na gestão. A arte alimenta uma cultura de saúde na cena social, capaz de dar lugar ao possível diálogo entre o princípio de comunidade e a esfera institucional. De igual modo, a inclusão das Cirandas como roda da educação popular na teia de cogestão da Secretaria Municipal de Saúde e, consequentemente, no espaço de tomada de decisão política revela potencialidades e desafios como espaço instituinte do exercício do poder compartilhado, onde o princípio de comunidade revela *movimentos em potência para exercer o seu protagonismo*, como modo também de contribuir para a formulação de políticas. Política vista não somente como campo de poder ou ciência do Estado, mas como algo inerente ao humano, que ousa instituir-se em movimentos de superação da opressão e da alienação, despertando sua potência transformadora e uma manifestação do que seria a humanidade, enquanto devir civilizatório. Assim, continuemos os passos desta ciranda, que é nossa dança, como diz bem a música da compositora e cantora Ângela Linhares.

MÚSICA CIRANDA NOSSA

Ciranda nossa,
Vai nas praças, sobe morros,
Becos, vilas e cidades,
Vem brincar nas minhas mãos.

Ai, cirandinha,
Parece a felicidade:
Vem de leve, logo e tarde
Vira estrela da manhã,
Corre pelo ar,
Ciranda, pele da canção,
E no breu das noites faz manhãs
(LINHARES; SOARES, 2008).

Foto: Henrique José

Lâminas: Roteiro Cenopoético Baseado no Livro Homônimo

Ray Lima

Músicas: Ray Lima, Johnson Soares e Filippo Rodrigo

Arranjo musical e cifras: Johnson Soares

Arranjos percussivos: Jadiel Lima, Jair Soares e Filippo Rodrigo

Arranjos cenopoéticos: Júnio Santos e Ray Lima

Figurinos: Regina Lima

Grupos Pintou Melodia na Poesia, Poemia do Mundo, Cervantes do Brasil e Bando La Trupe

Com Johnson Soares, Jair Soares, Jadiel Lima, Ray Lima, Filippo Rodrigo e Júnio Santos

Divulgação e produção:
Elias J. Silva/CE, Ednaldo Vieira/CE, Jadiel Guerra, José Terra e Licko Turle/RJ, Henrique José/RN e Ray Lima

GRUPO PINTOU MELODIA NA POESIA
Movimento Escambo Popular Livre de Rua

Parte I

RITUAL DE ENTRADA OU RECEPÇÃO DO LEITOR

AUTOR: Sons Laminados

MÚSICA LÂMINAS – E
Poesia e música: Ray Lima

Lâmina de corte fácil

Lâmina de cortar faces

Faces de palavras face ao mundo

Facetas da vida

CENOPOETA 1

Como ser, em um mundo, lâminas sem ferir nem se deixar ferir?

Como ter o poder de corte e não cair na tentação de mutilar o ser do outro?

Como criar modos de vida seguros para seres tão frágeis, mas tão potentes e perigosos também?

Como desenvolver tecnologias para uma arte de viver em paz?

Como sermos mais humanos em um mundo dominado pela lógica capitalista, em que o humano em nós tem se tornado cada vez menos importante?

CENOPOETA 2
Então, leia!

TODOS LEIA!

CENO 2 Leia você. Leia o que ninguém leu.

TODOS LEIA!

CENO 2 Leia o que ninguém escreveu.

TODOS LEIA!

CENO 2 Leia o que está escrito.

TODOS LEIA!

CENO 2 Leia o que está e não está.

TODOS LEIA!

CENO 2 Leia o que imaginar.

TODOS LEIA!

CENO 2 Leia com fé. Leia como um rito.

MÚSICA LÂMINAS – E
Poesia e música: Ray Lima

Lâmina de corte fácil
Lâmina de cortar faces
Faces de palavras, face ao mundo
Facetas da vida
Lâminas, lâminas
Lami
Lami
Lami
Lami - nados.

CENO 1 *Neste corpo de papel*
onde esfrego a voz
na tinta não te pasmes
quando falo como alguém
perdendo a vida aqui
não há quem nos siga
me jogo no teu interior
pintando com todas as cores
o teor das tentativas –
logo haverá
vulcão
lava
vazando
verão
das tuas mãos
tatuadas de trabalho
sinta o terror
lábios
ácidos
busque
vencê-lo
ÁVIDO RÁPIDO RÁP
(CORDEIRO, 1990, p. 5).

CENO 1 *Trágico beijo*
extertermina coisas
que ainda nem
ousamos esboçar
raro leitor
raríssimo leitor
vê as células
destas letras
estrondando a amargura de
armadura
(CORDEIRO, 1990, p. 5).

CENO 2 O QUE ESTILHAÇA O AMOR?

CENO 1 o tilintar de vidro
na relação gelada
o gume afiado das faces
giletes do ser (universal navalha)
malícia em demasia
carícia em carência?

CENO 2 O QUE ESTILHAÇA O AMOR?

CENO 1 o estilo serrote carrapato
o chato cricri entre-hostil
a entuna eterna torcionária do outro
a arte de amar
o espetáculo
a arte de amar o espetáculo?
a sociedade espetáculo?

CENO 2 a trama o drama?
o drama do vidro na pele – Ai!
o drama do vidro no peito – Ui!
no peito dilacerado
o drama de vidro estilhaçado
no peito em estilhaços?

MÚSICA O SER QUE ME QUER (SAMBA)
(Música e letra: Ray Lima; redefinição melódica e rítmica: Johnson Soares)

O ser que me quer

ao me querer para si

incorporar-se a mim

ele também me é.

Entre o ser e o estar

ao saber discernir

o ser que me quer

ele também me é.

Pense nisso, meu bem.

Veja aí, bote fé,

amar é como ser

um bom chofer:

não andar tão depressa

que atropele

nem tão devagar

que atrapalhe.

Parte II

CENO 1 LÂMINAS! Minha palavra sente porque vive o cotidiano das coisas.

CENO 2 Palavra carregada de tinta em favor dos que tentam às margens.

CENO 1 O menino nu
nascido além de casa
dentro da casa fora de casa
na brasa dos olhos da rua
encarcerado
entre o R e A da rua da palavra
da palavra nua
sem sentido prévio
sem sentido breve
sem nenhum sentido
de ser de viver de amar?

CANTIGA HORIZONTAL COTIDIANO – E
(Música e letra de Ray Lima)

Franzinos meninos

Trouxas na cabeça

Bucho nas costelas

Panela sem feijão.

Toinha e seu Tonho choram quando amanhece;

Irrigam de lágrima e suor o resto no sol;

O pó

Da sombra que réstea no arrebol, capuchos de algodão.

CENO 2 Palavra dá sentido aos não tidos
por esse, nesse, desse mundo.

CENO 1 Palavra mítica, mídia megera, caravelas assassinas de deuses, sentidos e culturas desde a (res)significação infinita das coisas.

CANTIGA NA PELE DA MAMA – F
(Música e letra: Ray Lima; rearranjo rítmico e organização melódica: Johnson Soares)

Na pele da mama
Da mama pálida na pele
Corto prazer
para não morrer sufocado

Lâminamor
Fonte de todos os cortes
Lanhos de lamelar
Laminamor
Lanhos de lamelar
Laminamorar

CENO 1 *Lâmina afirma afia nega*
Lâmina nega afia afirma
Lâmina afiada cega elimina
Lâmina cega elimina a afiada
Lâmina afiada das faces
giletes do ser, universal navalha.

TODOS *Ser lâmina supõe cuidado!*
Cuidado! Cuidado! Cuidado!

CANTIGA NOSSAS RELAÇÕES
(Música e letra de Ray Lima)

Nosso universo

Nossas cabeças

Nosso teto

Nosso olhar

Nosso piso, nossos espinhos:

nossos costumes

nossos coturnos;

nossas relações.

Nossa!

Nossas relações.

Nossa!

TODOS *LÍTERODELÍRIO?*
DELÍRIO
LÍRICO DELÍRIO
LÍRIO
DELÍRIO DELÍRIO
Ahhhh... Lâminas da criação
(fina flor da filosofia).

CENO 1 *Ora, nunca sei o cheiro que exalo*
se de menino
se de veneno
trago a pele madura
de tanto buscar o inalcansável
venho pelo itinerário
atabalhoado
do contemporâneo
antepassado
o mesmo acordar cedo
escarrar azedo
escovar os dentes
adoçar a boca
partir pro salário

todas as mãos brutas
aglomeram-se
nos meus olhos –
anulam a autonomia
impõem a servidão.

Quem usará cocar, camarada
quem andará harmônico
a tenacidade destas mãos?

ah, descerrar estas mãos
ah, amputar estas mãos
será vitorioso ver maneta a opressão
(CORDEIRO, 1990).

CENO 2 Então, para que servem a palavra e a língua?
E os sentidos que a elas damose delas saem?

CENO 1 O que ocorre quando o
ser não pode ver, ouvir e falar?
Quando não tem o direito de
ser escutado, de pensar e escolher?

CANTIGA CACOS CLONADOS
(Música e letra de Ray Lima)

O não poder

rir, cantar, dançar,

ler, crer, criar...

leva o ser ao não-ser

ou a ser

bocados de cacos clonados,

globalizados padrões de ser.

TODOS Artelâminas!

CENO 1 Ser sem roupas nem sapatos. Pronto para o corte rente dos cortes da corte decadente do capital.

CENO 2 Retalhar a cobiça do mercado.

CENO 1 Laminados! Nado em silêncio com a língua entre os dentes para a fina afiação da mente. Natação para ricos, amantes, indigentes todos passíveis de sangrar no singramento, não se sabe por que cargas d'água; todos assumidamente temerosos e capazes de mentir, ferir e ser ferido; todos na iminência de inferir golpes fatais.

TODOS Fatais? Vixe, Maria!

CENO 1 Atenção para o toque de recolher! Todos estão condenados a consumir até a extrema-unção! Todos privados da liberdade de pensar e escolher até não mais ser ou vir a ser.

Parte III

CANTIGA QUE SITUAÇÃO!
(Letra e música de Ray Lima)

Situação:

esse mundo não é nada engraçado;

ricos fingem entediar-se com o mercado;

o mercado, quanto mais nervoso,

tanto mais os pobres nadam em marés;

o mercado, quanto mais nervoso,

tanto mais os pobres nadam em marés de

alegria; domam suas fantásticas utopias

com chicotadas de embriaguez sem pão.

Massa
Massa de manobra
Massa de modelar
Massacre.

CENO 1 Como aconteceu? Nações invadidas em missão de paz e democracia. Atmosfera destruída em nome da economia. Negros escravizados para o progresso do Ocidente. Índios queimados em pleno Distrito Federal. Moradores de rua, trabalhadores do campo, mulheres, jovens e crianças da periferia assassinados diariamente, comunidades inteiras devastadas en *nombre del gran circu de la burguesía insaciable*.

CENO 2 Pressupostos nunca válidos.
Falsos pressupostos.

CANTIGA NOSSAS RELAÇÕES 2
(Letra e música de Ray Lima; redefinição melódica e rítmica de Johnson Soares)

Nosso universo
Nossas cabeças
Nosso teto
Nosso olhar
Nosso piso, nossos espinhos:
nossos costumes
nossos coturnos;
Nossas relações.
Nossa!

Nossas relações.
Nossa!

Forçosa força

A força a forca

CENO 1 *Rambos da política,*
rambos do capital
(da internética,
da antiética,
da indústria bélica).

CENO 2 O que restou desse baita massacre?

CENO 1 *Bocado de molambos*
molhados manchando o chão.

CANTIGA MOLAMBOS
(Letra e música de Ray Lima)

Bocado de molambos
molhados manchando o chão
Bocado de molambos molhados
manchando o chão
Mas o que tinha dentro
era gente ainda
Mas o que tinha dentro
era gente ainda.

CENO 1 Cá de baixo a gente
vê tudo pixititinho; bocado de
molambo embolado flutuando
pelos céus ralando aqui no chão.
Mas quando a gente olha, vê
que o que tinha dentro era gente ainda,
era gente ainda...

CENO 2 O que seria de mim sem essa lâmina de sensibilidade cortando a vida em postas sem ferir as mãos? A ilusão transcende o porvir.

CENO 1 A razão de ser aqui faz-nos seguir sendo uns e outros não. Por isso mesmo, devemos ir além das margens da imaginação.

CENO 2 A terra sem húmus quer ser.

CENO 1 Mas só se for sem esses monstros aluviões do capital, quebrando os ossos da vida, pondo a alma no varal.

TODOS *É no varal!*

MÚSICA É NO VARAL!
(Música de Ray Lima e Johnson Soares)

É no varal!
Humano mano
Com essa mente tão pequena
Olha aí.

Humano mano
Com essa mente tão pequena
Hamano mano
Com essa mente tão pequena
Logo entrará pelo cano

Resta agora abdicar
Desse poder que fere e mata
E nos arrasta
Para uma arena desigual
Onde o boi é bandido,
E a plateia, o oprimido no varal.

TODOS Boca de siri. O papo mixou.

Parte IV

CENO 1 A língua vai desmilinguir-se. A língua sem eco nem expressão seca não baba conversas. A língua é viva, mas pode morrer.

CENO 2 A vida tem limite?

CENO 1 A vida sem sentido dorme.
O ser não é sermão.
O ser não sendo está sem razão.

CENO 2 Ouvi *vuestros* olvidados.

CENO 1 Ouvidos, os mudos?
Os mudos têm língua na boca?

CENO 2 Olho, estão calados.

CENO 1 Bocado de bocas
rebocadas por palavras desbocadas.

CENO 2 Um dia haveremos de ser.

CENO 1 Haveremos de ser com arte antes mesmo de ser pela arte – outro, outros, tantos num só que, de tanto ser, não haverá como mais somente ser desta ou daquela dest'arte.

CENO 2 Nada disso.

CENO 1 Não se trata de avaliar o instante.

CENO 2 Gostei.

CENO 1 Não gostei.

CENO 2 Positivo.

CENO 1 Negativo.

CENO 2 Nada disso.
Nada disso. Nada disso.
Sejamos práticos!

CENO 1 Sejamos práticos coisa nenhuma.
Prática, clara, objetiva e eficiente é a morte.
Morte produzida e vendida nos mercados.
Mercado de morte. Economia de morte.
Cultura de morte. Linguagens de morte.
Mídia mortífera.

CENO 2 Práticas da morte.
Mortemercadoria cara!
Visão de morte envolta nas
máscaras do vazio.
Vida rara em constante desafio.

CENO 1 Falamos de vida.
A vida do poema!
A alma do poema!
A poesia!
O ser e o tempo da poesia.
A biodiversidade da alma no ser
afora os mercados de capitais.

CENO 2 *Só os lacaios*
ficam indiferentes.

CENO 1 *Por isso,*
solte-se, cônjuge – soldado;
solte-se, papa – Papai Noel;
solte-se, fiel – solilóquio
(CORDEIRO, 1990, p. 9).

TODOS Cometas poderes!
Cometas poderes!
Cometas...

MÚSICA COMETA LOUCURAS
(Música e letra de Filippo Rodrigo, Júnio Santos e Patrícia Caetano)

Nem tudo que cai do céu é estrela
Nem tudo que cai do céu é cometa
Cometa loucuras
Que nem tudo que reluz é ouro
Que nem tudo que balança cai
Que nem toda brincadeira tem um fundo de verdade
Que nem tudo que entra sai
Cometa loucuras
Que nem tudo que é claro é dia
Que nem tudo que é escuro é noite
Que nem tudo que é rima é poesia
Que nem tudo que é chicote é açoite
Cometa loucuras

CENO 1 Quanta emoção.
Quantos poemas?
Quantos quilos de poesia seriam necessários para uma intervenção na massa encefálica humana?

CENO 2 Quanto?

CENO 1 Quantos idosos, quantos fetos desafetos da mãe, do pai, do padrasto ou da madrasta sofrem violência e abusos de toda ordem; quantos recém-nascidos cabem na mala, na cuca das pedofilias profana e religiosa; quantas crianças cabem na sacola do supermercado e são atirados pelas janelas dos edifícios ou na lagoa mais profunda?

CENO 2 Quanto?

CENO 1 Quantos litros de poesia cabem na bolsa amniótica ou na trompa de falópio? Quanto de poesia cabe no bolso do coração do ser de qualquer tempo?

CENO 2 Quanto?

CENO 1 Quantos poemas cabem numa bolsa de valores?

CENO 2 Quanto?

CENO 1 Que valor na bolsa tem um verso? Como se negocia um verso? Um verso avesso a moedas? Será que humanos seriam imortais se fosse a poesia moeda forte, universal? Quando o poema, de repente, supostamente acaba, significa dizer que a poesia tem um fim? Quem o principia?

CENO 2 Quem?

CENO 1 Quem o findaria?

CENO 2 Como ficaria o poeta em situação tão adversa?

MÚSICA O POETA DESCANSARÁ NO CÉU
(Música e letra de Ray Lima)

O poeta descansará no céu.
No céu da boca desdentada
sob a tutela da própria língua,
sem respostas, sem o ressentimento de seus restos mortais.

Mas nem por isso ninguém morrerá
à míngua.

Ninguém morrerá em vão.
Todos pagarão o preço justo
por seus devaneios.

Parte V

CENO 2 Será? Será? Será?

CENO 1 Extratoesia!
O que da vida se retira,
em síntese, sumoextrato,
fragrância.
Noutra instância, trato da alma
no mais profundo do tato.

CENO 2 Como será?

CENO 1 Sem as certezas da ciência
tateio no terreno do imedível
antimatemático, onde pluma pesa,
sopro fala, grito cala, palavra ata.
Aqui ideia cria asa, desata, desasa.

CENO 2 E o novo advém dessa atitude?
A poesia?

CENO 1 Do que sente-vê,
pensa-diz do mundo
o autor em vida;
do mundo o que não se tem, mas se anseia;
da vida o que não se vê, mas arrepia.

CENO 2 Como é gerado?
Como podemos chamar o que
sentimos ao criar?

CENO 1 Gerado em sonhos,
tratado a utopias,

haverá de chamar-se
poema sua forma,
sua essência poesia.

CENO 2 Oh!!!

CANTIGA DE ONTO A ONTO
(Música e letra de Ray Lima)

Quando a gente se encontra
é bem mais que um encontro –
o som, a cor, a luz,
aquele onto –
o que haverá de ser
o nosso amor,
estranho amor,
o meu amor por você.
O nosso amor,
estranho amor,
o meu amor por você.

Quando a gente se encontra
é bem mais que um encontro:
o céu apaga, o sol desmancha,
novos astros nascem luz
pra refletir
de ser pra ser,
o meu amor por você.
O nosso amor
de ser pra ser,
o meu amor por você.

Quando a gente se encontra
é bem mais que um encontro.
Contigo aprendo
e me dou conta
do grande ser que há em ti,
do nosso amor,
do que é amar,

do meu amor por você.
Do nosso amor,
do que é amar,
do meu amor por você.

Parte VI

CENO 2 Que são lâminas: do ser às palavras?

CENO 1 São esses trilhões de coisas
que tudo diz ou
nada dizem;
tudo ou nada falam
e vivem incessantemente
(feito gente)
do nascer e do morrer.

CANTIGA SE TIVESSE
(Música e letra de Ray Lima)

Se tivesse que nascer,
eu nasceria.

Se tivesse que viver,
eu viveria.

Se tivesse que morrer,
eu morreria.

Se tivesse que matar:
eu poesia,
eu poesia,
eu poesia,
eu poesia,
eu poesia.

CENO 2 Poesia?

CENO 1 Poesia. Porque se poesia não é visão, nem supervisão; não é religião, nem sentimento; muito menos filosofia, razão pura, possivelmente seja, ao lado do feijão com arroz da vida, sua multimistura.

CENO 2 Mas, afinal, que são lâminas?

CENO 1 Poderíamos dizer que é a arte das relações e da convivência humana. Porém, 'se tudo, como dizem, já foi feito e dito, o que nos resta senão ralar no infinito?'.

CENO 2 Corte de lâminas.

CENO 1 Espetáculo?

CENO 2 Liturgia?

CENO 1 Teatro?

CENO 2 Festa?

CENO 1 Cenopoesia?

CENO 2 Chamem do que quiserem essas lâminas. Mas isso é apenas uma das possíveis leituras.

CENO 1 *Então façamos de vez*
o levante
depois
festas
retretas
cambalhotas
há há há
há há há
cantemos o abrasar dos povos
a opereta operária
a ópera engalanada

com padeiros malabaristas
palhaços motoristas
pedreiros trapezistas
mágicos arquivistas
senhoras!
senhores!
mambembes em frenesim
está aceso o estopim
(CORDEIRO, 1990, p. 7).

CANTIGA ME DÊ AMOR
(Música e letra de Ray Lima)

Um novo amor está pra nascer
ninguém sabe dizer pra quem
mas se é amor deixa vir meu bem
porque amor nem todo mundo tem.

Uma relíquia, uma relíquia é o amor.
Uma relíquia, uma relíquia é o amor.
Uma relíquia, uma relíquia é o amor.
Uma relíquia, uma relíquia é o amor.

Quem tem amor, pelo amor de Deus!
Me dê amor, pelo amor de Deus!
Cure essa dor, pelo amor de Deus!
Me dê amor, pelo amor de Deus!

Uma relíquia, uma relíquia é seu amor.
Uma relíquia, uma relíquia é seu amor.
Uma relíquia, uma relíquia é seu amor.
Uma relíquia, uma relíquia é seu amor.

Quem nunca amou, pelo amor de Deus!
Chegou a hora, abrace o seu.
Tá sem amor, pelo amor de Deus!
Não fique só, lhe oferto o meu.

Uma relíquia, uma relíquia é meu amor.
Uma relíquia, uma relíquia é meu amor.
Uma relíquia, uma relíquia é meu amor.
Uma relíquia, uma relíquia é meu amor.

CANTIGA PARTO
(Música e letra de Ray Lima)

Parto
parto como vim –
sem sofisticagem –
de um ser que era
para ser que sou:
de um suficientemente
incompleto para outro
sempre será sendo.
Parto
do que vi e não vi
do que fui e não fui
do que pude e não pude
do que li e não li
do que preciso conhecer para ser.

Parto do topo da arte –
desta razão de ser
(de algum começo com nenhum
ou talvez ou talvez algum fim).

Foto: Alivre Lima

POSFÁCIO

Vanderléia Daron [41]

A forma amorosa e encantadora de Ray Lima de se comunicar por intermédio da cenopoesia nos conecta com a alma, harmoniza as relações interpessoais e nos desafia profundamente a enfrentar as contradições e os problemas da realidade para transformá-la de forma coletiva.

Sua origem indígena traz a sensibilidade, a força e a resistência de nossos ancestrais e dos povos que historicamente resistem no Brasil e na América Latina. A força da intuição, da criatividade, do amor e da produção de vida em ato faz das intervenções cenopoéticas processos produtores de vida, de alegria e de protagonismo criativo e comprometido com um projeto emancipatório e libertador das pessoas e das classes populares.

Poeta, artista, filósofo, educador, mestre e cirandeiro, Ray Lima nos faz mergulhar na alma, navegar em alto mar enfrentando ventos, tempestades e as marés da vida cotidiana.

Ele nos faz nadar pelas águas dos rios, dos riachos e das cachoeiras de nosso interior, conectando-nos aos nossos ancestrais, às nossas crenças e convicções profundas, à transcendência e à força do amor, da utopia e da esperança. Nos coloca no silêncio das matas e florestas, na harmonia com a mãe terra, o ar, a água e o fogo.

[41] Vanderléia Laodete Pulga Daron é educadora popular e militante feminista do Movimento de Mulheres Camponesas e em grupos de mulheres trabalhadoras urbanas e catadoras de material reciclável. É filósofa e mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo (UPF) e doutoranda em Educação, com ênfase na Saúde, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordena o Ensino no Centro de Educação Tecnológica e Pesquisa em Saúde do Grupo Hospitalar Conceição (Escola GHC).

Com os pés no chão e o olhar nas estrelas, Ray nos desafia e nos impulsiona a cada instante para a entrega encantadora e comprometida com a transformação da realidade injusta e desigual e a construção de uma sociedade de justiça, democracia e solidariedade, das relações humanas permeadas pela reciprocidade, pelo respeito, pela amorosidade e pela alteridade, como também pelo encontro harmonioso e respeitoso com a natureza e com as outras formas de vida.

A cada momento, sempre singular, novas produções e sínteses se fazem no encontro e diálogo entre os diferentes saberes e práticas. A capacidade de integrar as diferentes dimensões do ser humano, da vida, das relações, do poder e saber compartilhados é reveladora da força sábia e inovadora que brota da relação dialética entre arte, ciência, saúde, sabedoria popular e espiritualidade.

A força e a potência da cenopoesia na produção de afetos e vínculos amorosos de mais vida, saúde, dignidade, sabedoria, justiça e solidariedade são algumas das mais belas contribuições com as quais Ray Lima nos presenteia. É mais uma fonte da qual bebemos e que referencia as práticas de educação popular em saúde, assim como a todos(as) que, em sua inquietude e finitude humana, buscam (re)criar e ressignificar seu agir cotidiano.

Foto: Alivre Lima

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D. Mãos Dadas. In: _____. **Reunião**: 10 livros de poesia. 7. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976.

AUGUSTO, C.; MAMEDE, P.; AZARIAS. Para Alcançar. Intérprete: Azarias. In: _____. **20 Anos Icapuí Construindo Cidadania**. Fortaleza: Digital Line S/A, 2004. 1 CD. Faixa 2.

BAKHTIN, M. **A cultura na Idade Média e no renascimento**. São Paulo: HUCITEC; Brasília: UNB,1993.

BOFF, L. **Do iceberg à Arca de Noé**: o nascimento de uma ética planetária. Rio de Janeiro: Editora Mar de Ideias, 2002.

BONAVIDES, P. **Teoria constitucional da democracia participativa**: por um Direito Constitucional de luta e ressitênci: por uma nova hermenêutica: por uma repolitização da legitimidade. São Paulo: Malheiros Editores, 2001.

BRANDÃO, C. R. Círculo da Cultura. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

BRECHT, B. O Todos o Ninguno. In: BRECHT, B. **Poemas y canciones**. 1968. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/108897827/Poemas-y-canciones-Bertolt-Brecht>. Acesso em: 8 out. 2012.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

CORDEIRO, Z. Metaleitor. In: LIMA, Ray; CORDEIRO, Z. **Linhas Cruzadas**. Rio de Janeiro: Gráfica Rede MV1, 1990.

DANTAS, V. Olhares sobre o mangue. Intérprete: Vera Dantas. In: _____. **Sinfonias para uma ciranda da cidade**. Fortaleza: [s.n.], 2008. Disponível em: <http://palcomp3.com/cirandasdavida/#!/olhares-sobre-o-mangue>. Acesso em 7 de out. de 2012.

DANTAS, V. L. A. **Dialogismo e arte na gestão em saúde: a perspectiva popular nas Cirandas da Vida em Fortaleza**. 2010. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Saúde Publica, Faculdade de Educação, Fortaleza, 2010.

ECO, U. **Obra aberta**: debates. São Paulo: Editora perspectiva, 1976.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 14. impr. Rio de janeiro: Ed. Nova Fronteira, [198?].

FREIRE, M. O que é grupo. In: GROSSI, E. P.; BORDIN, J. **Paixão de Aprender**. São Paulo: Vozes: 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1989.

LIMA, R. Aos que não nasceram naquele raríssimo inverno. In: _____. **Nhandupo nhandu ema nhanduiema nhandupoiema**. Mossoró: Editora Queima Bucha 1994. p. 85-86.

_____. **Atos para a infância**. [S.l.]: [s. n.], 1998.

_____. Cartilagens tensionando, conflitando, sem atritos. **Jornal A Gargalhada**, São Paulo, nº 18, p. 5, out./nov. 2010. Disponível em: <http://www.buracodoraculo.com.br/jornal_out2010.pdf>. Acesso em: 7 out. 2012.

_____. Cirandas da Vida. Intérprete: Ray Lima. In: _____. **Sinfonias para uma ciranda da cidade**. Fortaleza: [s.n.], 2008. Disponível em: <http://palcomp3.com/cirandasdavida/>. Acesso em: 7 out. 2012.

_____. **Deusa da rua e as três fases da lua**. [S.l.]: [s.n.], c1995.

_____. **Lâminas**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.

_____. **Pelas ordens do Rei que pede socorro**. Fortaleza: Editora Expressão Gráfica, 2012.

_____. Roteiro cenopoético. In: _____; DANTAS, V.; SOARES, J. **Curso de terapia comunitária**: oca de índio: projeto quatro varas. Beberibe: [s.n.], 2008.

_____. **Tudo é poesia I**. Mossoró: Editora Queima Bucha, 2005.

_____. **Ultrapassagens**. Fortaleza: Editora Expressão Gráfica, 1994.

LIMA, R.; SOARES, J. Cirandas do Balão. Intérprete: Carlos Careca. In: _____. **Sinfonia para uma ciranda da cidade**. Fortaleza: [s.n.], 2008. Disponível em: <http://palcomp3.com/cirandasdavida/#!/ciranda-do-caminho>. Acesso em 7 out. 2012.

LINHARES, A.; SOARES, J. Ciranda nossa. Intérprete: Ângela Linhares. In: _____. **Sinfonia para uma ciranda da cidade**. Fortaleza: [s.n.], 2008. Disponível em: <http://palcomp3.com/cirandasdavida/#!/ciranda-nossa>. Acesso em: 7 out. 2012.

PESSOA, F. **Ficções de interlúdio**. Rio de Janeiro. Editora Nova Aguilar, 1977.

_____. **Guardador de rebanhos**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1977.

SANTOS, B. S. A Universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. **Educação, Sociedade & Culturas**, Porto, n. 23, p. 137-202, 2005. Disponível em: <http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC>. Acesso em: 18 out. 2012.

SANTOS, J.; SILVA, E. J.; SOARES, J. Quero saúde humanizada. Intérprete: Carlos Careca; Johnson Soares. In: _____. **Sinfonia para uma ciranda da cidade**. Fortaleza: [s.n.], 2008. Disponível em: <http://palcomp3.com/cirandasdavida/#!/ciranda-nossa>. Acesso em: 7 out. 2012.

SILVA, J. E. **Ciência vida da arte**. [S.l]: [s.n], 2011. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/ensaios/2905434>. Acesso em: 8 out. 2012.

SOARES, J.; ALBUQUERQUE, P.; PORTO, T. Produção coletiva em Oficina Cirandas nas Escolas. In: PREFEITURA MUNICIPAL FORTALEZA. **Relatório Anual Cirandas da Vida:** 2008. Fortaleza: [s.n.], 2008. Mimeo.

_____. Ciranda do caminho. Intérprete: Carlos Careca. In: _____. **Sinfonia para uma ciranda da cidade**. Fortaleza: [s.n.], 2008. Disponível em: <http://palcomp3.com/cirandasdavida/#!/ciranda-do-caminho>. Acesso em: 7 out. 2012.

_____. Eu quero saúde. Intérprete: Giordano Bruno. In: _____. **Sinfonia para uma ciranda da cidade**. Fortaleza: [s.n.], 2008. Disponível em: <http://palcomp3.com/cirandasdavida/#!/eu-quero-saude>. Acesso em: 7 out. 2012.

TOURAINE, A. **Palavra e sangue**: política e sociedade na América Latina. Campinas: Unicamp; Trajetória, 1989.

ISBN 978-85-334-1993-3

DISQUE SAÚDE
136
Ouvidoria Geral do SUS
www.saude.gov.br

Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde
www.saude.gov.br/bvs

SUS

Ministério da
Saúde

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA